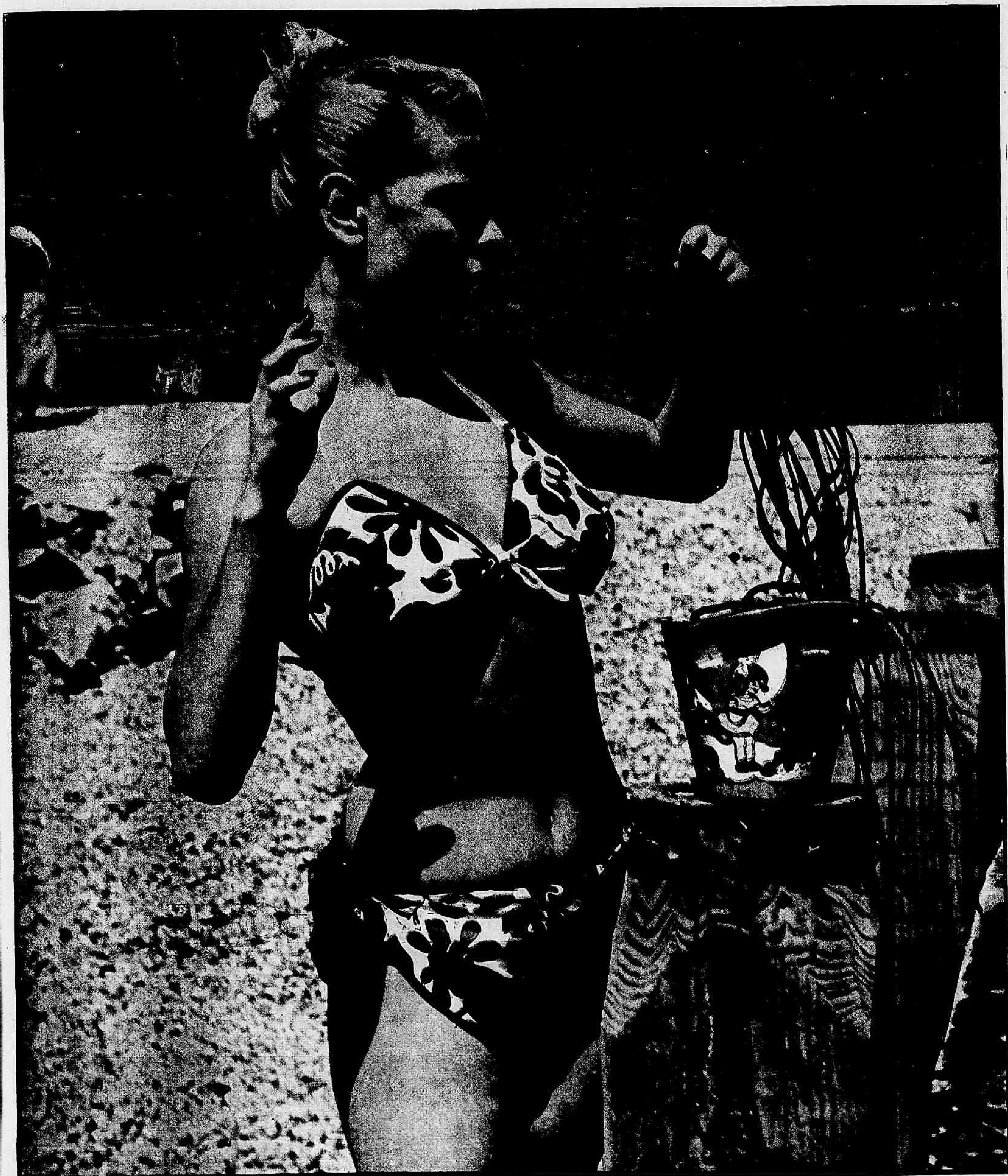
REVISTA DA SEMANA

Nº 45 ★ 11-11-50

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO:

JULIO LOUSADA, O LOCUTOR DA AVÉ MARIA


CUTIS
impecável
Pó de arroz
MADERAS DE ORIENTE
e rouge UN RUBOR
MYRURGIA


maderas de oriente
MYRURGIA


UN RUBOR

O HOMEM QUE RECEBEU A PALAVRA DE HUMBERTO DE CAMPOS

ÊLE DESCONHECIA O ANDAMENTO DO QUESTÃO SÔBRE OS CAPÍTULOS INÉDITOS DO "DIÁRIO" ★ E NÃO QUER NOVAS COMPLICAÇÕES ★ "O SÁBIO JUIZ", UM CONTO INSPIRADO NA DEMANDA DE 1944 ★ AS PRIMEIRAS MENSAGENS ★ "PREPARE-SE, MENINO, TEMOS MUITO QUE FAZER..." ★ CHICO VIVEU, NA REALIDADE, UM EPISÓDIO QUE DANNY KAYE IMITOU NO FILME "O INSPETOR GERAL".

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

JÁ dissemos, em edição anterior, que Francisco Cândido Xavier não manifestou o menor desejo de falar sôbre o momentoso caso do "Diário" de Humberto de Campos. Pelo contrário, tentou, quanto possível, desviar o assunto, confessando-se por inteiro alheio ao desenrolar dos acontecimentos no Rio. Fomos nós que lhe explicamos o conflito surgido, que lhe relatamos a disparidade de opiniões, mesmo entre os herdeiros do romancista: enquanto uma filha sugére a destruição dos originais inéditos, os dois filhos, Henrique e Humberto, e lògicamente também a viúva, mostram-se irredutíveis no propósito de dar à publicidade os apontamentos que durante dezeseis anos dormiram o sôno da paz nos cofres da Academia Brasileira de Letras.

Chico Xavier mostra-se curioso, isso sim. Exclamações sáem-lhe dos lábios, pequenas frases de espanto:

— Que coisa! Óra veja! Quem havia de dizer...

Mas quanto a consultar o espírito de Humberto pai — nada, absolutmente nada. Foi preciso contornar a situação e aludir à sessão que nessa mesma noite deveria realizar-se no Centro Espirita Luís Gonzaga. Nessa altura o nosso amigo consentiu:

— Se resultar possível a obtenção das respostas, muito bem. Mas, seja como fôr, quero deixar bem esclarecido que nada tenho a ver diretamente com o assunto. O senhor compreende, basta de incidentes. Tudo quanto seja viàvel para concertar a situação, deve ser feito — mas sem novas complicações, compreende...

Entretanto, é fóra de duvida que as mensagens do "mais vivo dos mortos" — como acertadamente o definiu Henrique Pongetti — continuam chegando. Os livros ditados "pelo espírito de Irmão X" aí estão para demonstrá-lo. Nunca maios o nome de Humberto de Campos foi mencionado nêsses volumes; nos que se editaram depois do incidente de 1944. Mas os entendidos no crédo espírita não escondem a sua convicção de pertencerem ao escritor maranhense as obras que a Federação Espirita Brasileira vem sempre editando.

— E' o mesmo estilo, é a mesma forma — dizem-nos os que já leram o "Lázaro Redivivo". E' Humberto sem tirar nem pôr. E quem pesquizar com atenção os contos aí insertos, há de encontrar muita "carapuça" para episódios ocorridos na vida humana, inclusive os relacionados com os incidentes da psicografia.

Outro vai, muito alem:

— O senhor ieu na página 98 do "Lázaro", o conto "O Sábio Juiz?" Pois então leia — e diga se a parábola de Salomão, rei dos israelitas, não diz respeito à proibição imposta ao espírito de Humberto, de continuar "baixando" e ditando a sua literatura por intermédio do Chico...

— Não tenha a menor duvida, amigo. Irmão X é pseudônimo de Humberto de Campos, mesmo quando sua semelhança com o Conselheiro XX, — pseudônimo que Humberto usou no início da sua carreira — seja méra coincidência...

Damos, em outro local desta edição, o conto referido, "O Sábio Juiz". Julguem-no os leitores, aquêles que tiverem amplo conhecimento do episódio judicial em que andaram envolvidos a Federação, Chico Xavier e os herdeiros do romancista, há seis anos passados.

★

Recordamos agora um pormenor da nossa primeira entrevista com o médium. Foi em julho de 1944, quando o procuramos também em Belo Horizonte e Pedro Leopoldo. Dele quizemos um esclarecimento sôbre quando e como recebêra pela primeira vêz a incumbência de psicografar as obras de Humberto:

— "Foi três meses depois dele ter desencarnado — respondeu Chico Xavier. E foi durante a noite. Estava deitado, tentando adormecer, quando meus olhos, bem abertos, se deslumbraram com uma visão surpreendente. Era uma linda árvore, tôda de cristal, no tronco, nos galhos, nas fôlhas, cristal que, balançando ao vento, tinia e espalhava sons de uma divina harmonia. Depois, por detrás da árvore, surgiu a figura de um homem baixo, gordo, "muito feio mas muito simpatico". Pouco tempo antes, havia aparecido o meu "Parnaso de Alem Túmulo". E foi a êsse livro que aludiu o homem, dizendo-me:

— E' você o menino do "Parnaso?"

Respondi que sim. Desde então, freqüentemente voltou a me aparecer, dizendo sempre:

— Prepara-se, menino, temos muito que fazer...

E foi quando comecei a receber as suas mensagens. Cada noite destinava uma ou duas horas para êsse mistér".

★

Já dissemos que as perguntas ao "espírito", fomos redigí-las na mesa de um bar, antes da sessão, lá mesmo em Pedro Leopoldo. E ao encontrar o médium, à porta do Centro, a êle as entregamos. Tanto quanto nos foi possível observar, Chico Xavier não chegou a ler o que haviamos escrito, apressadamente, a lapis, porque até o início dos trabalhos permaneceu ao nosso lado. Quando êles fôram começados, tomou seu lugar à mesa, passando a escrever, por espaço de duas horas, o receituário para as centenas de cartas que se encontravam à sua frente, na mesa. Entre as cartas, de mistura, ficaram as nossas seis laudas, que êle preencheu com as respostas, ainda no curso da sessão. Quando o "guia" ordenou o encerramento dos trabalhos, Chico Xavier posou o lapis, esfregou os olhos, remexeu-se na cadeira — estava, até então, com os pés fóra dos sapatos — levantou-se e falou:

— Vou lêr a mensagem recebida esta noite. Trata-se de uma resposta ás consultas que nos fôram solicitadas pelo jornalista aqui presente...

E leu. Em tôrno, os assistentes quedavam-se em suspenso, à simples enunciação do nome do escritor. Tudo muito simples, muito ás claras, sem subterfugios ou sofismos.

★

Terminada a sessão, antes do nosso regresso a Belo Horizonte, ainda sobrou algum tempo para conversar com o médium. Inicialmente, veio à baila um episódio qualquer, em que se aludia aos percalços de quem veio ao mundo dotado do privilégio de "vêr" ou "ouvir" os sêres de alem-túmulo. E Chico Xavier relatou um incidente ocorrido quando, há mais de vinte anos, começava a interessar-se pelo espiritismo:

— Naquele tempo eu trabalhava em Belo Horizonte, num bar modesto. Éra empregado de balcão. Tinha de servir a freguesia, que na sua maior parte ia tomar o seu trago. O patrão andava mal de vida, os negócios iam desfavoráveis. Uma noite, entrou no bar um rapaz bem trajado, que por alí ficou, de parte, observando o movimento, talvêz esperando algum amigo. Foi quando entrou um pobre homem, aproximou-se do balcão e me pediu uma dóse de paratí. Serví-o,

(*Continua na pág.* 51)

Cajueiro plantado por Humberto de Campos quando ainda criança.





Chico Xavier quando era ouvido em São Leopoldo, pelo autor desta reportagem.

NÃO desconheço minha pesada responsabilidade moral, no momento, quando o sensacionalismo abre torrentes de amargura em tôrno de minha alma.

Recebeu-me a Federação Espírita Brasileira, generosamente, em seus labores evangélicos, publicam-me as páginas singelas de noticiarista desencarnado, concedendo-me o ingresso na academia da espiritualidade. E continuei conversando, com os desesperados de todos os matizes, voluntàriamente, como o hóspede interessado em valer-se da casa acolhedora.

Tudo ia bem, no trabalho a que me propus, desde o instante em que a morte me confundiu as vaidades literárias, mas sempre paguei o mais alto preço pelo vinho amargoso das letras.

Esqueci-me de que o pseudônimo é o refúgio dos escritores incompreendidos e, como a legislação de meu País não decretou, até agora, qualquer medida de restrição ao uso do nome dos "mortos", por êles mesmos, acreditei na possibilidade do esfôrço perseverante e tranqüilo, continuando a usar o meu no intercâmbio com os famintos da felicidade, com quem fiz causa comum desde muitos anos.

Eis, porém, que comparecem meus filhos diante da Justiça reclamando uma sentença declaratória. Querem saber, por intermédio do direito humano, se eu sou eu mesmo, como se as leis terrestres, respeitabilíssimas embora, pudessem substituir os olhos do coração.

Abre-se o mecanismo processual, e o escândalo jornalístico acende a fogueira da opinião pública. Exigem meus filhos a minha patente literária e, para isso, recorrem à petição judicial. Não precisavam, todavia, movimentar o exército dos parágrafos e atormentar o cérebro dos juízes. Que é semelhante reclamação para quem já lhes deu a vida de sua vida? Que é um nome, simples ajuntamento de sílabas, sem maior significação? Ninguém conhece, na Terra, os nomes dos elevados cooperadores de Deus, que sustentam as leis universais; entretanto, são elas executadas sem esquecimento de um til.

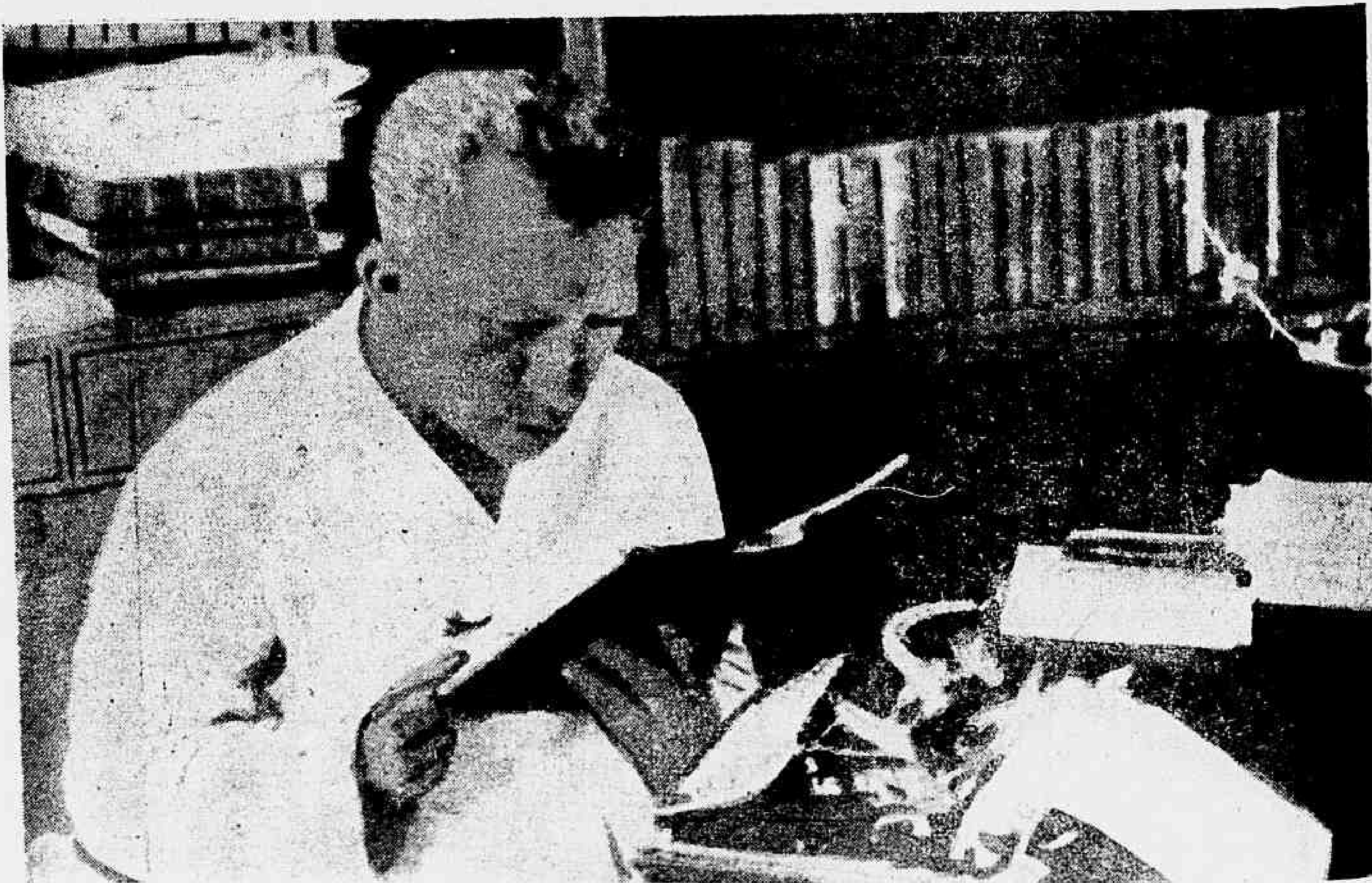
Na paz do anonimato, realizam-se os mais belos e os mais nobres serviços humanos.

Quero, porém, salientar, nesta resposta simples, que meus filhos não moveram semelhante ação por perversidade ou má fé. Conheço-lhes as reservas infinitas de afeto e sei pesar o quilate do ouro da carinhosa admiração que consagram ao pai amigo agora distanciado do mundo. Mas que paisagem florida, em meio do mato inculto, estará isenta da serpe venenosa e cruel? E' por isto que não observo

"NÃO PERTURBAREI O SOSSÊGO DOS QUE

EM julho de 1944, quando o nome de Humberto de Campos ficou mais uma vez em forte evidência com a publicação das mensagens psicografadas pelo médium Francisco Cândido Xavier, foi divulgada uma revelação que a seguir reproduzimos, incluída nos trechos da Contestação apresentada pelo dr. Miguel Timponi, advogado da Federação Espírita Brasileira, naquele memorável caso. Desde então deixaram de ser recebidas outras mensagens do escritor, passando elas a vir, porém, sob o pseudônimo de "Irmão X". No momento em que novamente se discute a obra de Humberto de Campos, e quando seus herdeiros, por fôrça das contingências, são levados a discutir o caso até pelo microfone de uma grande emissora, é oportuno reler a discutida mensagem, psicografada na noite de 15 de julho daquele ano:

★



Humberto de Campos no seu gabinete de trabalho, lendo e escrevendo de pijama. Era assim que êle confeccionava suas memoráveis crônicas então publicadas em diversos jornais.



Foi nesta máquina de escrever portatil que o escritor maranhense produziu a maioria de suas obras. Hoje está na séde da A.B.I.

êsse problema triste, como o fariseu orgulhoso, e sim como o publicano humilhado, pedindo a bênção de Deus para a humana incompreensão.

Não perturbarei o sossêgo dos que ficaram. Prometo aos meus filhos não incomodá-los, fazendo-me sentir em minha renovação espiritual. Estejam tranqüilos e felizes, no aprendizado da Sabedoria, soletrando o velho alfabeto da experiência. O que não lhes posso prometer é a representação do papel do mágico da esquina, através de demonstrações ociosas, que me fariam regressar, talvez, à neurastenia crônica dos meus últimos dias terrestres, quando gatucava a minha bengala de enfêrmo, no silêncio da amargura íntima ou no barulho da desesperação.

Além disso, não creio seja o processo judicial o livro de entendimento entre os filhos afetuosos e o pai saudoso e amigo. Encontrar-nos-emos, em silêncio, sem os ruídos do mundo e as imperfeições da forma, no santuário do coração.

Diante, pois, do complicado problema em curso, ajoelho-me no altar da fé, rogando a Jesus inspire os dignos juízes da minha causa, para que façam cessar o escândalo em tôrno de meu espírito, considerando que se o próprio Salomão funcionasse nesta causa, ao encarar as dificuldades do assunto teria, talvez, de imitar o gesto de Pilatos, lavando as mãos...

FICARAM”



Retrato oferecido por D. Ana de Campos Viras, mãe de Humberto de Campos, a Chico Xavier.

O SÁBIO JUIZ



Humberto de Campos

SALOMÃO, o sábio rei dos israelitas, desde a célebre decisão entre as duas mães que disputavam o mesmo filho, no princípio do seu reinado, tornara-se famoso juiz, além de soberano generoso e magnificente. Reverenciavam-no tôdas as tribos judaicas, abençoando-lhe o nome e respeitando-lhe o poder. Em razão disso, além de suas pesadas atribuições administrativas, era obrigado a atender a mil e uma questões dos súditos, que se aproveitavam de sua sabedoria, nos casos da vida particular. Assim começou a história o simpático ancião do plano superior, que nos visitava, a propósito de certas preocupações que nos prendiam à Terra. Finda a longa pausa, durante a qual conservou sôbre os nossos o seu olhar muito lúcido, o velhinho prosseguiu:

— Foi assim que apareceu no reino uma questão estranha. A família de Natan, filho de Belazel, morto desde muito tempo, recebeu alguns papiros, onde se liam mensagens amigas, assinadas por êle, por intermédio de uma pitonisa de Jope, especializada em relações com os espíritos dos mortos. Natan, que não mais pertencia ao mundo dos homens de carne, tinha o cuidado de não interferir em qualquer assunto pròpriamente humano, para não invadir a esfera de ação dos velhos amigos que deviam caminhar por si, aprendendo com a própria experiência. Comentava as realidades espirituais, referindo-se, de maneira velada, às situações e coisas do novo país a que fôra chamado a viver. Entretanto, antigos companheiros seus manifestaram-se absolutamente hostis. Impossível que Natan, patriarca respeitável e amante da lei, voltasse do outro mundo escrevendo aos afeiçoados. Iniciaram-se discussões em tom discreto. Negociantes de cabras e carneiros transportaram o assunto de Jerusalém para a Arábia e da Arábia para a Fenícia.

Em vista das grandes dúvidas surgidas, encaminhou-se o problema ao esclarecido critério de Salomão. Os descendentes de Natan exigiam o pronunciamento da Justiça, em sentença insofismável.

O rei examinou o caso e esclareceu que precisava tempo para decidir. Sentia-se espantado. Resolvera já muitos processos de herança e partilha, onde os mortos compareciam como ausentes, em definitivo, e sem representantes legais, mas nunca lhe surgira um problema, em cuja solução devesse considerar direitos e obrigações daqueles que haviam atravessado o horizonte sombrio da morte. Por isso, estudou e meditou dias e noites, ponderando sôbre a reclamação havida. Poderia, de fato, emitir um laudo declaratório? Como decidir uma pendência em que haviam partes interessadas no outro mundo? Seria razoável considerar apenas o direito dos súditos vivos? E os súditos que haviam partido para a morte, confiantes na Justiça do reino? O morto, certamente, havia dado o conteúdo dos papiros à pitonisa de Jope, sem qualquer constrangimento, e por sua espontânea vontade. Seria crime obsequiar alguém? Como impedir no mundo o sagrado direito de dar? Extinguir o intercâmbio da amizade entre as almas seria o mesmo que interromper o curso das bênçãos divinas. Jeová, o Magnânimo Senhor, não dava ao seu povo misericórdia e saúde, fortaleza e esperança todos os dias?

Muitos áulicos do palácio exigiram-lhe perseguições à pitonisa, porque essa cometera a falta de receber as dádivas de um amigo morto. Outros vieram rogar para que o rei poderoso e sábio, ao invés de uma declaração, emitisse sentença condenatória. As supostas mensagens, segundo a lei do Povo Escolhido, não passariam de miserável embuste.

Salomão, porém, sabia que, apesar da severa proibição do Deuteronômio, que vedava o comércio com os mortos, Saul, antecessor de David, seu pai, fôra consultar uma pitonisa em Endor, antes da batalha de Gelboé, junto da qual recebera preciosas verdades do Espírito de Samuel. Em são juízo, portanto, a ninguém podia condenar.

Corria o tempo sôbre o assunto, quando o povo, sabendo que a Justiça abriria tribunais para ouvir os mortos em suas decisões, começou a pedir audiências ao rei, suplicando-lhe a interferência em seus casos privados. A viúva de Caleb, filho de Jefté, rogava que o espôso falecido viesse renovar o testamento, expulsando os sobrinhos da velha propriedade. Eliezer, filho de Josué, o coxo, queria que o espírito de seu pai repartisse de novo os camelos, de que o seu irmão Natanael se havia apropriado indèbitamente. Jerobão, velho patriarca da tribo de Issachar, pediu que o grande juiz ouvisse sua mulher, já falecida, relativamente aos legados que pretendia deixar para os seus oito filhos. Efraim, filho de Matatias, o mercador de jumentos, desejava que a alma de seu avô regressasse do além para esclarecer a situação do seu genitor, deserdado pela cupidez dos parentes. E até Zafira, mulher de Jeremias, filho de Heber, veio suplicar uma informação do outro mundo, sôbre quem seria o pai de Ruth, a pequenina enjeitada à sua porta.

Salomão, por mais de trinta dias, concedeu audiências incessantes e recebeu as mais estranhas rogativas, acabando por compreender que a Justiça Humana era organizada para pessoas humanas e que, de modo algum deveria invadir os extensos e misteriosos domínios da Morte, sob pena de complicar todos os as untos da vida, incentivando angústias e tormentos da Humanidade.

Em razão disso, com grande surprêsa para os súditos irrequietos, devolveu os papiros aos descendentes de Natan, esclarecendo que a Justiça era um templo sagrado e não podia constituir-se em órgão de consultas sem interêsse fundamental para a vida dos homens.

Calara-se o ancião, mas nós outros, que lhe escutáramos a história, atentos à sua palavra cheia de luz, indagamos, involuntàriamente:

— Afinal, que disse o rei aos sábios de seu reino? No fundo, qual era, de fato, a sua opinião?

O velhinho sorriu com inteligência e acentuou:

— Salomão esclareceu aos áulicos e aduladores do seu palácio que respeitava Jeová e fazia o culto da reta consciência; que a sua sabedoria não dava para descortinar o mistério do país dos mortos; que se algum espírito voltasse do túmulo a comunicar-se com as pessoas terrestres, ninguém deveria preocupar-se com o seu nome e sim a substância de suas palavras e que se o comunicante ensinava o bem devia ser considerado emissário dos Céus e ouvido com atenção, e se transmitia o mal deveria ser interpretado como mensageiro do Inferno e esquecido para sempre.

IRMÃO X

(Do livro “Lázaro Redivivo”, de Francisco Cândido Xavier — mensagens mediúnicas de alto valor moral, doutrinário e educativo, transmitidas “pelo Espírito do Irmão X”).

REVISTA DA SEMANA
ANO LI ★ 45 ★ 11-11-1950

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

ONDE MORA?



O recenseamento dêste ano vem mostrar, não sòmente quantos somos, como ainda de que espécie somos. O homem é um produto do meio, da hereditariedade e da educação, fatores decisivos na sua formação moral e física. Já que não sofremos os efeitos pigmentares do mimetismo, uma vez que a natureza não teme que sejamos devorados por outros bichos mais fortes do que nós, experimentamos, porém, o mimetismo moral e psíquico. Morar num palacete, dispor de confôrto, de luxo, é tornar o indivíduo sempre eufórico, sem problemas, sem perturbações. Mas, quando a pessoa se vê obrigada a morar numa sepultura vazia de um cemitério, nos galhos de uma árvore, num velho vagão abandonado, em tocas e furnas às abas das serras, isso é regredir às épocas das cavernas, quando o homem semelhava um bicho selvagem. Pois é isso, leitor, que sucede com centenas e talvez milhares de pessoas por êste Brasil imenso, não se falando nos selvagens. Vejam o que divulgou o «Diário da Noite» do dia 22 de Outubro sôbre as curiosidades do recenseamento em Petrópolis. Na falta de habitação, muita gente mora em tocas, no alto das árvores e até no cemitério! E vêm os nomes e as identificações. Numa casa assobradada daquela cidade, moram setenta pessoas! No 4º distrito, em Secretário, Maria Corina, viuva, mora sôbre uma árvore! Imitando o «João de Barro», pregou tábuas e lata entre galhos e lá se ficou. Num outro ponto, uma avozinha mora com seus netos num buraco de mina abandonada. O Sr. Francisco Carvalho, com 70 anos, mora numa furna. E no cemitério velho, há mais de 500 pessoas...

HAPPY BIRTHDAY



Parabens, ONU! Cinco anos de teimas e discussões, com uma guerra para téste de eficiência em favor da paz mundial. No Rio não foram de muito realce as comemorações da passagem do 5º ano de vida da entidade mundial; mas, em S. Paulo, o Rotary Club realizou solenidades de grande relêvo. Dentre as solenidades levadas a efeito na capital bandeirante, destacou-se a sessão magna no Teatro Municipal, com a nota de sensação, que foi a presença do General Carlos Rômulo, secretário das Relações Exteriores das Filipinas, chefe da Missão Filipina junto às Nações Unidas e ex-presidente da Assembléia Geral da ONU. O mundo continua a desejar, ardentemente, épocas permanentes de paz. Assim como depositou confiança na velha e desacreditada Liga das Nações, sonho irrealizado de Wilson, volta as suas esperanças para a atual Organização das Nações Unidas, como a fiadora da paz entre os povos. O Brasil, que, tanto pelos seus homens mais eminentes, como pelas tradições de seu povo, é um dos mais fortes esteios da Sociedade das Nações articuladas pelos ideais da ONU, sente-se feliz ao registrar as solenidades em honra à jovem aniversariante. Para mantrar as solenidades em honra à jovem aniversariante. Para manter-se a paz é preciso ter-se fé, lutar-se por ela, fazer o que sempre fizeram os nossos govêrnos, o nosso povo e os nossos constitucionalistas. Foi o Brasil o primeiro país do mundo que considerou a guerra fora da lei, inscrevendo em sua constituição republicana, aquêle princípio de cordialidade internacional que provocou surpresas na Europa. Agora, com a ONU, compete-nos redobrar de vigor em favor da Paz e prestigiar a Organização das Nações Unidas, como base da felicidade geral.

SEMANA DA CRIANÇA



Terminou mais uma «Semana da Criança». Todos os anos, por esta época, há vultoso material de propaganda pregado aí pelos postes e tapumes, aconselhando a melhor maneira de alimentar a criança e de protegê-la contra agentes perturbadores. Conferências são pronunciadas, especialistas em nutrição e educação infantil sobem as tribûnas e escrevem em jornais e revistas, apresentando téses e comentários de grande beleza de forma e realidade objetivas. Mas, infelizmente, é enorme e cada vez mais elevado o índice de mortalidade infantil em nossa pátria. Que fazer? Os poderes públicos procuram realizar algo de eficiente para deter a mão da morte sôbre os lares menos protegidos pela fortuna. A iniciativa particular se esforça e, por vezes, recebe do govêrno algum auxílio para combater a marcha da morte entre as crianças. Mas, o problema continua insolúvel e cada vez mais grave. Já não falando da população infantil das cidades, onde a garotada menos protegida pelos recursos paternos se converte em massa de indigentes e subnutridos, examinemos o que se passa nos campos, nos sertões mais longínquos. A criança da roça é, via de regra, opilada, doente, mal alimentada, triste, sucumbindo aos poucos. Cresce com o amarelão e a indolência, a ociosidade a pesar-lhe nas costas como um fardo pesadíssimo. E' pessimista, indiferente ao progresso do mundo porque se encontra doente, exausta, sofrendo por todos os lados. E quando é sadia e assim cresce, deixa os campos e vem tentar a vida nas metrópoles. As «Semanas de Crianças», devem servir de outros motivos para resolvermos o problema, velho e alarmante.

CRIAÇÃO DE HIPOPÓTAMOS



O nosso Jardim Zoológico melhora dia a dia. Brèvemente, se não houver solução de continuidade, pode o Rio orgulhar-se de possuir um dos mais completos «zoos» do mundo. Agora mesmo acabam de chegar outros especimes raros e caros, destacando-se dentre eles um hipopótamo, que custou nada menos de duzentos mil cruzeiros. Isso faz pensar na necessidade de fundar-se por aí pela baixada fluminense uma fazenda para criação de tais bichos. Ora, se o hipopótamo que nos chegou para a fauna do nosso Jardim Zoológico da Quinta da Boa Vista, com dois anos de idade, apenas, custou duzentos contos de réis, chegamos à conclusão de que êsse animal, perfeitamente aclimatável em nosso tropicalismo, oferece grandes possibilidades a quem os criar como quem cria bufalos e zebús. O que podem argumentar é com a carência de mercados, pois nem sempre há necessidades de hipopótamos em zoológicos; mas isso não é argumento sólido, e podemos estabelecer um círculo vicioso: não há jardim zoológico porque não há hipopótamos, assim como não há hipopótamos porque não há jardim zoológico... Mas, deixando de lado estes sofismas de quem não está disposto a fundar uma fazenda de hipopótamos, imaginemos o que seria uma cultura científica e bem dirigida de tais animais. E' provavel que os hipopótamos não vivam muito. Sendo assim, e com a esperança no obituário de tais mastodontes, não deixaria de ser boa fonte de renda uma criação dos mesmos em nossa terra. Já não se lembraram de importar camelos para o Brasil? Porque motivo não se deve sugerir uma criação de hipopótamos, um bicho, que, com dois anos, vale duzentos contos?

A PERSONAGEM DA SEMANA

TRANSCORREU, na semana que passou, mais um aniversário, o quinto do golpe armado de 29 de outubro de 1945, data em que, por determinação unânime das Fôrças Armadas nacionais, foi extinta a Ditadura no Brasil, implantada em 1937 pelas mesmas fôrças que, até àquêle dia, mantiveram no poder o sr. Getúlio Vargas. A data não foi comemorada, não obstante ter constituído objeto de maiores comentários da imprensa do que nos anos anteriores, quando deu motivo a comemorações oficiais. O movimento, para felicidade de todos, inclusive do atual senador pelo Rio G. do Sul, ocorreu sem derramamento de sangue. Trouxe como conseqüência principal a promulgação da Constituição vigente, sob cuja égide se processaram as recentes eleições de 3 de outubro, tendo o povo votado, realmente, com liberdade, usando, os eleitores que quiseram, a faculdade legal do voto secreto. E, segundo os cálculos da apuração já pràticamente concluída, o candidato mais votado entre os três que disputaram o pleito, foi, incontestàvelmente, o sr. Getúlio Vargas. O feito de 29 de outubro poderia ter sido, assim, comemorado sem que tais solenidades viessem ferir a susceptibilidade de quem quer que fôsse; mas, forçoso é reconhecer que êste raciocínio é, entre nós, relativamente teórico. Na prática as comemorações talvez pudessem dar lugar a interpretações diversas, gerando explorações de variados tons. Destarte, a ausência de festejos representou, pelo menos, uma atitude de ponderação, porque, nesta nossa democracia ainda instável, tudo é motivo para choques e abalos. Um fato, porém, não se pode contestar: dentro de cinco anos, isto é, no último lustro, de 1945 a 1950, passou o Brasil, de um regime de fôrça, para um regime positivamente livre, e, a prova disso reside em tudo quanto presenciamos, notadamente a espetacular votação obtida pelo sr. Getúlio Vargas. Que os partidos, os políticos, os detentores do poder em qualquer de seus ramos, inclusive o futuro Chefe da Nação, façam das lições que êstes cinco anos têm proporcionado, uma fonte de inspiração e de exemplos para que da revolução incruenta, porém armada de 1945, e da revolução branca e democrática de 1950, resulte a prosperidade pela qual o Brasil está quase cansado de esperar.



Sr. Getúlio Vargas

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — EM QUE CIDADE DO MARANHÃO NASCEU GONÇALVES DIAS:

S. Luiz?
Caxias?
Carolina?

2 — EM QUE PARTE DO BRASIL FALECEU O Pe. MANUEL DA NOBREGA:

Em Vitória?
Na ilha de Itaparica, na Bahia?
No Rio?

3 — QUAL O REI DA ESPANHA QUE PREPAROU GRANDE ARMADA PARA CONQUISTAR A INGLATERRA:

Felipe II?
Afonso XIII?
Afonso VIII?

4 — EM QUE OCEANO SE ENCONTRA O MAR DE SARGAÇAS:

No Pacifico?
No Indico?
No Atlântico?

5 — QUE SIGNIFICA A PALAVRA «SARABANDA:

Uma escola filosófica?
Dança espanhola?
Grupo de bandidos?

6 — ENTRE QUE PAISES FICA A ESTRADA DE FERRO «TRANSANDINA»:

Chile e Bolivia?
Perú e Chile?
Chile e Argentina?

7 — QUEM FOI THALES:

O descobridor do vidro?
O mais ilustre dos 7 sábios da Grécia?
Guerreiro etrusco?

8 — QUAL O SABIO QUE DEU A AMAZONAS O NOME DE HILÉIA:

Agassiz?
Saint-Hilaire?
Humboldt?

9 — QUE SIGNIFICA «FOG».

Reentrâncias nas costas norueguesas?
Nevoeiro de Londres?
Casas de groenlandeses?

10 — COMO SE CHAMAVA O CRIADO DE CAIFÁS A QUEM PEDRO CORTOU A ORELHA NO MONTE DAS OLIVEIRAS:

Malcho?
Dimas?
Barrabás?

11 — QUE ACONTECIMENTO SENSACIONAL HOUVE NO RIO A 8 DE SETEMBRO DE 1915:

Revolta do Batalhão Naval?
Assassinio de Pinheiro Machado?
Casamento de Hermes da Fonseca?

12 — QUAIS AS INICIAIS QUE DESIGNAM A UNIDADE DA POTÊNCIA MECÂNICA:

S.O.S.?
H.P.?
H.V.?

13 — QUAL ERA O APELIDO DO FAMOSO CONQUISTADOR ATILA, REI DOS HUNOS:

Coração de Leão?
Hugo Capeto?
Flagelo de Deus?

14 — COMO SE CHAMAVA A AMADA DE OTELO, A QUEM ÊSTE MATOU POR CIUME, NA TRAGÉDIA DE SHAKESPEARE:

Julieta?
Desdemona?
Brunehilde?

15 — QUE NOME TEM A CARREIRA DE LUZES QUE ILUMINA OS PALCOS:

Gambiarras?
Bastidores?
Proscênio?

16 — QUAL A ESTRÊLA DO CINEMA AMERICANO COJO NOME REAL É LUCILE LESUEUR:

Claudette Colbert?
Paulette Goddard?
Joan Crawford?

17 — QUAL O ASTRO DO CINEMA AMERICANO QUE SE CHAMA, REALMENTE, FREDERICK McINTYRE BICKEL:

Fred Astaire?
Frederic March?
Boris Karloff?

18 — QUAL DESTES PLANETAS ESTA MAIS PRÓXIMO DA TERRA:

Jupiter?
Saturno?
Marte?

19 — QUE SIGNIFICAM AQUELAS SILABAS «NO + DO» NOS JORNAIS CINEMATOGRAFICOS ESPANHOIS EXIBIDOS PELO «CINEAC TRIANON» DO RIO:

Notcias e Documentários?
Marca registrada?
Abreviatura do nome dos produtores Nonato e Domingos?

20 — QUAL A CIDADE APELIDADE «PEROLA DO ORIENTE»:

Changai?
Tóquio?
Hong-Kong?

(Resposta na página 58)

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

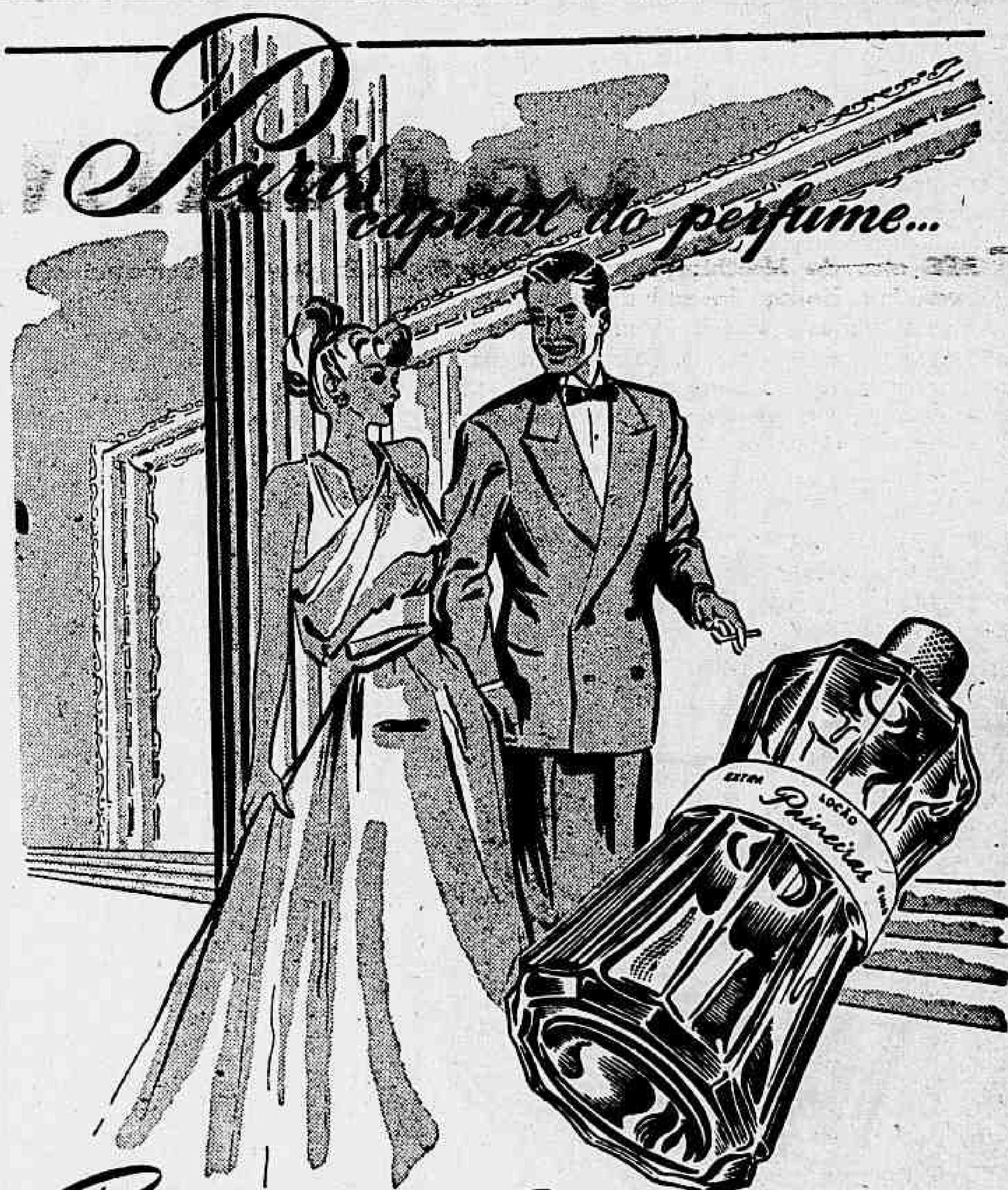
Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre





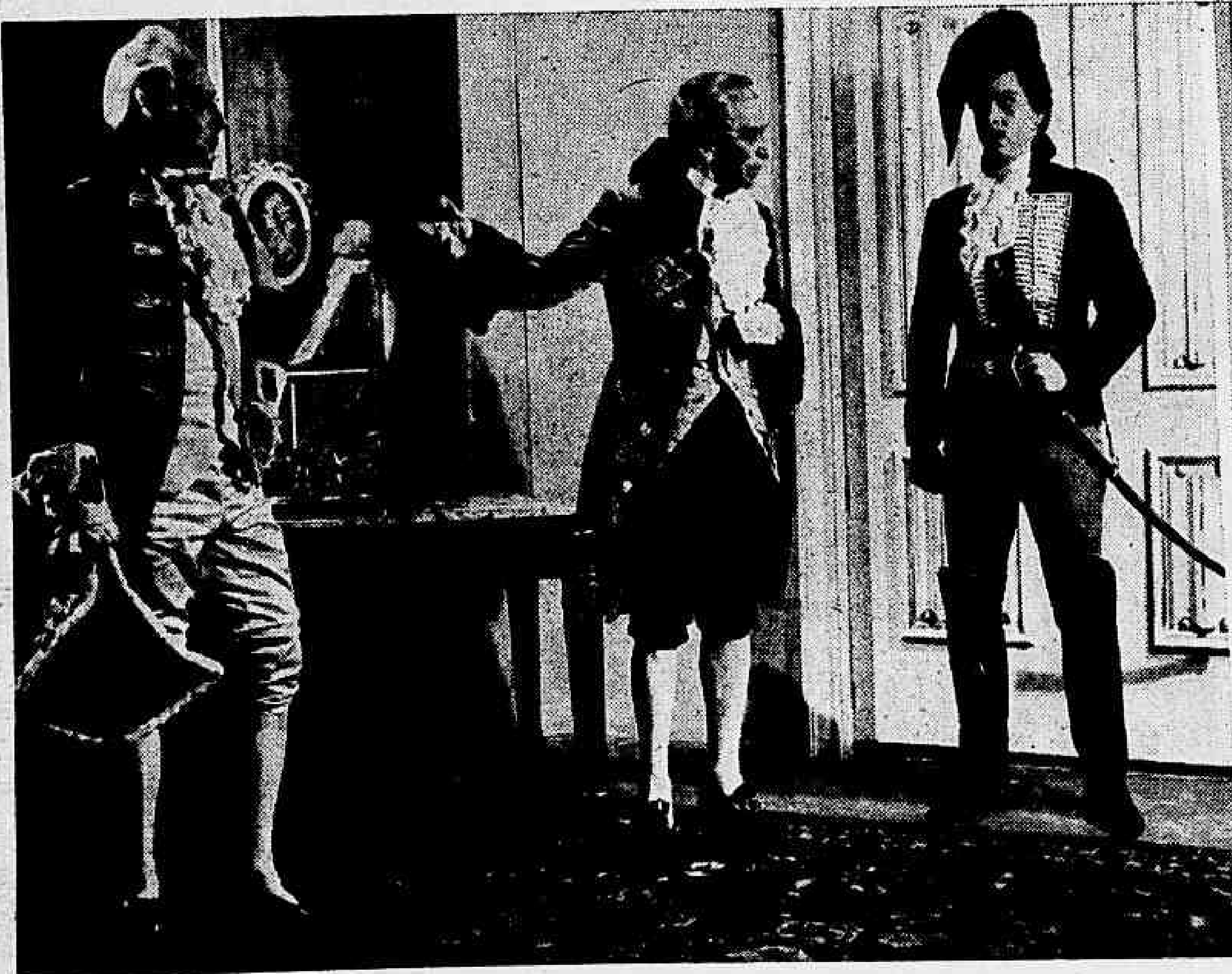


1 Violentamente irrompe no aposento o Conde Alexei Sergejewitch (Ribeiro Fontes), que vindo da frente de batalha, exige uma entrevista com a Czarina. Surge Catarina, a famosa "Semíramis do Norte", para ouvir de Alexei a alarmante notícia de uma conspiração. O Conde Malakoff (C. Fornari) é chibateado e por fim condenado à morte.

2 O Chanceler quer demitir-se. Catarina não deixa com a condição de que êle não lhe apresente o Embaixador francês, pois essa noite deseja estar só com Alexei. Êle agora vai ser o dono de seu coração e para começar ei-lo promovido, entre beijos, de tenente ao pôsto de coronel dos exércitos de sua Imperatriz e amante. Passam-se os mêses.

CATARINA DA RUSSIA

TRÊS atos de Melchior Lengyel, tradução de R. Magalhães Júnior. Peça levada à cena pelo conjunto "Artistas Unidos". ● São Petersburgo, 1773... Senhora de tôdas as Rússias, dominadora absoluta de milhões de seres, reinando sôbre o mais vasto império da atualidade, com todo o esplendor de seu imenso prestígio está a famosa "Catarina II". Na antecâmara dos aposentos da soberana, no Palácio Imperial, Annie (Antonieta Morineau) aia da imperatriz, procura persuadir o irmão, o jovem tenente Jaschikoff (Oscar Felipe) que a Czarina "é uma mulher como as outras, apenas mais ardente...". Ela quer vê-lo como favorito de Catarina, já que o Príncipe Baratinsky não mais merece os favores reais. A cena é interrompida pela entrada do "Chanceler" (Manuel Pera), o astuto conselheiro do Império, que deseja também para seu proveito, as preferências de Sua Majestade para o Visconde de Roncourt (Paulo Serrado), o refinado representante da França, agora em São Petersburgo para ultimar as discussões sôbre o "Acôrdo", tão desastradamente tratado pelo antecessor. A antecâmara de Catarina II, apesar de ser o local das conferências privadas, um recanto quase íntimo, parece nessa tarde de primareva, estar reservado aos grandes embates políticos que decidirão do futuro do Império.





3 A Czarina, se como amante é a mais adorável das mulheres, como soberana é a mais irritante das criaturas. Faz do jovem oficial simples objeto de seus caprichos. Alexei irrita-se ao saber que Annie, seu amor, fôra dispensada e ameaçada de ser encerrada no forte de Santo Anastácio. Incorrera na ira de Catarina II, que não admite rivais.

4 Alexei assim desgostoso, é procurado por Dymov (Antônio Vitor), capitão da guarda, que lhe propõe integrar um movimento revolucionário para derrubar Catarina e substituí-la pelo Grão-Duque Ivan. Alexei vacila. Dymov diz-lhe que ela é infiel e prova. O favorito, então, pede apenas para não a matarem. Quer vê-la a seus pés, suplicante.





5 A revolta começará ao soarem seis badaladas. Alexei encontra-se com Annie e enquanto se beijam são surpreendidos por Catarina que quer estrangular Annie e desvairada, pelo ciume extravasa em Alexei o seu ódio.

6 Soam seis badaladas. A Czarina, pela janela, vê os Hussardos Negros revoltados. Grita, pede auxílio. Ninguém acode. Diante dela está Alexei, que até a pouco fôra seu amante, e agora é o seu mais terrível inimigo.

7 Só Alexei poderá salvá-la, mas êle é de pedra. Cái-lhe aos pés pedindo perdão, prometendo amor, glória, poder... Já se ouvem disparos. Abre-se de súbito a porta, entrando o Chanceler com os soldados fiéis à soberana.

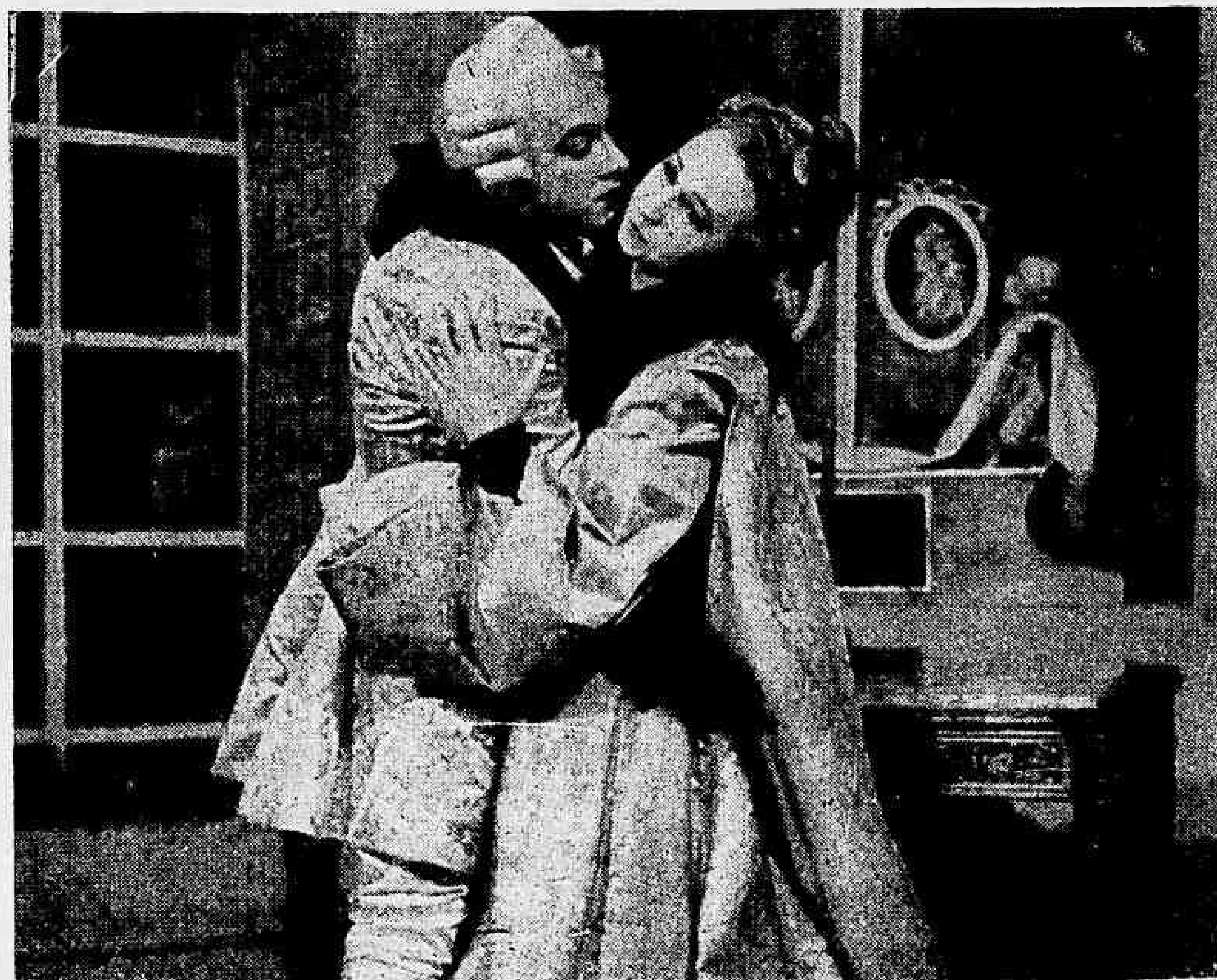




8 O movimento foi sufocado. Catarina lentamente se levanta. Ouve do Chanceler a lista dos conspiradores. São seis. Ela acrescenta mais um: Alexei! E convoca, desde logo, o Conselho para o julgar e condená-lo à morte.

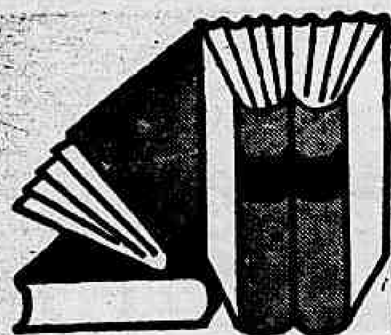
9 Uma semana depois. O Chanceler consegue a entrevista para o Embaixador francês.. Mas êste terá que esperar ainda um pouco, pois na ante-sala surge, arrogante e quase insolente, Alexei. Catarina deseja falar-lhe.

10 E' poderosa soberana que pede para voltar ao seu amor. Alexei recusa. Não quer ser o bôneco de uma mulher, mesmo sendo a Imperatriz. Catarina ama-o, mas não cede. Envia-o para o front, na Turquia.

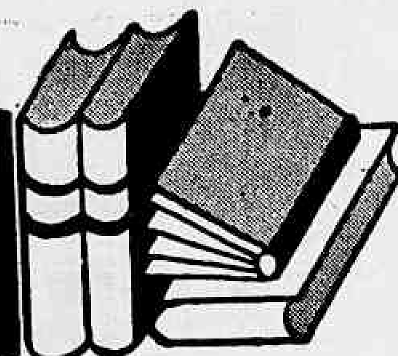



11 Volta o Embaixador francês para discutir o acôrdo, mas a soberana repara em sua elegante figura e desvia o assunto para tagarelices da côrte, recriminando o Chanceler por não havê-la avisado de "estar despenteada na frente de um homem tão belo e fino". A sós com o Visconde, o Chanceler dá-lhe os parabens pela conquista.

12 De agora em diante o que êle tem a fazer é valer-se de sua influência para estreitar a amizade que ligará os dois países. Mas eis de volta Catarina, "coquette" no seu belíssimo "deshabillé", o mesmo com que conquistou Alexei. A noite tépida convida ao amor. Terminarão êles a árida discussão do acôrdo?, ou ficará para amanhã?...

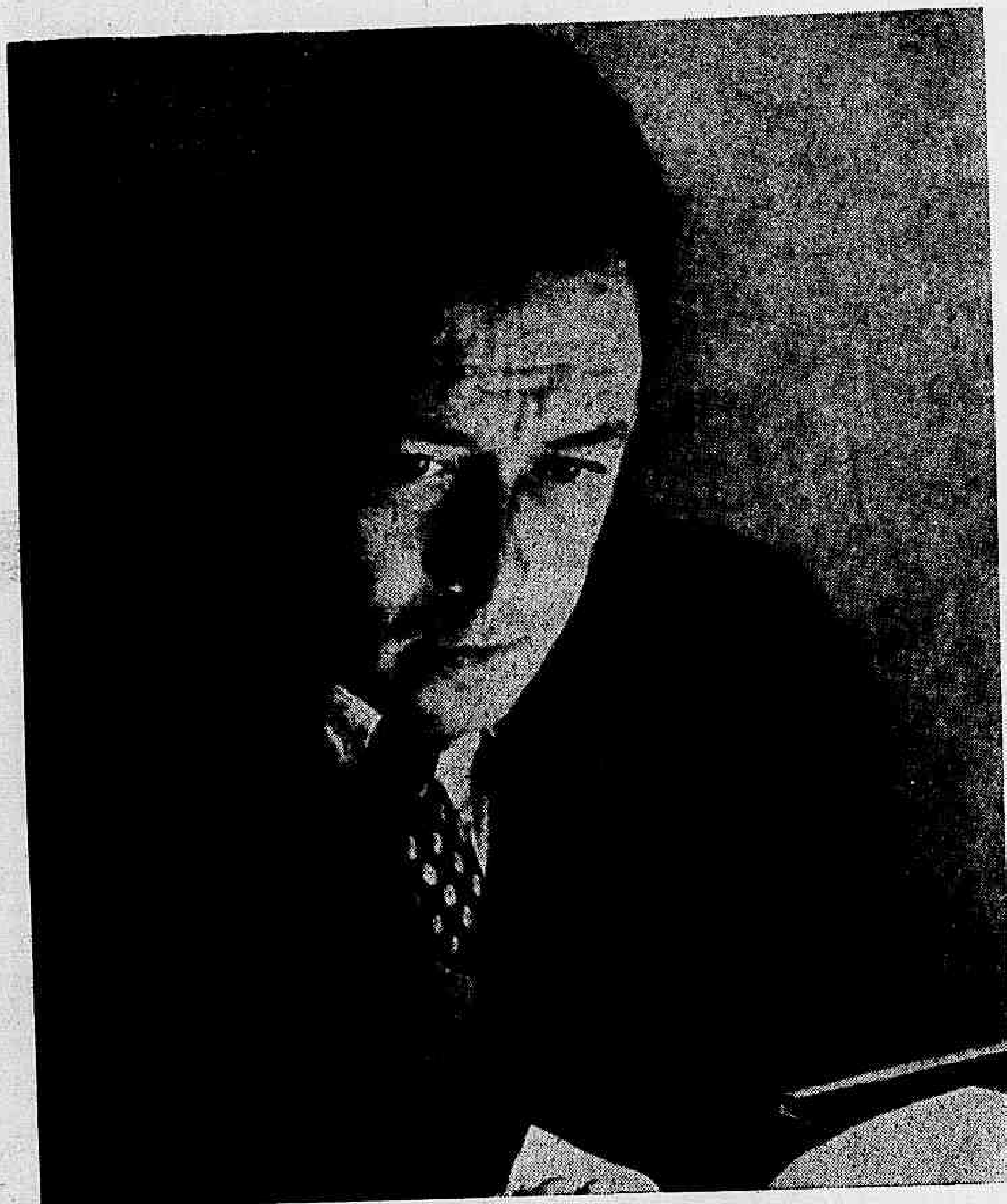


SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMILIA



ALBERT CAMUS — Albert Camus, um dos mais fa-
mosos escritores francêses da
atualidade, nasceu em Mondovi, na Argélia, a 7 de Novembro de 1913. Embora fi-
lho de operários, Camus pôde estudar e bacharelar-se em filosofia, atirando-se de-
pois à conquista de Paris. Exerceu, a princípio, as mais diferentes profissões, ten-
do sido vendedor de peças de automóveis, corretor marítimo, meteorologista, fun-
cionário municipal e ator de teatro.
Em 1938, renunciando à possibilidade de fazer carreira como profes-
sor, ingressa no jornalismo, primeiro em Argel e depois em Paris. Aban-
donando a profissão em 1940, Camus viaja pela Itália, Alemanha, Tchecoslováquia,
Suiça, Austria, Estados Unidos e Espanha. Com a derrota da França, Camus con-
sagra-se de todo à literatura e vem a participar do movimento de resistência ao
nazismo. Após a libertação da França, Camus junta-se ao grupo dos fundadores
do jornal «Combat», no qual colabora e trabalha até 1947, por último na qualidade
de redator-chefe. Êsse jornal, fundado em fins de 1940, chegou a tirar, com a
França ainda ocupada pelo inimigo, nada menos de 350.000 exemplares, quantida-
de essa que o próprio Camus reconheceu ter diminuido sensivelmente com o adven-
to da paz. Mas a carreira literária de Camus é ainda anterior à guerra, quando
publica, em 1937, o seu primeiro livro — **L'envers et l'endroit**, volume de ensaios
seguido em 1938 de **Noces**, coletânea de quatro estudos intitulados: **Noce à Tipasse,**
Levant à Djemite, L'éte a Alger e **Le Desert**. Em 1941 Camus publica o romance
L'etranger e em 1942 um ensaio filosófico **Le Mythe de Sisyphe.** Em 1943 Camus
dedica-se ao teatro, escrevendo as peças **Le Malentendu e Calugile**, e em 1947, fi-
nalmente, publica o seu romance mais famoso — **A Peste** — já traduzido em várias
linguas e agora apresentado aos leitores brasileiros pela Livraria José Olympio
Editora, na Coleção Fogos Cruzados. Camus, que esteve em visita ao Brasil em ju-
lho de 1949, pronunciou diversas conferências no Rio e em São Paulo, tôdas muito
aplaudidas por numeroso público. Entre os últimos trabalhos do escritor francês,
em quem muita gente, erradamente aliás, quiz ver um adepto do existencialismo,
destaca-se a pela **Les Innocents**, girando em tôrno dos terroristas russos de 1905.
Camus, entretanto, ao ser abordado por jornalistas brasileiros, declarou que o seu
maior desejo era o de escrever um romance de amor, dentro até de uma paisagem
urbana...

ESCRITOR E VIDA SOCIAL

O Congresso da União dos Escritores Poloneses teve lugar em Varsóvia, de 24 a 28 de Junho. Entre as personalidades estrangeiras que assistiram aos seus trabalhos, convém salientar a delegação soviética, na pessoa de Aleksi Surkov e Lubomir Dimiterko, os escritores francêses Janine Bouissounouse, Vladimir Pozner e Tristan Tzara, o escritor tchecoslovaco Drda, Jorge Amado, o célebre romancista brasileiro, Samuel Sylen, publicista americano, bem como os Srs. Bodo Uhse República Democratica Alemã, Zoltan Zelk Hungria e Dymitru Corbea Rumânia.



A sessão inaugural, na presença de membros do govêrno, membros do Conselho do Estado, da Dieta, do Conselho Popular da Capital e de um representante do Partido Operário Unificado, foi aberta pelo Sr. Kruczkowski, presidente da União dos Escritores Poloneses.

"O objetivo do Congresso de Varsóvia consiste em romper com os entraves do passado que agem sôbre o nosso pensamento, afastar definitivamente o espírito de superioridade, lutar com energia por uma nova tomada de consciência do escritor; o escriotr deve participar da vida social, sua criação literária deve servir à edificação de novas formas de vida e à formação do homem novo — o homem socialista" — foi o que disse, em substância, o orador.

Logo tiveram início os debates, suscitados por um relatório do poeta Adam Wazyk, que sublinhou que a defesa da paz e a transformação, por meio do Plano Sexenal, do aspecto econômico e cultural do país, eram duas tarefas históricas que deviam guiar o pensamento literário.

Na discussão, o Sr. Jerzy Putrament, ex-embaixador polonês em Paris, interveio para demonstrar que a tomada de consciência do escritor não influi imediatamente na qualidade de sua produção, isso, em parte, porque a linhagem do escritor não atinge rapidamente as massas, e muitas lições estavam por tirar da experiência da literatura soviética.

No decurso do terceiro dia, o Sr. Sokorski, Ministro-Adjunto da Cultura e das Belas-Artes, fez uma importante intervenção. Recordou, principalmente, a decisão da recente sessão do Comité Central do Partido Operário Unificado sôbre a formação de novos quadros, e estimou que a União dos Escritores Poloneses deveria fazer desta decisão um objetivo próprio.

Antes de encerrados os debates, foi eleito o seguinte Comité Diretor: presidente, Leon Kruczkowski; vice-presidentes, J. Andrzejewski, J. Iwaszkiewicz, K. Wyka; secretário, J. Putrament; tesoureiro, Aleksander Maliszewski.

REVISTA PARA CEGOS

Em são Paulo, por iniciativa da *Fundação do livro para o cego do Brasil*, que obedece à orientação das senhoras Adelaide Reis de Magalhães e Regina Pirajá da Silva, acaba de ser publicado o primeiro número da revista *Relêvo*, impressa em caracteres Braille e destinada aos cegos de todo o Brasil. Desnecessário se torna ressaltar o valor de tal iniciativa, que contou com o apôio dos poderes estadual e municipal de São Paulo, e ainda com o auxílio da W. K. Kellog Foundation e da American Foundation for Overseas Blind, instituições americanas. De agora em diante, embora lutando com naturais dificuldades técnicas e financeiras, a *Fundação do livro para o cego do Brasil* estará apta a proporcionar boa leitura a todos os brasileiros privados da visão, inclusive através de livros didáticos, jornais, boletins, etc. Tão louvavel iniciativa, cujos méritos fazemos questão de ressaltar, inclusive a dedicação sincera de seus responsáveis, merece todo o apoio oficial e também de todos aquêles que, dispondo de grandes recursos, queiram contribuir para o seu maior desenvolvimento e aperfeiçoamento.

MISTÉRIOS E REALIDADES DÊSTE E DO OUTRO MUNDO

Confirmando a excelente acolhida que obtivera por parte do público, quando de seu primitivo lançamento em 1949, o livro de A. da Silva Melo — *Mistérios e realidades dêste e do outro mundo* acaba de reaparecer em 2.ª edição, revista e ampliada. Debatendo numa prosa das mais fortes e marcantes, problemas de espiritismo, ocultismo, quiromancia, cartomancia, astrologia, etc., Silva Melo coloca-se no ponto de vista do homem de ciência que é realmente, interpretando com rigor todos os fenomenos de intercomunicação de pensamento, ou simplesmente espirituais que há séculos preocupam criaturas de tôdas as raças e condições no mundo inteiro. Combativo, argumentador sólido e bem fundamentado, seu livro por isso mesmo causou intensa repercussão, de que é prova evidente êste seu reaparecimento um ano depois de apresentado pela primeira vez nas livrarias de todo o país.

LEMBRANDO HUMBERTO DE CAMPOS

Na sua seção de "O Globo", Henrique Pongetti escreveu com o brilho e o humor que lhe são peculiares, sob o título — "O mais vivo dos mortos", a crônica que aqui transcrevemos.

Extraordinário caso, o de Humberto de Campos. Numa terra onde os escritores são obrigados a estrear todos os dias, a pigarrear de cinco em cinco minutos no escuro, para provar que ainda estão vivos, o maranhense consegue estabelecer nêste mundo uma sucursal do Além, sagrando-se o menos morto dos nossos literatos extintos. Antes foi o psicógrafo Chico Xavier criador de um novo problema de direito autoral com a captação mediúnica das obras que se supõe escritas por Humberto na Eternidade. Pode um vivo publicar uma obra escrita por um morto? As diversas convenções de direito autoral cogitaram alguma vez da possibilidade de uma alma do outro mundo estimar tanto suas mal pagas atividades terrenas a ponto de continuar a exercê-las, por diletantismo, numa seção do Paraiso, do Purgatório ou do Inferno? Quem deve receber a percentagem sôbre capa de exemplar: o medium ou os herdeiros do escritor cujo atestado de óbito vale apenas para a materia transitoria?

Um consumidor desabusado de símbolos, referindo-se às fadigas literarias póstumas de Humberto de Campos, me falou certa vez do inevitável Sisifo, dando à tarefa de ambos uma significação de castigo. Bobagem. Se escrever foi nossa vocação na terra — e não um malentendido entre o cabotinismo e o nosso espírito — escrever será ainda a nossa razão de existir na Eternidade. Não nos dêem harpas para tocar na sinfônica dos serafins e dos querubins; nem fiabelos para agitar durante o sono do calorento apóstolo. Queremos a esferográfica com tinta para dois milhões dois biliões de anos. Ou a máquina de escrever de teclas imortais adotada por Pedro nos seus serviços de portaria e protocolo. Sisifo por sua vez descobriu — como nos revela o pensador — que fazer um esfôrço físico será atletismo e não punição, até que nos sintamos incapazes de renová-lo com o mesmo ritmo. Ora, não há notícias de que Sisifo se haja herniado ou sofrido colapso cardíaco. Sabe-se apenas que seus músculos crescem espantosamente e que reclamam pedras cada vez maiores.

★

Nêste momento, a vida renitente de Humberto ganha novo fôlego com a algazarra provocada pelos partidarios da publicação e os da não publicação do seu livro póstumo de memorias, cuja estampa fôra pôr êle mesmo determinada para 1950, depositaria a Academia Brasileira de Letras. Uns acham que o livro contém irreverencias superadas pelo tempo e pela morte — morte de quem? — e que seria armar tempestades inglorias sôbre o docel de loureiros de um túmulo (túmulo de quem, se o homem continua sendo o menos morto dos nossos literatos extintos?). Discutam, discutam. Mas eu tenho medo é de uma coisa: que o Chico Xavier entre em transe e receba umas memorias muito mais completas, êle que não dorme de touca, que conhece bem êste mundo e o outro.

PRÊMIO NOBEL PARA GILBERTO FREYRE



Consultado por importante revista sueca, que realiza um inquérito entre escritores representativos de todos os paises sôbre «Quem mais merece o Prêmio Nobel da Literatura?», o conhecido poeta e critico brasileiro Manuel Bandeira, da Academia Brasileira de Letras, respondeu que, em primeiro lugar, Gilberto Freyre, tendo indicado também o famoso pensador e escritor italiano, Benedetto Croce.

Ao mesmo tempo confirma-se a decisão da Sorbonne de incluir num dos seus cursos de literatura o estudo da obra e da personalidade de Gilberto Freyre, honra pela primeira vez conferida a um sul-americano vivo e, muito raramente, a escritor vivo da Europa e dos Estados Unidos.

Ainda êste ano Gallimard deverá publicar em Paris a edição francesa de **Casa-Grande & Senzala**, que, já publicado em inglês e espanhol — língua em que já apareceu **Nordeste**, editado pela Espasa — Calpe — está sendo traduzida também para o alemão e suéco, enquanto **Sobrados e Mucambos** e **Sociologia** estão sendo traduzidos para o espanhol e inglês e **Interpretação do Brasil**, já publicado em inglês (língua em que foi escrito), em português e espanhol, está sendo traduzido para o italiano e norueguês.

Como se vê, tanto por sua obra como por suas atividades e seu justo prestigio internacional, Gilberto Freyre está de fato à altura da laurea para a qual lembrou seu nome o poeta Manuel Bandeira.

★

Poesia Feminina Norte-Americana

EPILOGUE

(Helene Mullins)

Is is time for rest, my love; the flame that blazed
So high between us now is flickering low.
Having known splendor once and having gazed
Straight at the sun, now that it is time to go
Into the dimness, into the quiet, the lonely
Sad realm of memory, let us study to be brave.
We are not the first, we are not the only
Lovers from whom life took back what it gave;
The hour has come, and the clok is slowly striking,
Bidding us part, and into solitude descend.
Futile our eager protest, our fierce disliking;
The long, dear road we traveled has reached its
[end.

FORA DO PRELO

VIAGEM ATRAVÉS DO BRASIL (Distrito Federal) — João Guimarães — Edições Melhoramentos — S. Paulo.

O Rio é uma cidade que se modifica todos os dias. Só o carioca não vê bem isso, êsse milagre cotidiano de sua bela cidade. E as modificações, em geral, são completas, embora, contrastando com a linha-de-céu gigantesca dos edificios da orla do mar, ainda permaneçam vetustas lembranças coloniais, em pleno centro urbano, nas velhas ruas da Tijuca, na colina de Santa Teresa, no Catumbí, em outros bairros. Esses contrastes servem também a mostrar, ao forasteiro que conheceu o Rio, a medida do seu progresso, de sua modernização. Quem, hà seis meses ainda, conheceu a curva do Mourisco, de volta, hoje, encontrará ali uma paisagem completamente transformada. E, dentro de mais seis meses, não reconhecerá o lugar, possivelmente.

Êste é apenas um exemplo. Mas, por toda a cidade, nota-se o mesmo fenômeno. E, para verificá-lo, qualquer de nós que conheceu o centro da cidade tendo por eixo a rua do Ouvidor, com uma volta pela Esplanada, ficará atônito, verificando que aquele eixo está deslocado para o local do antigo marco da **urbs**, erguendo a massa enorme de seus edificios a poucos passos do antigo Pharoux, com seu Bêco da Música, de colorido colonial, com os seus anos, os sobradinhos e casarões.

Gastão Cruls nos deu hà pouco, com a sua «Aparência do Rio de Janeiro», a história da cidade de Estácio de Sá, vendo-a minuciosamente, na sua evolução, anos em fôra. Agora, podemos assinalar mais um livro que, dedicado ao Distrito, nos proporciona, em resumo, mas tratado o assunto com pitoresco, com poesia, sobretudo com um cuidado meticuloso e documentado, a história desta bela São Sebastião, assim salvendo do ólvido seus aspectos antigos, recuperando, para o presente, o que já era do passado e que não pode parecer, tal a sua importância, o seu colorido, o seu encanto, na vida do Rio: «Viagem Através do Brasil — Distrito Federal», de João Guimarães, um poeta que se faz historiador e que compreende e transmite os líricos instantes da vida da cidade. Além disso, seu livro tem o mérito de corrigir muitos equívocos anteriores e que suas pesquisas aclararam, com respeito a fatos, datas e personagens da história do Rio de Janeiro.

Um pequeno grande livro êste, que merece a honra de uma tradução, de iniciativa oficial, destinada ao turista que, visitando o Rio de Janeiro e percebendo que a cidade tem suas raizes em um passado heróico, deseja conhecer êsse passado, essa «Cidade Antiga», a que ninguém se refere, quando se fala em nossas cidades históricas, como se, históricas, fossem apenas o Salvador, Ouro-Preto, Recife, algumas outras... O Rio tem importância capital, sob êsse aspecto, mas o viajante estrangeiro — para supor que o nacional conhece o passado brasileiro — sai daqui ignorando que temos ali, em plena Cinelândia, um jardim do tempo dos Governadores Gerais, o Passeio Público; que hà ruas do Brasil-Reino em pleno centro urbano; que a Quinta da Boa Vista foi o nosso Palácio Imperial; que o velho casarão dos Telegrafos, era com o Principe Regente, o Paço da Cidade. Ora, o Govêrno do Distrito deve imitar, nêste ponto, os govêrnos das velhas cidades, não dizemos da Europa; mas da própria América do Sul, com as administrações das cidades antigas do Perú, fornecendo ao forasteiro elementos para que conheça o passado das cidades que visita e que guardam memórias ilustres do outro tempo. O aproveitamento de uma obra como esta, de iniciativa particular, facilitaria a tarefa, pois seria bastante traduzir para o inglês e o francês êste belo livrinho de João Guimarães e tinhamos a solução imediata do caso. A lacuna existe, por mais que se diga que somos um país de turismo. De turismo muito burro, para ignorantes e superficiais turistas, talvez, gente que se contente em ver Copacabana, dansar samba, visitar uma macumba em Caxias e sair, depois, dizendo que o Brasil tem cobras e lagartos, para maior indignação do aborígene.

Livro honesto, como informação, bem escrito, fiel retrato do Rio, com excelentes e evocativas ilustrações de Percy Lau, «Distrito Federal», da série de «Viagens Através do Brasil» constitui um magnífico roteiro através do tempo, dando-nos um Rio com um passado, tanto mais grato, quanto o tempo, no Rio, passa cada vez mais de pressa.

★

JÚLIO SALUSSE, O ÚLTIMO PETRARCA. — Nilo Bruzzi — Editora Aurora - Rio de Janeiro.

O poeta Nilo Bruzzi, seduzido pela biografia, resolveu dar aos leirores brasileiros vidas de poetas. Ainda não hà muito, nos proporcionou seu diccutido «Casimiro de Abreu», um estudo que serviu a elucidar muitos pontos da biografia do vate fluminense, tão descurada até aqui, com a vantagem de por em fôco uma de nossas melhores organizações líricas, fazendo uma revisão da obra do poeta do amor e da saudade e, com isso, situando próxima de nosso amor essa poesia tão simples e espontânea que é a glória do bardo das «Primaveras». Discutiu-se com certa falta de serenidade a obra do poeta-biógrafo, assim injustiçando seu interêsse pelo homem Casimiro, um de nossos mais preciosos documentos humanos, de qualquer ângulo que seja examinado, seu trabalho ingente de pesquisa, sua imparcialidade de historiador, fiél à sua documentação. Mas o autor, se discutiu com um pouco de calor, defendendo seu livro, não se deteve na polêmica e passou adiante.

Agora, dá-nos êle, não por isso, pelo mal que encontraram em sua vida de Casimiro, uma obra muito diversa, evocando a obra e a vida do poeta Júlio Salusse, cuja glória e popularidade ficaram marcadas por um soneto célebre, o famoso «Os Cisnes». Salusse foi amigo intimo do autor e, pelos milagres da amizade, esta é uma biografia afetuosa. Independente disso, o caso humano também se diferencia do outro. E Salusse não viveu o drama pungente que ferretoou a vida de Casimiro.

Nilo Buzzi viu o amigo sob um aspecto comovente, é certo, o do amor platônico, o amor petrarquiano que lhe sugeriu o título do livro. E' uma evocação muito simpática a que nos dá aqui, exaltando um pouco além da linha de flutuação, que lhe era própria, a figura dêste lirico menor, cuja poesia simples tem uma emoção cativante, embora não marque um capítulo especial em nossa história literária. Assim, Nilo Bruzzi, mais por amizade do que pelo espírito crítico com que se houve em seu primeiro estudo, nos traz uma figura interessante de nosso romantismo, pondo-a em nossa presença através um romance de amor irrealizado, o que, de certa forma, vem contribuir para a melhor compreensão de sua poesia, mostrando-nos a sinceridade dos acentos tristonhos de sua musa. O livro vale, portanto, pela sua intenção generosa e pelo calor afetivo que o autor põe em sua realização, como, também, pela atmosfera evocativa de uma fase literária que epilogou com a primeira Grande Guerra.



★

OUTROS LIVROS

As pesquisas, os estudos, as conferências e as publicações que abrangem o vasto e fascinante setor do folclore continuam em grande atividade. Fato é que as controvérsias se sucedem; mas valem por uma demonstração de que o assunto é analisado, posto em discussão e... filtrado. Porque é necessário purificar as águas folclóricas, tão cheias dos calhaus da confusão...

A êste propósito podemos referir duas obras que vieram enriquecer a nossa demopsicologia e a do continente em geral: «Contos Populares Brasileiros» e «Contos Populares das Américas», estampados, com o apuro habitual, pelas Edições Melhoramentos. De autoria de Lindolfo Gomes, autoridade incontestável, «Contos Populares Brasileiros» oferecem vasto campo aos interessados; não menor a perspectiva dos «Contos Populares das Américas», de Frank Henius, em versão de Aida de Carvalho Bergström.

★

Ainda há interrogações em tôrno da vida e dos hábitos daqueles homens que, devassando sertões, dominando índios, ampliando o horizonte de nossas terras, muito fizeram pelo Brasil. Não importa que os movessem as ambições de riquezas: valem pelos frutos de seu trabalho epopéico e que nos legaram generosamente. Dos mais vibrantes e elucidativos, no gênero, é o luxuoso livro de Belmonte («Edições Melhoramentos»), «No tempo dos Bandeirantes», já em quarta vitoriosa tiragem, em cujas páginas até vocábulos antigos e costumes velhos o autor esclareceu magnificamente.



O CRIME DA FAMOSA ESCRITORA

MARIA Helena e Carmen Beatriz fizeram seus deveres de francês e de inglês, Madame; Heleninha conjugou "corretamente" os verbos "avoir" e "être", ao passo que Carmencita compôs "à merveille" sua historiazinha sôbre "Happy Birds". Permita-me dar-lhes como prêmio, uma tarde de folga, D. "Cheni", exatamente a de hoje, quando "eu deve de ir" à Ponta do "Galeon" esperar Jacqueline Deschamps, repórter de "La Razòn", minha amiga de infância.

Quem assim falava, com o sotaque estrangeiro bem pronunciado, era a nova preceptora das buliçosas filhinhas do Embaixador Maurice Jeannot e senhora Jeannot ou, como diria a crônica social, "née" Eugência da Cunha Guimarães; para os íntimos, Geni, simplesmente.

Há dois dias, desde que recebera o postal — as primeiras notícias depois de tanto tempo — e agora, pela manhã, o telegrama, anunciando a vinda da amiga, em trânsito para Paris, a serviço de seu jornal, Anne não tivera mais descanso. Ela, pròpriamente, não; tinha que manter sempre seu espírito aparentemente despreocupado, ou, convenhamos, preocupado, apenas, com seus deveres profissionais. Sua imaginação, engalanada pelo acontecimento, dava-lhe piruêtas de acrobata; dir-se-ia bailarina a dançar e a saltar estranhamente num tablado diferente e até engenhoso! O coração, embora não sofresse alteração de ordem patológica, andava-lhe em ritmo acelerado; alegre e jovial, semelhante ao de colegial em gôzo de férias.

Há muito, desde que aceitara a nova situação, nova aliás, aqui no Brasil, a de viver essencialmente do trabalho honesto para se manter em país diferente, entre gente que lhe era completamente desconhonhecida, não sentira sensação de segurança tão invejável! Dir-se-ia árvore — num prenúncio de primavera — transportada carinhosamente para o solo brasileiro!

Não lhe seria acontecimento comum, o encontrar em terra estranha, amiga de infância! Ver, enfim, Jacqueline, recordarem-se do passado tranquilo nos "faubourgs" de Paris, falar-lhe sôbre a mocidade, contar-lhe dos seus inocentes flêrtes, da aplicação de estudante, como colaboradora de "La Revue des Gymnasiens", dos fugitivos passeios pelos "boulevards" animados, onde ela, a namorada insaciável, lhes contemplava as mil e uma maravilhas dêste mundo sedutoramente material. Mundo tanto mais inacessível, quanto era ela, desprotegida pela fortuna. Oh! ter muito dinheiro, viver confortàvelmente, viajar, conhecer outros povos, estudá-los, analisá-los, observar-lhes os hábitos para descrevê-los em livros, tendo, enfim, a glória de um nome universalmente conhecido! Sair, assim, dessa esfera limitadíssima, que é o anonimato que aniquila um ser, qual formiga estraçalhada pela mão do homem! Aperfeiçoar essa máquina — a imaginação — fazê-la trabalhar ativamente, conduzi-la à conquista de belezas espirituais, interessá-la no progresso fulgurante da inteligência, para vê-la, por fim, alcançar o prêmio do ambicionado Ideal!

E ei-la, antes, apagadinha, com a tristeza a se lhe estampar no rosto, a boina a lhe enfeitar os louros cabelos, os lábios colados à vitrina, sentindo através de seus vidros a vaporização de essências ou dos perfumes caros, incompatíveis à pobreza de estudante! A vida! Ela desejava senti-la em sua plenitude, de feição que tôdas as coisas e fatos se correspondessem integralmente numa imensa sinfonia de sentimentos bons, num desejo sincero de análise compreensiva. A vida! E com ela, ver o verso e reverso da medalha! E a caminho da Ilha, pensando, atravessara os ares, vira montes, mares, céus e terras conhecidas — helás! — (Anne suspirava!) tão inùtilmente distantes! Depois... a realidade de que, absolutamente, não desejaria recordar-se! Dos horrores da guerra que, arrancando-a do solo pátrio, a fizera emigrar, escapando ainda, de um campo de concentração, após haver passado pela tortura da fome, da miséria moral e material, do frio, para enfim, encontrar sossêgo, agasalho e paz de espírito em terras estranhas, porém, milagrosamente acolhedoras! E, felizmente, aqui no Brasil, após andar em árdua peregrinação à cata de emprêgo condigno, arranjara aquêle, consoante anúncio num dos matutinos:

"Precisa-se de jovem preceptora, de preferência, estrangeira, que fale corretamente francês e inglês, para lecionar duas meninas de 8 e 10 anos de idade, em casa de família de alto tratamento".

Ei-la, pois, com seu problema relativamente resolvido, no que lhe dizia respeito ao futuro. O feliz encontro com a embaixada lhe pusera ponto final a tantas privações de ordem econômica. Sentia-se novamente ditosa, ministrando aulas a duas encantadoras crianças, mediante bom salário.

Tendo cativado desde logo a preferência de seus protetores, usufruía-lhes os privilégios de distinção, bem-estar e amizade sincera; bons e amáveis, não lhe negavam os menores caprichos — e eram tão poucos! — à moça recatada, cumpridora dos deveres, prestimosa, de excelente humor, se bem que bastante calejada pelas agruras da sorte! Tinha, pois, em troca o que antes jamais tivera! O aconchego atencioso de uma família feliz!

Ela que não conhecera o carinho de pais! Contaram-lhe um dia, sempre há quem conte histórias de espantalhos a crianças infelizes — que a mãe preferira as carícias de jovem ator à austeridade experimentada do pai, notável químico e professor; desesperado, acorrenta-se definitivamente às águas do Sena para o desfecho condigno de um amor malogrado. Em tenra idade, conhecera Anne, a dedicação de um tio aviador militar que tombara com o peito crivado de medalhas entre os escombros da chancelaria do Reich, no já previsto combate que levaria o inimigo à derrocada final. A morte do tutor privou-a do último adeus que lhe fôra devido, já que, de bens materiais a vida sempre a privara!

E um dia, há sempre um dia pior ou melhor, no destino de todos nós, Anne integrara a leva de imigrantes que viria para o Brasil. Chegara dêste modo ao Rio, que tanto bem lhe fizera ao espírito, ávido de sensação de belezas tropicais; ao Rio, cuja paisagem amena lhe satisfizera a curiosidade pesquisadora e onde encontraria fonte de inspiração em proveito da carreira literária iniciada além-mar.

— Abençoado "torão"! — exclamou consigo, enquanto o ronco ensurdecedor de um quadrimotor, qual leve suspiro de Golias, cortava os ares e abafava outros sons, numa personalíssima, dominadora e imponente — boa-tarde — desviando-lhe o pensamento do passado para transportá-lo atento, à encantadora realidade da hora presente.

Entre os passageiros internacionais, surgiu uma jovem de "tailleur" côr de azeitona, cabelos louros e curtos que bailariam ao vento, não fôssem prisioneiros de um chapèuzinho "à la diable"; lentes protetoras ao sol, "kodak" a tiracolo com alças de couro marron exatamente como os sapatos e as luvas. Elegante figura digna das páginas da "Revista da Semana" era a repórter de "La Razòn".

Anne, tôda sorrisos, abraçou a amiga:

— Jacqueline, mon bon Dieu! Que alegria! Estás mesmo um amor, menina!

Jacqueline, igualmente radiante pela gentil aparição, por sua vez, bei-

(Cont. na pág. 48)

NOVELA DE YOLANDA C. R. LORENZATO

BAILE da VITORIA



DUTRA: Será o Benedicto ?!

AÍ ESTÃO OS DEUSES QUE PUXAM OS CORDÉIS QUE DÃO VIDA AOS BONECOS DE PODRECCA. DETALHE DA POSIÇÃO DE UM VIOLEIRO NAPOLITANO,, IMITANDO À PERFEIÇÃO ÊSSE TIPO DE MÚSICO.





Visão de conjunto do trabalho efetuado pelos marionetistas, por cima do palco visivel pelo público, enquanto que êles ficam escondidos atrás do pano de boca. Há onze pessoas na «ponte», mas há treze bonecos em cena, isto quer dizer que alguém maneja mais de um boneco. Às vezes dá-se o contrário, duas ou três pessoas dão vida a um boneco apenas.

NA ILHA DE LILLIPUT



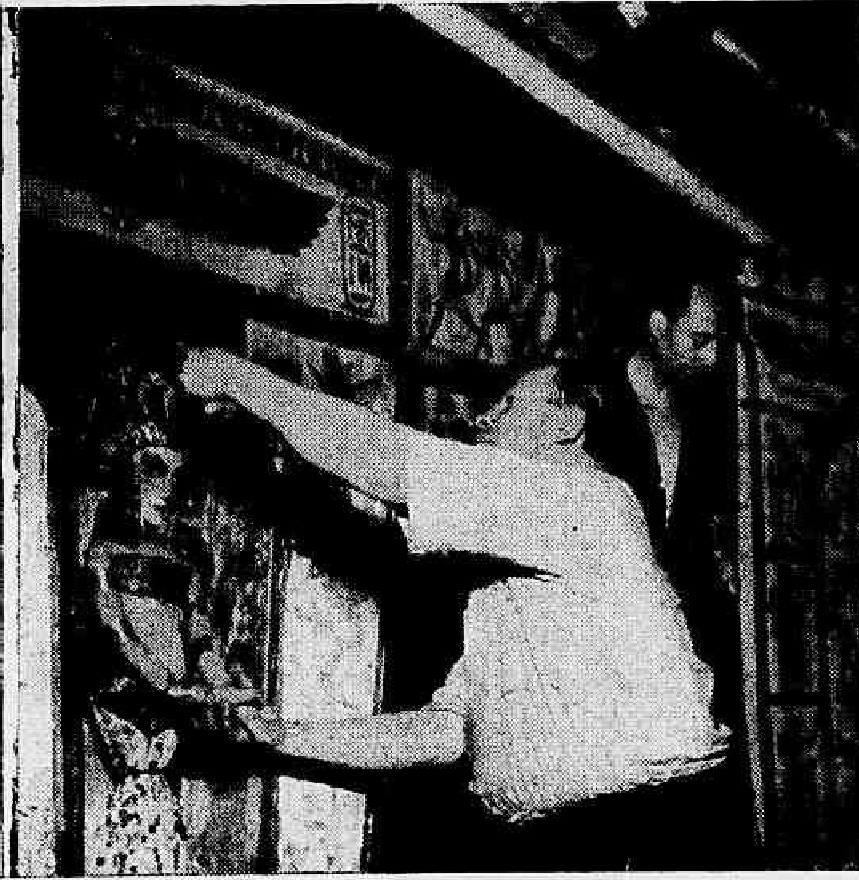
ONDE OS "PICCOLLI" ANDAM, FALAM E SENTEM COMO GENTE GRANDE ★ OS FANTOCHES ATRAVÉS DOS TEMPOS ★ OS MISTÉRIOS ATRÁS DO PANO DE BOCA ★ CARICATURA, SÁTIRA, MINIATURA E GRACIOSIDADE, AS ATRAÇÕES DO MUNDO DE PODRECCA.

Texto e fotos de SABINO CANALINI.

TODOS nós, ao lermos as aventuras de Gulliver, ficamos desejando poder um dia visitar o maravilhoso país das gentes miudas, os Lilliputianos. Êsse desejo é formado naturalmente em nossa meninice, suavizando-se com o passar do tempo e com a compreensão realistica da vida. Por isso não temos vergonha alguma em voltar ao nosso mundo infantil, em acompanhar as crianças de agora na viagem e na visita à Ilha de Lilliput. Mas então, é possível, em pleno século vinte? E' possível, sim. Uma viagem ultra rápida de duas horas apenas, que nos leva ao mundo encantado dos pequenos seres, animados, como sempre os imagi-



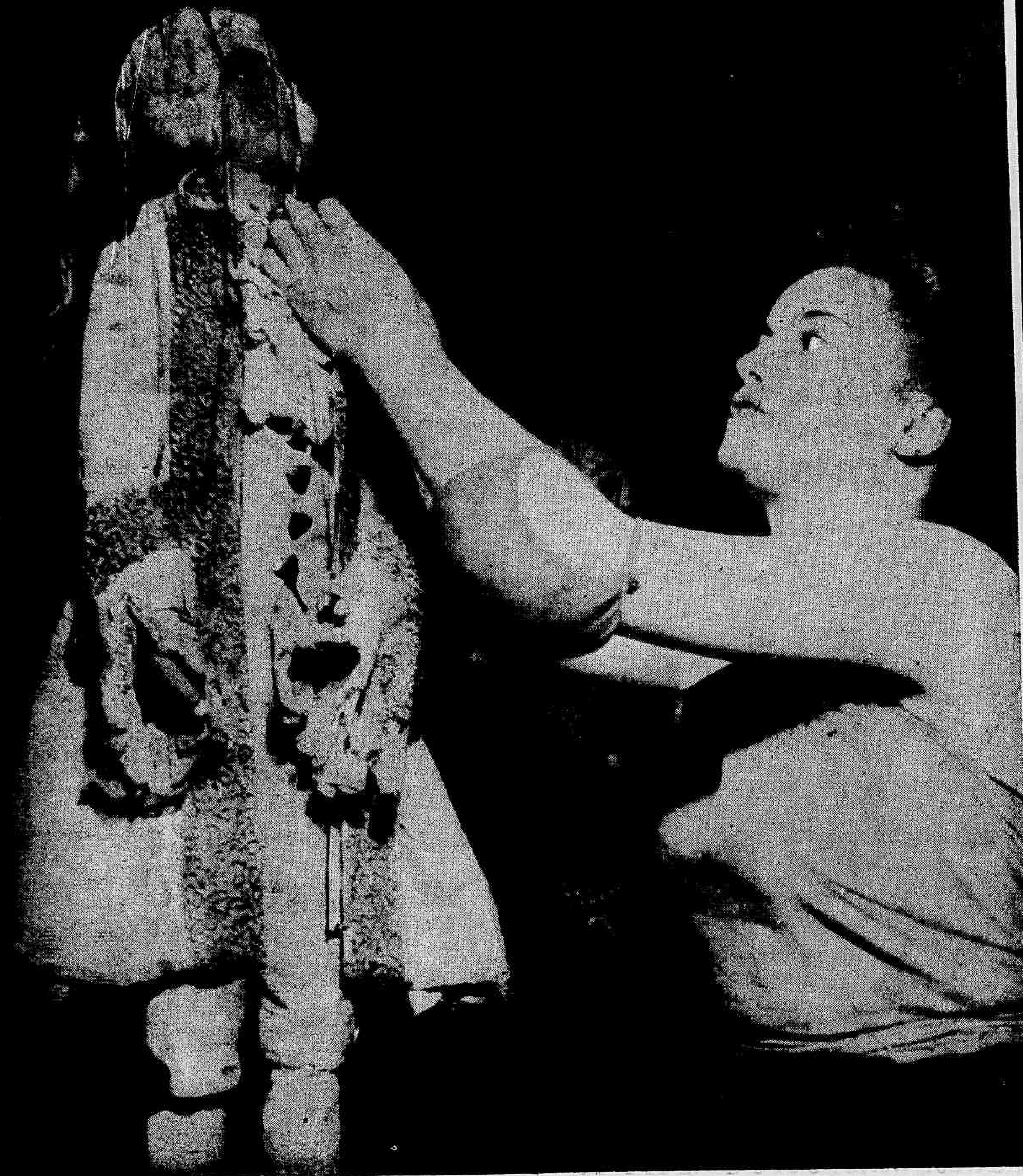
Trouxe o conjunto maquinária especial para todos os belos efeitos de luz, um dos pontos altos dos espetáculos apresentados.



Como recordação da passagem da companhia pelo Egito, é montado um quadro com legítimos cenários de feltro bordado a mão, do Cairo.



No meio do intrincado de fios, bonecos, luzes, madeiras, instrumentos, descansam dois manipuladores, à espera da vez de atuar.





O grupo dos marionetistas, isto é dos que animam os bonecos, especializados, ocupando-se só dessa parte. Composto de pessoas de ambos os sexos, apresenta-se no final do espetáculo com roupa e apetrechos de trabalho. Repare-se na moça à esquerda, o que poderia ser chamado de «cotoveleira» para proteger o braço do contínuo contato com a balaustrada



A ponte por cima do palco permite que se trabalhe pelos dois lados de modo que os bonecos aparecem em dois planos diferentes.



Antes do início preparam-se as cenas no diminuto palco. A moça ostenta um pequeno avental de couro e tenazes, são do ofício.

namos. Uma viagem diferente no meio de gente diferente. Nessa linha é que há o verdadeiro existencialismo; o povo de lá faz o que bem entende, sem preconceitos nem complexos, na maior ordem e paz possivel, sem prejudicar o próximo, com tôda a naturalidade sem "máscara", e, acima de tudo, com direitos e deveres iguai para todos. Desembarcados na ilha, fomos encontrar uma nume rosa população de 1200 bonécos e fantoches (não pessoas), d pano e madeira (não de carne e osso). Óra, óra, dirão os leito res, será o caso então de se perder tempo por causa de algun bonécos de madeira? Bonécos, sim, de madeira, é verdade, ma têm alma, carácter, vida e sentimento como muita gente cá fora mesmo conduzida pelos fios invisiveis, do interêsse, não consegu ter. Fomos encontrá-los pendurados, imóveis, dando a impressã exáta de um enorme patibulo cheio de enforcados. Mas, de repen te, o sôpro da vida começou a agitar os fios, as cabeças se ergue ram, os olhos rodaram, os lábios e as línguas mexeram, as mão bateram palmas e as pernas pularam. Os bonécos haviam aco dado. Quem seria capaz agora de sofreá-los em suas traquinada de segurá-los quiêtos? Era a vingança deles, mostravam aos homen que também tinham vida e ação, que eram poliglotas, eternos de tôdas as raças. Vimos velhissimos sacerdotes egipcios, mode níssimos artistas de Hollywood, romanticos personagens da Vie imperial, rústicos e sentimentais populares holandeses e peruano russos e napolitanos, fortes e ageis acrobatas de circo, melodios "virtuosi" de violino, artistas de cabaret, de opereta, de ópera e concerto. Vimo-los chorar, rir, dançar e cantar, falar, tocar mais variados instrumentos, amar e sonhar, enfim viver como vive os bonécos de carne e osso. Num espetáculo, que é mais uma s qüência de rápidos números e cortinas de todos os gêneros, p corremos ligeiramente o que foi a evolução das representações atr vés dos povos e dos tempos. Teatro, sim, mas não igual ao c mum, pois que reune a sátira e a caricatura à parodia, alc cando sucesso, no lugar do fracasso que estaria reservado a elenco de artistas reais.

A Companhia é italiana. Pertence a Vitorio Podrecca, friula isto é nascido nos Alpes ao norte de Veneza e Trieste, terra tradição eminentemente marionetista, bastando para isso lembrar nome de Goldoni. O gênero de teatro não é novo, pelo contrári O de agora, principalmente o conjunto de Podrecca, pode ser cl



Nos bastidores, os que trabalham na caixa têm uma faina contínua devido ao grande número de quadros apresentados na seção.



Essa é uma das deliciosas figurinhas que se apresentam no quadro «A velha Viena», toda de sedas e veludos. Por trás o Dragão.



...da ponte. Na outra foto vê-se Podrecca, o «Mangiafoco» da história de Pinocchio, com o «maestro» e o «baixo» do jazz.

...mado de único representante da tradição e escola que se formou na Itália no século XVI, espalhando-se depois pela Europa inteira. Quanto à figura do boneco a história e a arqueologia registram-no como sendo o mais antigo brinquedo que a humanidade possui. Nascido com certeza do espírito de imitação e do instinto maternal provocado nas crianças pelas atitudes que viam as mães tomarem com relação aos irmãos mais novos. A choradeira dessas crianças incentivou o espírito criativo do homem que viu na fabricação da mais rudimentar das bonécas o remédio infalível para o sossego familiar. No museu do Cairo existe o que é considerado o mais antigo boneco do mundo. Encontrado num túmulo das primitivas dinastias, é de madeira, imitando grosseiramente as formas humanas, mas apresentando a notabilissima circunstância de ser articulado, do mesmo modo com que hoje é concebido o famoso Pinocchio, a criatura de Carlo Collodi, conhecido da maioria dos brasileiros através da abastardada versão de Walt Disney. Seria aquêle o brinquedo favorito de um filho de faraó, prematuramente roubado pela morte ás honras do trono de Osiris. Dêsde os primitivos tempos da civilização vemos portanto o aparecimento dos bonecos, cada vez mais bonitos, mais parecidos com os homens, acompanhando o aperfeiçoamento da cultura dos povos. Rigidos, semi-flexiveis ou articulados fazem parte dos mostruários de todos os museus da terra, dêsde os marajoaras aos chinêses, dos etruscos aos escandinavos. Fetiches, deuses, manes, porta-fortunas, brinquedos, estatuetas, seja qual fôr o nome que se lhes dê, de madeira, pedra, marmore, pano, ouro, bronze, palha ou seja qual fôr a materia de que foram feitos, chegaram alguns a alcançar uma imitação quase perfeita do homem ou, mais pròpriamente, das crianças. Quanto aos bonécos movimentados por fios, a tradição dá-lhes a origem em várias partes da terra, dizem alguns que foi na China, no Japão, nas Indias Ocidentais, na Persia e outros dizem que foi na Europa. Talvez não tenham apenas um lugar de origem. Na Europa, sem dúvida alguma, foi na Itália que fizeram uma de suas primeiras aparições. Já na baixa Idade Média, correspondendo ás primeiras representações que deram vida ao moderno teatro, nas igrejas, nos castelos e nos palácios dos senhores feudais, eram bem conhecidos e apreciados certos fabricantes e co-

(Cont. na pág. 51)



OS LILIPUTIANOS DE PODRECCA, parte das mil e duzentas criaturinhas animadas como num conto de fadas, para deliciar crianças, homens-crianças e velhos-crianças.



MUITA GENTE ACHA que as mulheres, as mães de família, não trabalham como os senhores chefes de família, apenas porque não cavam a vida na rua, nas fábricas, nas indústrias. Mas, experimente qualquer um o pêso do serviço caseiro e vejo como é duro de roer. E os banhos do bebê? Haverá cousa mais exaustiva e complicada? Experimentem, senhores!

O LUGAR DA MULHER É NO LAR

É UM ERRO OS HOMENS AFIRMAREM QUE AS MULHERES TRABALHAM MENOS DO QUE ELES ★ O TRABALHO EXECUTADO POR UMA EMPREGADA NÃO PODE SUBSTITUIR À ALTURA O QUE É REALIZADO PELA PRÓPRIA DONA DE CASA ★ NO BRASIL, AS MULHERES SÃO DONAS DE CASA DE VERDADE!

De **MÔNICA PEARSON** (Exclusividade IPA — REVISTA DA SEMANA)

É comum aos homens afirmar que as mulheres trabalham menos do que êles, e que sôbre êles recai todo o pêso do sustento da casa, e que graças a êles seus lares prosperam numa calma perfeita. Isto não está certo. Sôbre a mulher moderna recai também hoje em dia a responsabilidade da prosperidade da vida em família. Se o homem trabalha nas fábricas, nos escritórios ou exerce uma profissão livre, é a mulher que cuida da prosperidade do lar, trabalhando em casa. Se fizermos uma estatística, obteremos um resultado que demonstraria claramente que graças ao trabalho feminino realizado no lar, a família economiza uma soma elevada de dinheiro. Especialmente, isto se constata quando a família tem filhos. O homem sai para trabalhar numa fábrica. Sua mulher fica em casa. Ela trabalha também. E quem sabe se ela não trabalha mais do que o seu marido, que tem seu trabalho limitado pelas horas designadas por lei! A mulher não tem horas fixas de trabalho, ela deve trabalhar durante todo o dia, e muitas vêzes, à noite, seu sono é interrompido, se ela tiver um filho ou filhos pequenos que começam a gritar! O marido, nervoso, fica na cama sem se mexer, enquanto que a mulher tem de se levantar para atender ao filho manhoso...

Ela deve conservar a limpeza da casa ou do apartamento; deve preparar a comida; fazer as compras; lavar e passar a roupa que o marido gosta de ver sempre em bom estado; consertar o vestuário; alimentar as crianças, etc. Se a mulher já tem filhos mais crescidos, ela aproveita a ocasião para corrigir suas lições de casa, para lhes responder às perguntas imprevistas. Ela tem mil e uma coisas para realizar e estas coisas nunca podem esperar — devem ser resolvidas rápida e sistemàticamente, para não atrapalharem a vida da família.

Falei muitas vêzes com diversos chefes de família, nos Estados Unidos, e êles afirmaram unânimemente que à partir do momento em que suas mulheres saíram para trabalhar fora, a casa ficou vazia, desorganizada, sem ambiência e sem o calor de um lar. Mas, infelizmente, nos Estados Unidos as mulheres são muitas vêzes obrigadas a trabalhar, e muitas delas pensam com razão que trabalhar ... tas delas são felizes com isto porque

A COSTURA diária, à máquina, exige também esforços consideráveis. Economizar dinheiro em tais afazeres é uma das virtudes da boa dona de casa. Mas os maridos ignoram isso.

fora é mais fácil do que trabalhar em casa.

A mulher moderna começa a compreender que se o trabalho fora de casa é recompensado pelos salários bastante elevados ou pelas rendas, ao mesmo tempo em casa a desordem tomou conta, o que ela não pode resolver durante as poucas horas da noite, quando está em casa. O trabalho doméstico custa agora demais em quase todos os países, e não se pode dizer que o trabalho executado por uma empregada, possa substituir completamente à altura o trabalho realizado pela própria dona de casa.

Na Inglaterra, por exemplo, as mulheres exercem também trabalho nas fábricas e nos escritórios, mas isto não acontece em tão grande escala como nos Estados Unidos.

No Brasil e em muitos outros países, a maioria das mulheres são donas de casa de verdade! Elas não necessitam da ajuda de empregadas e realizam elas mesmas todo o trabalho doméstico. E isto representa uma grande economia que já substitui em grande parte a recompensa de salário fixo no fim de cada mês, proveniente do trabalho fora de casa. Naturalmente, isto não se refere a famílias abastadas, que têm a possibilidade de contratarem mais de uma empregadâ doméstica. Mas, a prática também demonstrou que nestas famílias a dona de casa deve não sòmente observar o trabalho realizado, como deve também dirigi-lo com energia, dando seus conselhos e mostrando como o serviço deve ser feito.

Sem sombra de dúvidas, o lugar das mulheres é no lar! E' um lugar melhor do que qualquer fábrica ou escritório. Já há muitos séculos que as mulheres demonstraram como são capazes neste trabalho que realizam com alma, coração e boa-vontade. Quando vemos uma mulher trabalhando em casa, lavando a roupa ou costurando, temos por ela um grande sentimento de respeito, porque é ela que forma o ambiente da própria casa. E' indiferente onde isto se produz, seja na França, em Portugal, na Inglaterra!

Em todos os lugares a mulher se sente melhor em sua própria casa, que é o ninho construido pelo trabalho externo do homem e pelo trabalho interno da mulher dedicada. — (IPA).



DEPOIS DE TER dado muito trabalho a uma dona de casa, a roupa é estendida no coradouro. Uma senhora que deseja manter a casa bem limpa, trabalha como ninguém calcula...



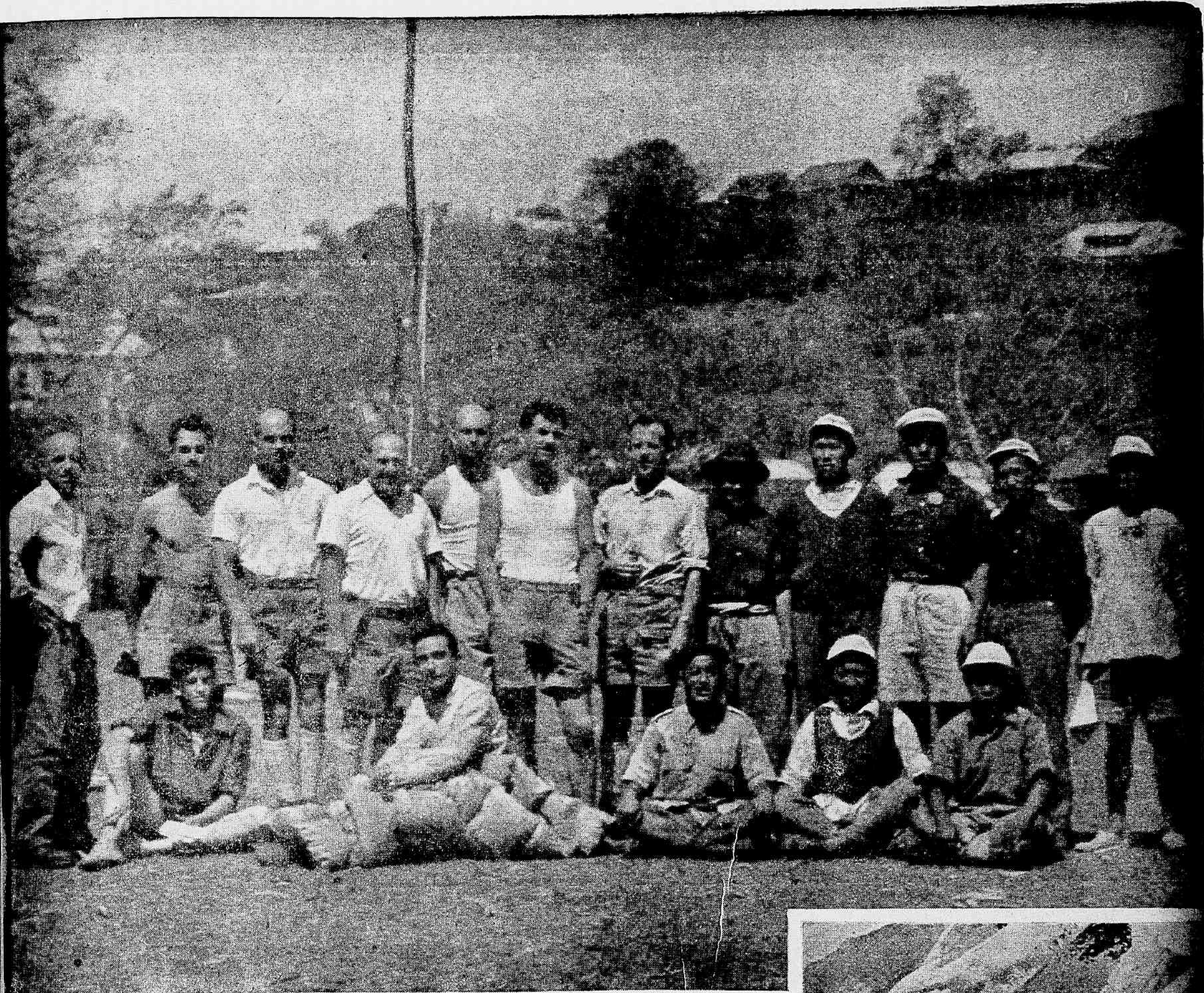






DOIS OUTROS protagonistas da dramática escalada do monte Anapurna, Gaston Rebuffat, de Marselha e Teracy, de Grenoble. **Ao lado, Teray,** já meio cego pelos efeitos da neve, é conduzido para o acampamento número II, de onde vão salvar outros.





MEMBROS E FIGURAS principais da expedição, em pé, da esquerda para à direita: Lachenal, Cousy, Schatz, o médico Oudot, Terray, Herzog, Noyelle. Sentados: Rebuffat, Ichac; à direita os nativos que auxiliavam nos trabalhos, conhecidos como «sherpas».

A TERRÍVEL VINGANÇA DE ANNAPURNA

HERÓICOS ALPINISTAS SUBIRAM A 8.075 METROS ★ MÃOS E PÉS CONGELADOS, FOI PRECISO AMPUTÁ-LOS SEM ANESTESIA A 7 MIL METROS DE ALTITUDE ★ CEGOS PELA NEVE ★ PERDIDOS NOS ABISMOS ★ A VERTIGEM DO HIMALAISMO.

A 30 de março de 1950, deixava o aeroporto de Le Bourget em direção da Índia, bem organizada expedição que se propunha atingir o pico do Annapurna, na cadeia misteriosa do Himalaia.

O D. C. 4 levava oito homens e quatro toneladas de material. Iria à Índia pela rota Cairo e Karachi. O programa era o de galgar os cumes do Dhaulagiri ou Annapurna, a mais de oito mil metros sôbre o nível do mar. Para bem dizer, eram nove os expedicionrios alpinistas. Entretanto, o nono companheiro de expedição, Francis de Noyelle, a quem fôra confiado o transporte da expedição, não seguiu de Paris no mesmo D. C. 4, e sim aguardava os outros em Delhi.

Dêsde três meses antes, êsse jovem louro, secretário da Embaixada, ia informando tudo o que os organizadores da aventura lhe iam perguntando sôbre coisas, hábitos, meios de usar levada a cabo a tentativa de chegar ao ponto culminante do Annapurna. Dentre as perguntas mais interessantes, havia estas: de quantos quilos é a carga média de um carregador do Nepal? E' exáto que 25 "annas" equivalem a uma "rupia" no Nepal? E' verdade que, na Índia, são 16 "annas" para uma "rupia?" Qual a freqüência da emissora de Delhi?

Graças à sua experiência do país e ao conhecimento do Hindostão, Noyelle se tornara em precioso elemento para a expedição. Nenhum recrutamento de carregadores, nenhuma opinião sôbre as caminhadas, nenhuma consulta a médicos, nada se fazia sem que êle fôsse ouvido. À hora do descanso, quando se fazia necessário advertir ao cozinheiro da expedição que a sopa estava muito salgada, era a Noyelles que se tinha de recorrer. E êsse jovem prestimoso não se mostra aborrecido com tantos encargos. As coisas tinham que ser bem reguladas para que tudo corresse bem. Não fôra sem sacrifícios que o grupo se tornara homogêneo, depois de um mês de entendimentos e consultas, renuncias e articulações bem dirigidas. Ao partirem, não tinham êles, entre si, se não conhecimento de nomes, referências esportivas e aparência física.

Mas, no momento em que estabeleceram o seu primeiro acampamento, ou campo de expedição, antes da escalada, já haviam



DO CAMPO II, o dr. Oudot, Noyelle e Ichac acompanham a ascenção de Herzog e Lachenal. A noite de 3 de junho ouviram os apelos dos seus companheiros desgarrados. A direita, um bivaque a 6.400 metros de altura no norte de Annapurna, o monte fatal.



A 7 DE JUNHO, os alpinistas em um dos acampamentos mais avançados percebem que os ventos estão aumentando ameaçadoramente. Terão que descer as escarpas, apesar do estado febril e esgotamento de todos. Três «sherpas» se encarregam de Herzog.

vencido várias provas em comum e isso, os fizera conhecer-se melhor e já parecia que eram melhor conhecidos vivendo junto por tôda a vida.

Mas, em expedição dessa natureza, o ponto capital é ter-se um chefe, um guia. Foi o caso de Maurice Herzog. Voluntarioso sem ser cabeçudo, mais indulgente para os outros do que para si mesmo, Herzog foi eleito o chefe da expedição. Era um verdadeiro camarada, audaz e de rápidas decisões nos momentos difíceis. As circunstâncias que envolveram a caravana fizeram dele um herói, o herói de Annapurna.

Dentre os demais, contava-se: Marcel Ichac, de 43 anos de idade, historiador e cineasta da equipe, era o único dêsse grupo que havia tomado parte na anterior expedição de 1936. Mas, infelizmente, as condições do Nepal são muito diferentes das do Karakoram. E êle punha em evidência os perigos e surpresas dessa escalada de agora.

Outro companheiro era Jean Couzy, o mais moço da turma, com 25 anos, politécnico e engenheiro aeronáutico. Esse matemático é um apaixonado sonhador de escalada ao Teto do Mundo, o Himalaia. Mas, para contrabalançar os sonhos do moço, há o seu compnheiro habitual, Marcel Schatz, que não alimenta veleidades e arrebatamentos. Os demais companheiros da jornada pela neve e pelos píncaros himalaianos, são os guias e "cordées d'assaut", isto é, pessoas que servem de pontos de apôio às cordas que unem a todos os alpinistas. São, todos êles, alpinistas profissionais e se chamam: Rebuffat, marselhês; Terray, de Grenoble, e Lachenal, de Annecy.

São, todos êles, gente de boa família e que escolheram um meio de vida muito mais perigoso e diferente daquele que poderiam seguir, se quisessem dedicar-se ao comércio ou a outra profissão menos arriscada do que a do alpinismo.

Além dêsses, destaca-se o nome do médico da expedição, dr.



LOUIS LACHENAL que caiu neve a baixo numa extensão de cem metros, é levado ao Campo II, por dois «sherpas». Lachenal não pode andar, pois está com os pés completamente congelados.



HERZOG, que atingiu o cume de Annapurna, a 8.075 metros, mostra aos companheiros a mão congelada, de cujos dedos a carne se solta. Salvou-o o médico, Oudot, operando-o a 6.000 metros.

Jacques Oudot, tão médico como alpinista, e que não lhes autoriza a beber senão beberagens à base de permanganato e pílulas de cloro reputadas higienicas, mas perfeitamente intoleráveis, impossíveis de engolir...

E foi graças à presença dêsse médico que os expedicionários conseguiram voltar com vida. Foram as advertências do médico que salvaram Lachenal e Herzog, quando os obrigou a conduzir medicamentos num total de 250 quilos e não apenas 80, como desejava Herzog. E essa precaução do doutor, valeu a salvação de muitos nos azares da escalada perigosa e dificílima.

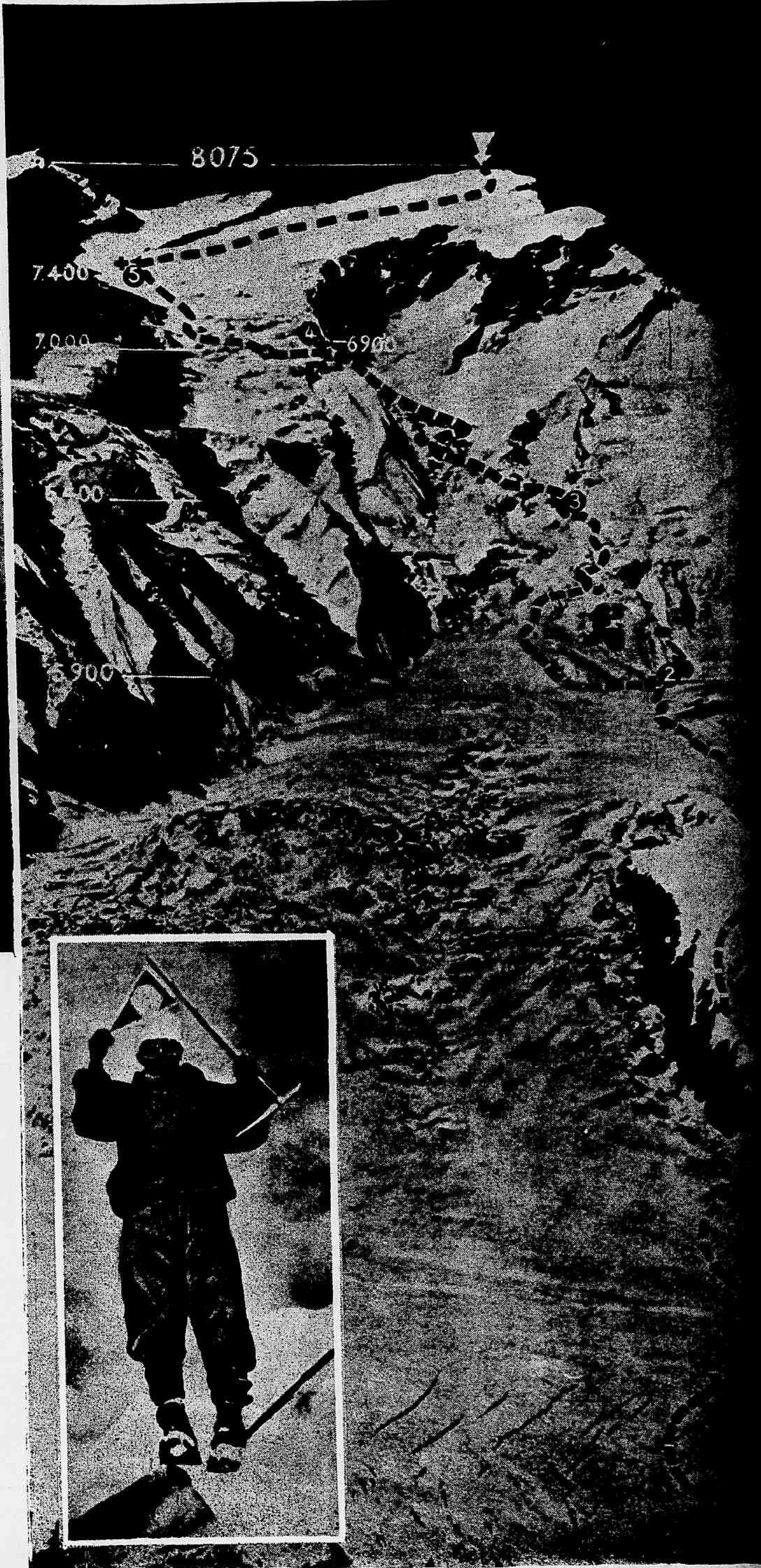
Cento e cinqüenta "sherpas" tomavam às costas todo o material da caravana, num total superior a quatro mil quilos. Tudo estava previsto. Menos os contratempos, como aquêle das luvas perdidas por Herzog e a quêda de cem metros, abismos abaixo pelo intrépido Lachenal.

O monte foi conquistado. Herzog alcançou a maior vitória de tôda a história do alpinismo mundial, vencendo o pico do Annapurna, a mais de 8 mil metros de altitude, entre tempestades de neve e gelo em pó levado em violência pelos fortes ventos daquelas alturas vertiginosas.

Mas, pobre Herzog! Pagou a escalada do pico do Himalaia. Com as mãos desamparadas, o frio intenso lhe desagregou as carnes dos dedos e os seus pés ficaram insensíveis. A circulação do sangue se interrompeu e foi preciso que o dr. Oudot o socorresse a seis mil metros, com reagentes injetáveis, especialmente de acetilcolile, destinadas a restabelecer a circulação sanguínea nos membros congelados.

E tudo isso sob a ação das tempestades de neve daquele fatídico 5 de junho, às duas horas da tarde que pareciam ser horas sombrias do juízo final.

(Continua na pág. 52)



TRAJETÓRIA da expedição, vendo-se Herzog fotografado por Lachenal, com uma bandeirola. Herzog está sem luvas, perdidas na última etapa. Por esse motivo, perdeu as mãos, amputadas.

PORCELANA

JÚLIAO entrava na loja às 17 horas e 30 minutos. Seu passo tardo e sua figura pesada, da qual sobressaia a cabeçorra branca, emoldurando a face negra, anunciavam aos funcionários da casa a proximidade das 18 horas. Era assim, o velho, preciso como um cronômetro.

No meio do salão luxuoso cumprimentava a todos, uma vez, sorridente; cumprimento convencional, de subalterno tímido, solícito, humilde. Os empregados, às vêzes, envolviam o pobre diabo em situações incômodas, lançando ao sexagenário ditos e pilhérias zombeteiras, dentro de anedotas ferinas, impróprias à sua idade, procurando perturbá-lo. O velho, inconfundível, sorria, fingindo compreender do que diziam os moços... Chalaças da mocidade, êles lá chegariam; a velhice é um calvário cujo lenho pesadíssimo é construido com o vigor da juventude. Os vendedores dos balcões aproveitavam-se do solitário, mediante espórtulas ínfimas para serviços particulares: condução de volumes, recados, etc. Tinham a impressão de serem também — é da profissão — donos do Estabelecimento, chefes da emprêsa. Não era por intermédio dêles que os fregueses retiravam as mercadorias? Quem, senão êles, tinha autorização para entregar, «dar» os adamascados e veludos? Naquele ambiente de fausto, entre jóias, perfumes caros, acolchoados, missangas e lantejoulas, sentiam os empregados a falsa idéia da posse; concluiam-na dando ordens ao humílimo serviçal.

Julião não se irritava, não se afligia: nunca se zangou ou exaltou, atendia a todos sem discutir nem contradizer, pois jamais dissera «não». Quando alguém procurava, intencionalmente, aborrecê-lo, sorria. Entretanto, adorava a solidão. Estando só, na Secção de Vendas, à vista das fantasias de pelúcia, da tapeçaria fina, das combinações delicadas de vidrilhos e arminhos, também julgava que aquilo «era seu». Não ficava vaidoso nem orgulhoso, apenas tranquilo. Que faria um negro velho, só, milionário?

Naquela tarde, às 8 horas, quando todos saiam, como de costume dirigiu-se ao escritório da gerência para iniciar a limpesa. Porém, antes de atingir o limiar, fez breve parada... Ouvira a voz «dela». De fato, d. Núbia falava ao marido. As mãos trêmulas de Julião tremeram mais ainda, o rápido embaraço, fingindo dispor melhor as sedas, fitas, linhas e livros expostos numa estante. Depois, empunhando o espanador, pediu licença e entrou no escritório. O gerente escrevia as últimas notas sôbre a mesa que a espôsa procurara arrumar, quando chegara. A desordem da mesa era um reflexo eloquente: espelhava o feitio do carater do dono. Viam-se sôbre ela salpicos de tinta, papeis amarrotados, cinza de cigarros, etc. Sempre fôra um tipo descuidado, refratário, inútil, e não parecia dar a devida atenção à espôsa, com quem havia no escritório merendado, pois ali estava a bandeja com os restos do chá... Tudo indicava, e o velho sabia muito bem, que d. Núbia fôra ao escritório, mais uma vez, tôda amor e ternura, para ensinar ao marido o caminho do lar tranquilo. Estava sentada a seu lado, bem junto, segurando-lhe o braço, meigamente, quando o negro velho entrou. Tristemente os sinos de uma igreja próxima bateram as horas. Rispido, como sempre, o gerente, vendo entrar o tímido empregado, ordenou:

— Arrume aquela estante, sairemos já.

— Sim, senhor, respondeu-lhe o servente.

Núbia ficou ainda alguns instantes calada. Tinha a atitude serena de quem espera uma resposta satisfatória; a face estampava uma súplica, mantinha pernas e braços cruzados, graciosamente. Situação de ansiedade de expectativa esperançosa, de amúo amoroso, como pensara Julião.

Não era linda a mulher do gerente, mas, diferente, exótica, singular. Na graça do sorriso e na malícia dos olhos, a alma visível das mulheres, residiam a fôrça da sedução daquela fragilidade potente! Núbia possuia, porém, antes malícia que graça, a pesar de ter alto espírito e inteligência; dirigia suas ações mais os reclamos da carne que as imposições do espíito. A incendiária mobilidade de seus olhos indicavam desmedida ansiedade de beijos e carícias... Os sorrisos de Núbia eram poemas inteiros de promessas de amor e felicidade; seus lábios delgados, sempre entreabertos, guardavam dentes irregulares, fortes, sãos. Talvez não fôsse elegante, porque ímpar, única, no andar próprio, rítmico, cadenciado; as mãos finas e róseas, como as dos manequins de porcelana da loja, eram delicadas e acariciantes. A cabeleira abundante caía-lhe soberba, em sedosos caracóis naturais, sôbre os ombros magros. Era, tôda, da cabeça aos pés, a encarnação viva de um desejo! Aquêle corpo ésguio, aparentemente frágil, cheirava a vida, a amor, a mulher de 23 anos! Ilusão humana!

O diálogo interrompido continuou:

— Então, querido, também hoje jantarei só, perguntou Núbia, terna e queixosa.

— Sim, minha filha, já expliquei, tenho uns negócios urgentes.

— Deixe-os para outro dia...

— Não, não posso, juntou secamente.

— Mas, meu bem, já ontem chegou tão tarde, esperei tanto...

— Amanhã irei cêdo.

— O menino não vê o pai há cinco dias, insistiu Núbia.

O gerente, num gesto muito seu, levantou-se, impaciente, tomando do chapéu e da pasta.

— Vamos! não posso — concluiu com azedume — levo você até o carro.

— Está bem — disse Núbia — você quer assim...

(Cont. na pág. 52)

Conto de **VICENTE C. DE CARVALHO**
Ilustração de **ORVAL**

nicodemus

MOSTRA COMO SE CAIR NO AGRADO

DELAS



AS MULHERES ADORAM SURPRESAS . .



UM CASACO
DE PELES
UM ANEL DE
BRILHANTES
ATÉ MESMO
UM VESTIDO
COMUM
DE TODO DIA
QUE LHE CUSTE
UNS MISEROS
QUATROCENTOS
E NOVENTA E
OITO CRUZEIROS
TRAZIDO
SEM AVISO PRÉVIO . . .
AH !
ELAS
ADORAM SURPRESAS . . .



SURPREENDA SUA AMADA,
O AMÔR DE SUA VIDA,
AQUELA QUE JUROU
ADORA-LO ATÉ A MORTE . . .
VOLTANDO
ALGUMAS HORAS ANTES DO COSTUME . . .

SEIS HORAS DA TARDE … HORA DA MEDITAÇÃO. DOS CORAÇÕES GENUFLEXOS DOS PENSAMENTOS AO ALTO HORA DA PAUSA PARA MEDITAÇÃO! — … A TODOS O BOA NOITE DE JÚLIO LOUZADA



O LOCUTOR DA AVE-MARIA

FALA COM LÁGRIMA NA VOZ



COMO ERA A VIDA DE JÚLIO LOUZADA QUANDO SOLTEIRO E COMO VIVE AGORA DEPOIS DE CASADO ★ ENCONTROU A COMPANHEIRA IDEAL DEPOIS DE VIVER UM ROMANESCO IDÍLIO POR CORRESPONDÊNCIA ★ JÁ NÃO BASTAVAM OS CONSELHOS... ERA PRECISO O EXEMPLO COMO NORMA À "PAUSA PARA MEDITAÇÃO".

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES
Fotos de WALTER MORGADO

"A tarde expirava. O sol descambava em uma apoteose de côres, em uma fulguração de chamas. Ao resplendor do ocaso, pira gigantesca levantada para o holocausto do Astro-Rei, respondia a palidez do oriente, órfão de sua generosa luz e do esplendor de sua púrpura deslumbrante."

Morria a tarde na inefável doçura do crepúsculo, onde ainda tremulavam palpitações de luz, quando chegamos à Rádio Tamoio. Subimos. E do alto vimos, ao longe, qual imensa mancha negra, perdida nas brumas, da qual se destacavam, perfilando-se no horizonte, silhuetas de campanários, colunas capitolinas, frontões de edifícios; tudo indeciso e fulgurante, como emergindo de um sonho, da névoa de um lago aéreo e vaporoso, com um estranho fundo de miragem.

Hora de melancolia! Hora de sonho! Hora em que tôdas as coisas se confundem na luz indecisa do crepúsculo, e uma estranha sensação de mistério e de amor, sobe da terra e vai para o espaço mudo, para a imensa calma do céu taciturno! Hora da Ave-Maria. E os sinos das igrejas assinalavam-na badalando pausadamente. Ao longe o carrilhão da Igreja de São José tocava a melodiosa música, numa tristeza infinita, enchendo o espaço de um mistico clamor. Dir-se-ia melhor — voz na solidão, *vox clamantis in deserto*; voz de mãe desolada, chamando aos templos vazios os filhos dispersos pelo furacão da impiedade; os espiritos rebeldes; os corações já ensurdecidos para o grito da fé.

E quando a vibração sonora dos sinos morria na calma infinita da tarde, ecoou mais forte a voz do locutor:

"São dezoito horas ouvintes do Brasil; a todos o boa-noite de Júlio Louzada. Suspende por um instante o teu labor e pensa no supremo bem da vida... rezando comigo:

Senhor, fazei-me um instrumento de vossa paz; onde há ódio, deixai-me semear amor; onde há injúria, perdão;



— «SÃO DEZOITO HORAS, ouvintes do Brasil... Suspendam por um instante o seu labôr e pensem no supremo bem da vida»...

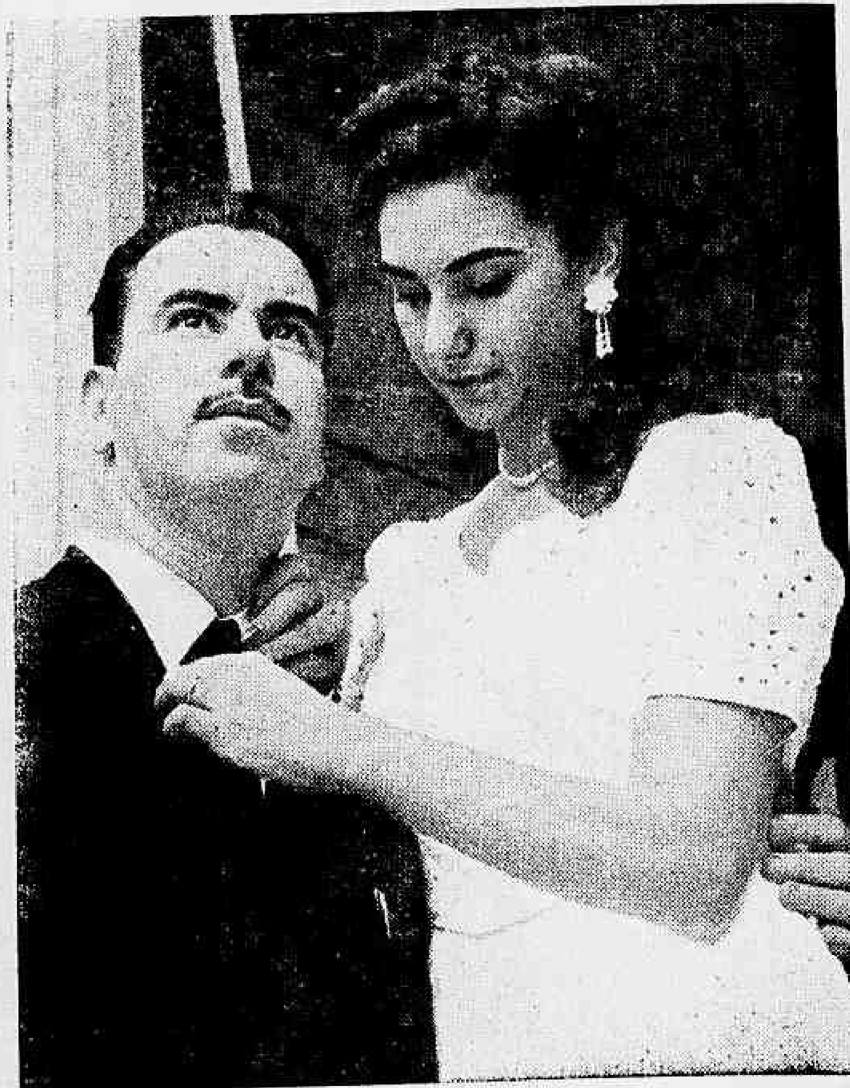




— «SENHOR, fazei-me um instrumento da Vossa paz; onde há ódio, deixai-me semear amor; onde há injúria, perdão; onde há dúvida, fé; onde há desespero, esperança; onde há trevas, luz; onde há tristeza, alegria. Ó Mestre divino, permiti que eu não só procure ser consolado, como consolador; ser compreendido, como compreender; ser amado, como amar; porque é dando que recebemos...»

O LOCUTOR DA AVE MARIA...

O CASAL Júlio Louzada-Sylvia Emílio Louzada, êle locutor da Ave-Maria que todo o Brasil escuta, ela professora do Ministério de Educação. Foi, primeiro, sua fã e admiradora, para tornar-se agora a companheira ideal para toda a vida.



ANTES DE SAIR, um ligeiro tôque no laço da gravata. Depois, o beijo de despedida, um beijo de saudade para o dia inteiro.

onde há dúvida, fé; onde há desespêro, esperança; onde há trevas, luz; onde há tristeza, alegria.

O' Mestre Divino, permiti que eu não só procure ser consolado, como consolar; ser compreendido, como compreender; ser amado, como amar; porque é dando que recebemos; é perdoando, que somos perdoados, e é morrendo, que nascemos para a vida eterna."

Ouvimos contrito a bela oração e como nós outros milhares de pessoas ouvem diàriamente a "Hora da Ave-Maria", escrita e lida ao microfone da Rádio Tamoio por Júlio Louzada.

São páginas maravilhosas; escritas com a alma e o coração, tendo como preludioso fundo a Ave-Maria de Schubert. À melodia sacra e ao encanto da hora crepuscular, junta-se a voz dolente de Júlio Louzada. A oração que transcrevemos é uma das que êle mais gosta de dizer. Foi a que a sua saudosa mãe rezou na hora da morte... antes de exalar o último suspiro.



ASSIM SE DESPEDEM os casais felizes: Madame, no patamar, dá o último adeus até à noite — êle se apresta para mais um dia de labôr honesto e produtivo. Por isso ambos dizem: «Nossas vidas são dois livros abertos», e naquela mansão de harmonia, no subúrbio do Meyer, tudo fala, expressivamente, da paz e do amor que dentro deles reinam. Um casal exemplar



O HOMEM E O SIMBOLO

Na solidão claustral das tôrres sempre a postos
O sino é um monge cril, um monge solitário
Que reza de mansinho a oração do desgôsto
E desfia do sons, lentamente, um rosário.

A VOLTA AO LAR. DENTRO DO LAR, A FELICIDADE O ESPERA.

O LOCUTOR DA AVE MARIA...



— VOCÊ trabalha muito, meu bem. Precisa cuidar da sua alimentação, mas não se preocupe, aqui estou para tratar de tudo, amor.

Nos intervalos de seus programas o famoso locutor conta-nos episódios de sua vida de solteiro, de radialista e, finalmente, nos leva até a sua casa para que conheçamos a sua espôsa e possamos ter uma idéia melhor da sua nova vida, isto é, da sua vida de casado.

Júlio Louzada é carioca e nasceu no subúrbio de Engenho-Novo. Além de radialista e jornalista é escultor em madeira, tendo tirado um curso na Escola Visconde de Cairu. Posteriormente, fêz o curso ginasial no Colégio Pedro II, tendo sido colega de nomes, hoje já consagrados, como Luiz Jatobá, Alziro Zarur e J. G. de Araújo Jorge. Finalmente, matriculou-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, onde abandonou o curso no terceiro ano por motivos adversos.

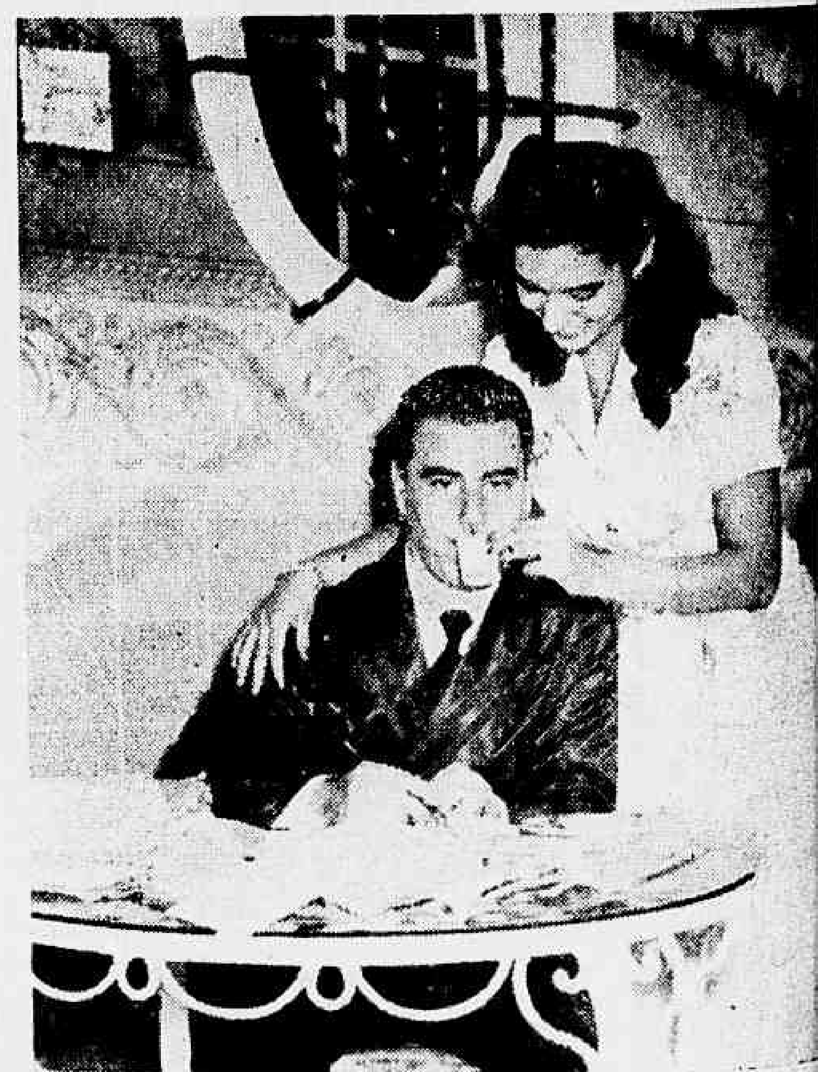
Estreou no rádio num concurso para locutores na Rádio Educadora, hoje com o nome de Rádio Tamoio. Em primeiro de setembro de 1937 fêz a primeira oração da Ave Maria. Tem colecionadas tôdas as páginas que tem escrito e lido e tenciona publicá-las em vários volumes, pois as mesmas somam a mais de 5 mil páginas dactilografadas.

Júlio Louzada sempre fôra um incansável idealizador de programas. Entre outros, formou com Átila Nunes o Teatro de Amadores, de onde surgiram astros de valor como Amélia Simones, Maria do Carmo, Ida Gomes, Paulo Moreno e outros...

COMPANHEIRA IDEAL

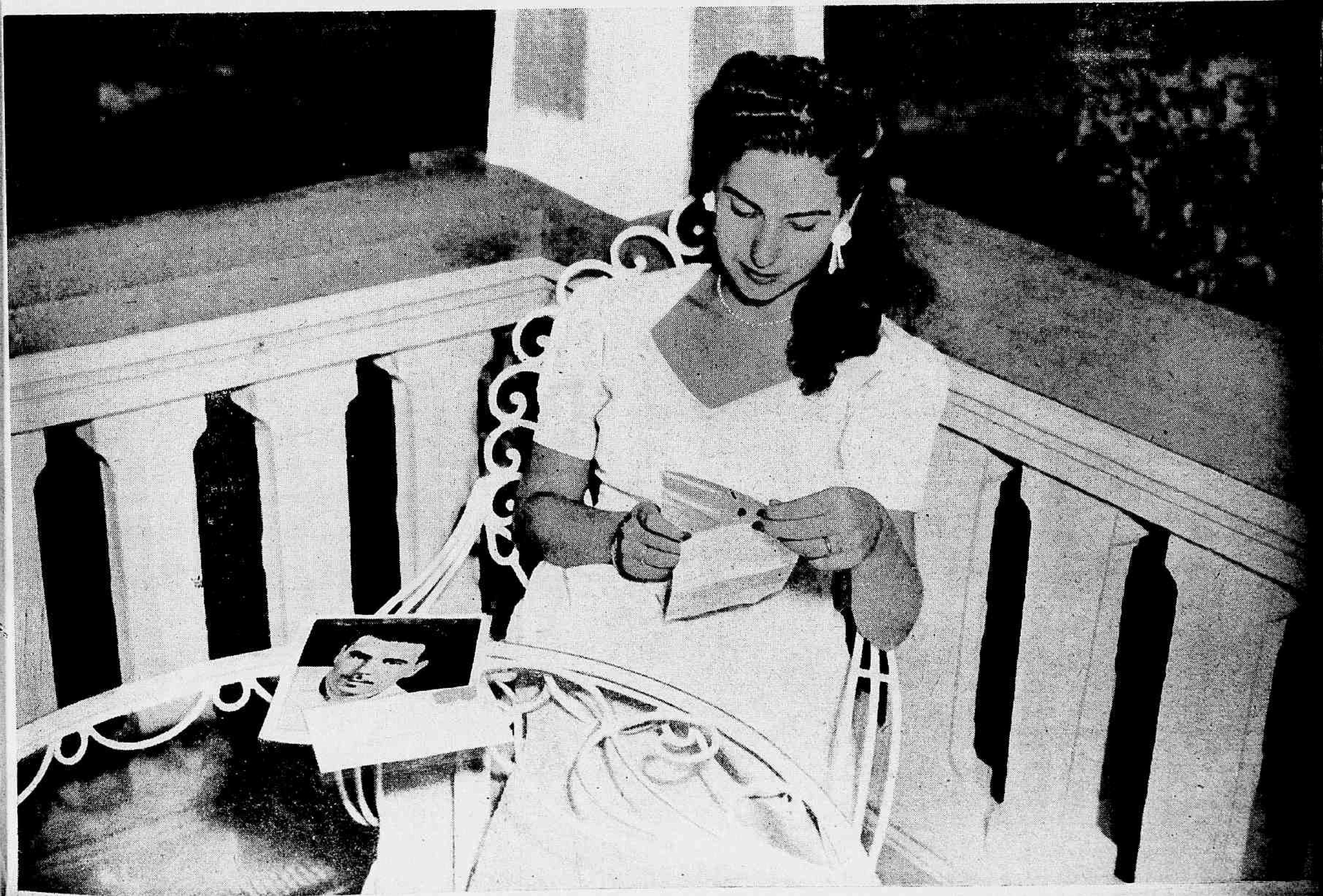
"Dizem que os casamentos são determinados no céu... mas é na terra que êles se realizam" Júlio Louzada — o criador de "Pausa para Meditação", programa cujo fi

A CORRESPONDÊNCIA aumenta sempre, cartas e telegramas aos montes para responder. Nessa altura um cafésinho bem feito é uma delícia...



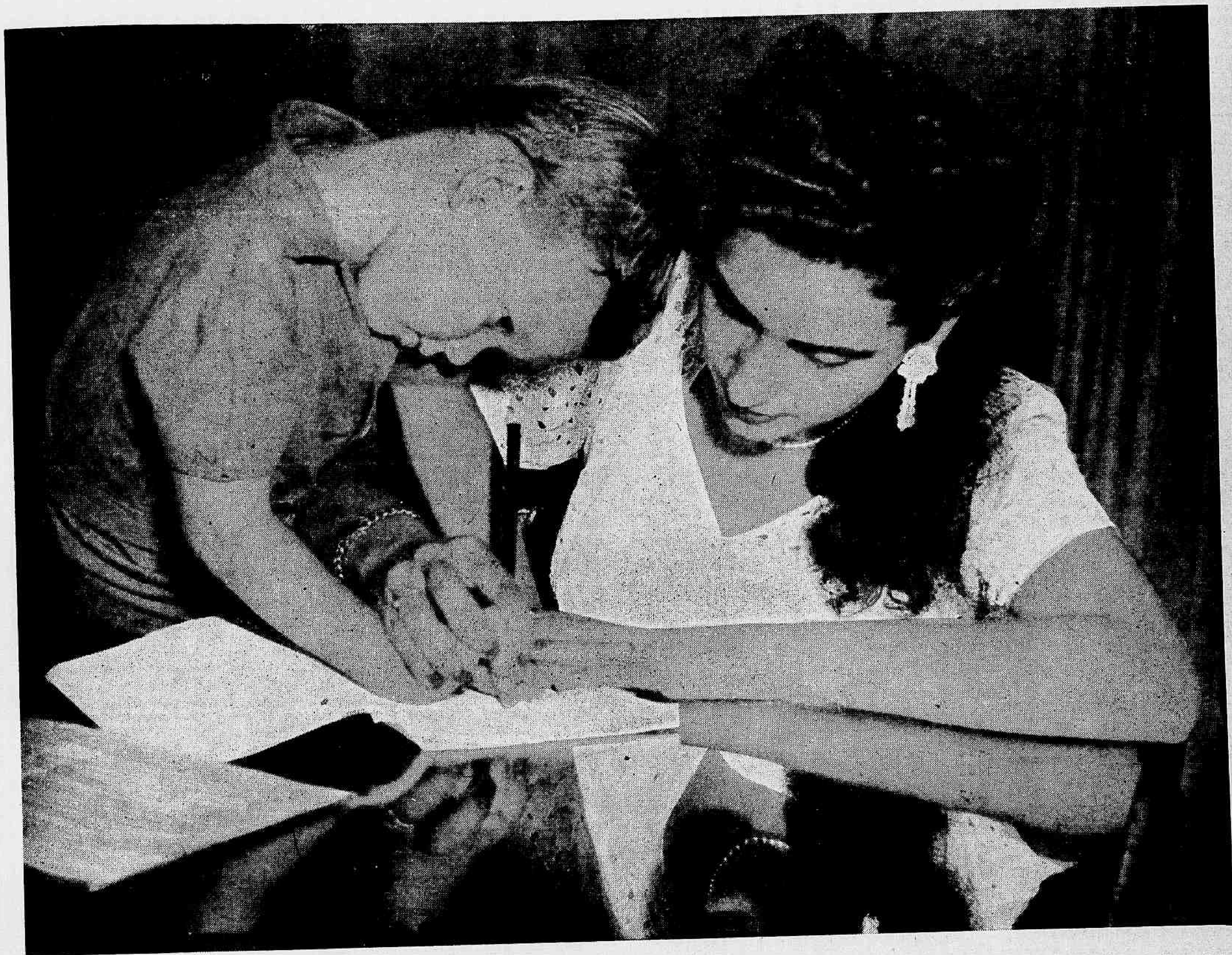


— «ONDE FOI que você aprendeu a cozinhar tão bem, a fazer tão gostosos quitutes?» — Ela responde com um sorriso que traduz tôda a sua alegria por vêr que os quitutes sáem ao gosto do maridinho querido. Mas... dona Sylvia faz também as vêzes de secretária do locutor. Um retrato autografado? Pois não, com todo gosto. Ela mesma, em pessoa, incumbe-se de atender ao pedido.





— "Foi através das cartas que passei a admirar mais o Júlio. O que êle me escrevia não eram pròpriamente cartas, mas lindas páginas literárias, com citações filosóficas, poesias e pensamentos, que, hoje, relemos com emoção".



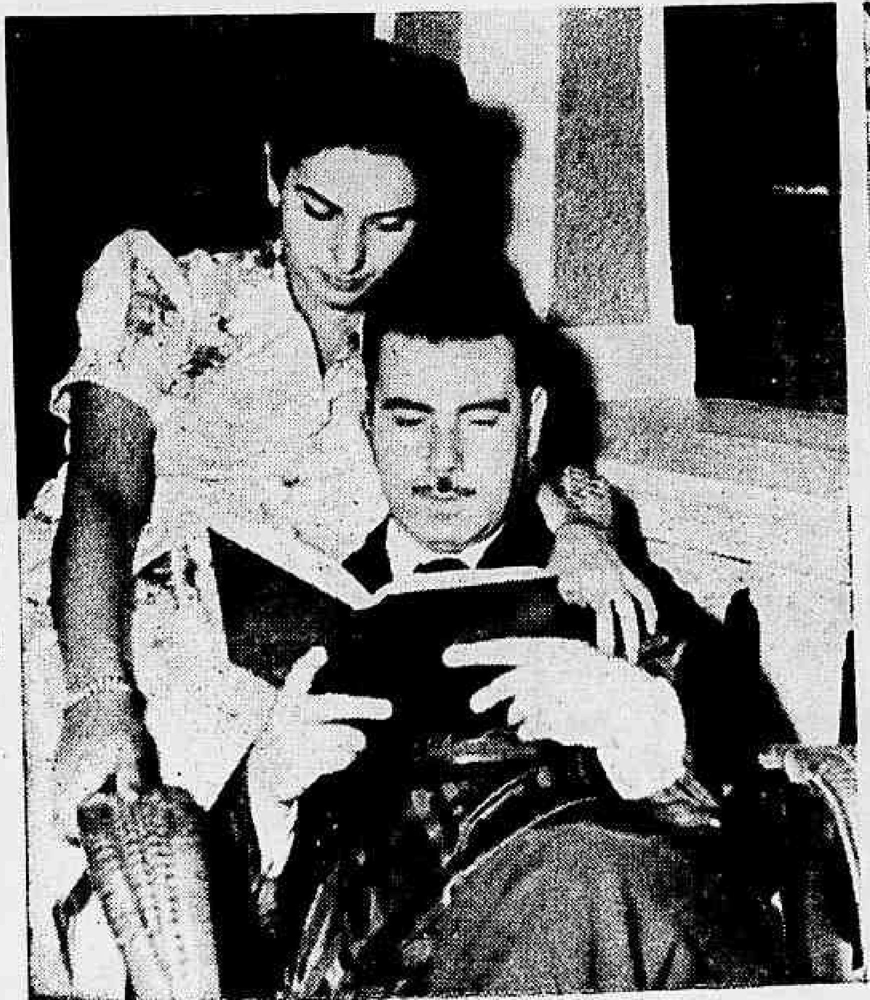
DONA SYLVIA adora as crianças e tem sempre um gesto carinhoso, uma frase bondosa para atender às suas «impertinências». Aqui a vemos, ensinando êsse garoto de ar inteligente e olhar penetrante, a rabiscar as primeiras letras. O lápis vai deslizando pelo papel branco, as frases vão saindo, em caligrafia apurada. Algum dia êle há de orgulhar-se da sua primeira professora..

é a reconciliação de casais, depois de dar muitos conselhos pelo rádio, agora dá o exemplo insofismável. Para tal, quis o destino que êle encontrasse uma criatura digna e capaz; u'a mulher que fôsse ao mesmo tempo companheira e irmã de ideal; cônscia dos seus deveres, submissa, carinhosa, inteligente e culta. E aí está a sua espôsa, sra. Silvia Emilio Louzada — professôra do Ministério da Educação — que a princípio foi sua fã e admiradora e agora a sua companheira ideal.

São duas criaturas simples, vivendo numa mansão bendita, no subúrbio do Meyer, em perfeita harmonia... O homogêneo e simpático casal põe-se à nossa disposição, dizendo sorridente: — "As nossas vidas são dois livros abertos".

— Pois bem; então queremos ler êstes dois preciosos livros. E passamos a remexer em tudo. Lendo as crônicas da Ave-Maria, notamos que o autor se refere constantemente aos sinos... e perguntamos — por quê? Ao que Júlio Louzada exclamou:

(Cont. na pág. 46)



A PAZ do lar, um livro amigo, uma poltrona confortável — e os braços da esposa a envolver-lhe o pescoço. Não é isso a felicidade?



UM GIRO pelo jardim, o esquecimento das agitações de mais de um dia de trabalho, o cair da tarde lento, plácido, muito leve...



O RETRATO que o tempo há de fazer mais e mais precioso, tirado no dia dos esponsais, em setembro último. O retrato para a posteridade.

A VIDA DE ERNESTINE SCHUMANN-HEINK

1861 — 1936

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

FOI enquanto Ernestine aprendia a cantar a missa no convento de Cracóvia que a madre Bernadine descobriu ter ela uma linda voz. Ficou excitadíssima. Nada parecido tinha acontecido anteriormente naquela casa de Deus. Mandou chamar a mãe de Ernestine.

— Sei que estranhará o que vou lhe dizer, Frau Roessler — disse madre Bernadine à espôsa de um oficial do exército austríaco contemplado com muitos filhos e poucos florins. — Mas lhe peço que não descure da voz que Deus presenteou à sua filha. Ela será uma excelente atriz ou uma grande cantora.

— Mas nós não temos dinheiro... não temos nada. Andamos de lá pra cá quando meu marido recebe ordens. Somos sós no mundo. De que modo podemos fazer alguma coisa por ela?

— Alguma coisa há de acontecer decerto. Se Deus concedeu a ela tanto talento, lhe dará também os meios de o aproveitar.

Mais tarde, em casa, o pai de Ernestine mostrou terrível semblante ao saber da conversa. Que contra-senso era aquêle? A filha de Hans Roessler das tropas de Sua Majestade tornar-se uma artista, uma mulher indecente?

— Nunca mais serei capaz de encarar os companheiros no regimento!

— Ora, Hans, nem tôdas as cantoras são mulheres indecentes — ariscou timidamente a espôsa dêle, uma italiana para quem a arte do canto não era assim tão temível. — Adelina Patti é cantora, e veja como o mundo inteiro se prostra diante dela.

Foi, assim, uma nova época para aquela menina austríaca que fôra criada a ouvir apenas o tinir das esporas e as pragas dos soldados. Compraram um piano para Tini Rossler por uma pechincha. Também, era velho como o diabo! As cordas estavam rebentadas. Os martelos estavam frouxos. Tini amarrou as partes quebradas com um cordão, colou cêra por cima, e fôsse como fôsse o piano deu música.

Hans Roesseler e sua família andavam sempre mudando de lugar, iam para onde quer que as ordens militares os mandassem. Tinham saído de Lieben, onde Tini nascera em 1861, e haviam se dirigido a Cracóvia; e agora rumavam para Gratz. A mãe de Tini ia ter outro nenê. Sentia fome. Tinham uma nova vida para alimentar. Da cama onde estava levantou os olhos, e êles cintilaram.

— Tini — disse à filha — bem que eu gostaria de comer um pedaço de queijo suíço. Mas donde tirar dinheiro para o comprar? Isso é um luxo para gente rica.

— Eu vou conseguir, mãe.

Quando, porém, a senhora dona merceeira percebeu que Tini não podia pagar, berrou:

— Some-te daqui!

Os olhos da menina se encheram de lágrimas.

— Por favor, minha mãe está doente. Ela vai ter um nenê e deseja êste queijo agora.

— Não, não podes levar queijo nenhum. Vai-te embora!

— Ora, seja camarada! Se me der o queijo eu cantarei e dançarei para a senhora. Canto uma canção popular húngara e danço também uma dança popular. E a senhora pode chamar todos os amigos e vizinhos para virem me apreciar.

A pobrezinha viu que a velha era capaz de ceder, porque o rosto dela se iluminou ante aquela sugestão.

— Primeiro posso levar o queijo para casa, não é? Para a minha mãe? Sim?

— Não, sua espertinha! Se eu te desse o queijo, tu não voltarias para dançar. Primeiro tens que dançar...

Após êsse episódio, Tini se exibiu frequentemente para a gente simples do povo, e também na alta sociedade. Fazia reverências com tanta graça, que lhe davam tudo o que ela pedia. Sabia curvar-se com encantadora cortesia. Tôdas as filhas dos oficiais do exército austríaco aprendiam a etiquêta da côrte de modo a poderem em qualquer ocasião estar aptas a serem apresentadas ao imperador e à imperatriz. No entanto, aprender essas boas maneiras, não era tão divertido como brincar com os cavalos nas baias dos quartéis.

Ou como cantar em público. Até as grandes artistas do lírico que passavam por Gratz ouviam falar da menina de palavras ingênuas e bonita voz. Uma dessas artistas, a grande Materna, ouviu-lhe o canto e falou sem rodeios à mãe dela.

— Não há dúvida que a voz de Ernestine é bastante boa, mas não seria possível ela aparecer em público. A menina é baixa, atarracada e subnutrida.

E voltando-se para Tini:

— Não chore, menina. Você há de arranjar de qualquer modo, porque tem um coração grande, aberto.

Depois de receber muitas lições de canto, chegou para Tini um dia que ela nunca esqueceria. Estava sôbre o tablado envergando um manto negro feito de um dos velhos vestidos da mãe, e com uma rosa vermelha nos cabelos; cantava sua parte no côro da "Nona Sinfonia" de Beethoven. Pela sua participação no espetáculo recebeu mais de cem cruzeiros em dinheiro austríaco. O potente espírito de Beethoven e a pobrezinha da Tini formavam um glorioso par naquele dia. A têrça parte do que ganhou, ela deu à mãe. Com o resto comprou uma gaiolano para o seu canário e o primeiro par de cortinas brancas que adornaram as janelas da sala de visitas.



ERNESTINE SCHUMANN-HEINK

II

Aos quinze anos, não obstante a profecia de Materna, Tini tornou-se uma cantora de ópera. O diretor da Ópera Real em Dresden ficou encantado com a voz dela; consignou-lhe, todavia, um salário ridiculamente baixo. E só lhe deu papéis secundários. Ela se hospedou com a viúva do organista que tocara na Catedral do Estado. Vivia de salsichas e cerveja, "para se fazer forte". Além dos seus deveres na ópera, cantava na igreja, nas vésperas a que só compareciam umas poucas senhoras de idade, "na maior parte surdas". Mas outros ouvidos talvez acompanhassem o desenvolvimento da sua bela voz de contralto, os ouvidos dos reis e rainhas de antanho que jaziam nos seus túmulos sob a neve. Seus corpos eram guardados numa temperatura glacial para honra do Estado. E o frio penetrava na parte superior da igreja, e enregelava Tini e todos os outros membros do côro, enquanto cantavam a missa. Tini estava fortemente impressionada pela pompa dos reis e rainhas, tanto dos de cima como dos debaixo do chão.

Certa vez, estava cantando a missa quando os reais consortes entraram na igreja e começaram a desfilar pela neve. Levou um susto e parou de cantar, esquecendo a sua parte. Então pôs-se a acompanhar as outras cantoras, com voz alta e clara, errando as notas. O velho regente bateu-lhe no ombro com sua batuta.

— Sua bobinha do diabo! — sussurrou êle, rouco, enquanto as lágrimas lhe rolavam pelas faces.

Era um homem mesmo velho. Só pensava em que cada nota que dirigia podia ser a sua última nota. Que direito tinha a juventude de lhes destruir o canto de despedida da velhice?

A juventude era irrefletida até as raias da tragédia. Aos dezoito anos, Tini permaneceu uma estação inteira namorando um belo e jovem granadeiro através da ribalta. Depois seus olhos se voltaram dos botões reluzentes para a simplicidade do secretário da Companhia Lírica. E embora seu contrato expressamente proibisse, ela se casou; com êsse secretário, Paul Heink.

Ambos deixaram suas ocupações. Os filhos começaram a chegar. Já três tinham nascido, quando Paul Heink se aborreceu da aventura e abandonou sua espôsa. Para ela o resto do mundo era pouca coisa comparado com seu canto e seus filhos. Foi de teatro em teatro pedindo para ser aproveitada. E o diretor da Companhia Lírica de Hamburgo a contratou, pagando-lhe pela voz de contralto duzentos cruzeiros mensais. Com isso ela tinha que viver, ela e seus três filhos!

Mas, no pequeno mundo musical germânico havia dois homens de apurada sensibilidade que a descobriram. No grande festival de Brahms ela cantou diante do próprio compositor. Ao terminar, Brahms interrompeu as ondas de aplauso e subiu ao estrado com o regente Von Bulow, para beijar a mão dela. Quando Von Bulow fitou-lhe o rosto, percebeu que aquela mulher durante meses não fizera uma refeição completa. Acidentalmente, como se isso não significasse nada para uma grande cantora, convidou-a a jantar em sua casa. E ao fim do jantar disse:

— A senhora pode ir para casa e levar alguma coisa para os seus filhos. Qual é o seu prato predileto?

Ela franziu os sobrecenhos, desconfiada. Ficava bem dizer?

— Sauerkraut! Sauerkraut mit Schweinefleisch! — balbuciou.

Von Bulow desembaraçou a garganta.

— Escute aqui, senhora Heink. Duas vêzes por semana tem de vir jantar comigo. Coma tanto quanto quiser. E sempre há de haver quantidade de sobra para a senhora levar aos seus filhos na volta.

Chegou-lhe o quarto nenê. E ela pagou à parteira cinquenta cruzeiros pelos seus serviços.

Entrementes Von Bulow fôra solicitado por outros compromissos; e em meio à sua carreira atarefada esqueceu a cantora cuja vida salvara. E junto com o dêle veio o esquecimento do mundo musical. Foi como se ela nunca tivesse absolutamente cantado no festival de Hamburgo.

Sua situação era lastimosa. O marido acumulara um montão de dívidas que as leis alemãs obrigavam a mulher a pagar. Ela, porém, não estava em condições de saldá-las. O oficial de justiça carregou-lhe a mobília. E um dia, em novembro, ela julgou que não podia mais suportar a vida. Pegou o nenê no colo, reuniu as outras crianças, e partiu para os trilhos da estrada de ferro. Ficara sabendo a que horas o trem passaria. Num instante tudo estaria terminado. O vento fêz um arrepio percorrer-lhe o corpo. As crianças, geladas e desnorteadas pelo olhar que viam na mãe, começaram a chorar. Soou um apito. Ela se curvou sôbre os filhos, aconchegou-os contra si, e a mãozinha de August a gelou. A pequerrucha Lotta ergueu o rosto para o de sua mãe e choramingou:

— Mamãe, eu lhe quero bem, eu lhe quero tanto bem! Me leve pra casa!

Era como se o trem já a tivesse esmagado. Ernestine voltou atrás.

Dirigiu-se ao escritório de Herr Pollini, diretor da Ópera de Hamburgo, como se fôsse não uma mulher, mas uma chama. E falou:

— Herr Direktor, quando lhe pedi uma oportunidade de cantar como primeiro contralto, o senhor riu e me disse que eu daria uma boa comediante. Quando lhe pedi uma oportunidade para viver, o senhor me ridicularizou quase mortalmente. Agora vim lhe dizer isto: voltei à vida. Serei o primeiro contralto da sua companhia. Serei o primeiro contralto da Alemanha. Serei o primeiro contralto do mundo!

III

Ainda por algum tempo queimou turfa no forno para aquecer os filhos, e passava todo o dia nos bancos do parque à espera de uma colocação. E afinal o sucesso veio. A prima-dona da Ópera de Hamburgo deu vasão a uma crise de nervos pouco antes de uma representação de "Carmen". Negou-se a cantar.

O empresário, no seu desespêro, recorreu a Ernestine Heink.

— Será capaz de cantar nesse papel sem um ensaio? — perguntou.

— Cantarei, ainda que morra no palco — respondeu ela.

Não tinha vestuário. O pessoal do elenco reuniu sobras daqui e dali para a trajar. Um deu-lhe um véu; outro, uma saia; um terceiro, jóias e um pente para usar no ca-

(*Cont. na pág. 51*)

GAZÉIS TRADUZIDOS DO PERSA



Por que cantas — ó Bulbul — se a voz de minha amada se calou?

Por que brilhas — ó Sol — se os olhos de minha mada se cerraram?

Por que sonhas — ó rapariga — se a felicidade é uma eterna miragem?

Canto ainda — ó Infeliz — porque outros corações estão alegres.

Brilho ainda — ó Infeliz — porque outros olhos cintilam.

E se eu sonho — ó Jovem inconsolável — é porque, amanhã, tu me amarás, talvez.

★

Vejo o sol radioso
E são os seus olhos.

Acaricio o âmbar do meu colar,
E é o seu rosto.

Vejo o cipreste esguio,
E é o seu talhe.

Respiro a rosa de Kasvine
E é o seu hálito.

Ouço cantar a água do regato,
E é sua voz.

E se piso sôbre uma fibra,
E' ainda Ela que me persegue.

LYSE





VESTIDOS BORDADOS

M dos maiores atrativos dos vestidos de primavera e verão está na apresentação de modelos, em todos os tecidos, com bordados de diversos feitios, em cores vivas. — Modelo para tarde em seda fina, com a saia franzida nas cadeiras e o corpo bordado em linha escura. — Elegante modêlo para noite, com grande decote e mangas japonêsas. As cavas, decote e os bolsos, são bordados a fio de prata e pérolas. — Vestido de baile em cetim, corpo comprido, sem alças. Saia inteiramente trabalhada em franzidos com bordados de pérolas nos franzidos.





SUGESTÕES VARIADAS



ARA as manhãs de sól ou os fins de semana no campo, são apresentados êstes vestidos nos mais variados feitios. Vestido sem alças, com grande laço em fazenda lisa, caindo as pontas pela saia. Mangas três quartos e saia justa são as características dêste vestido branco. Modêlo esporte simples, em algodão estampado. Modêlo de duas peças com saia justa e bolero de mangas japonêsas, com as costas godê. À esquerda, modêlo para passeio, saia drapeada. Em baixo, à direita, dois outros sugestivos modelos para a tarde.







ESTAS são algumas das úúlútimas criações de París em trajes juvenís, para todas as horas. Vestido em seda com o corpo trabalhado em «ajours», criação de Bernard Sagardoy. Duas peças de Nina Ricci, em lã cinza Vestido de algodão, criação de Bruyere, enfeitado com sinhaninha. Encantador «tailleur» e casaco, criações de Robert Piguet e Paquin. Costume de Jacques Heim, em seda de «pois». A gola e os punhos são de seda branca e a gravata preta.

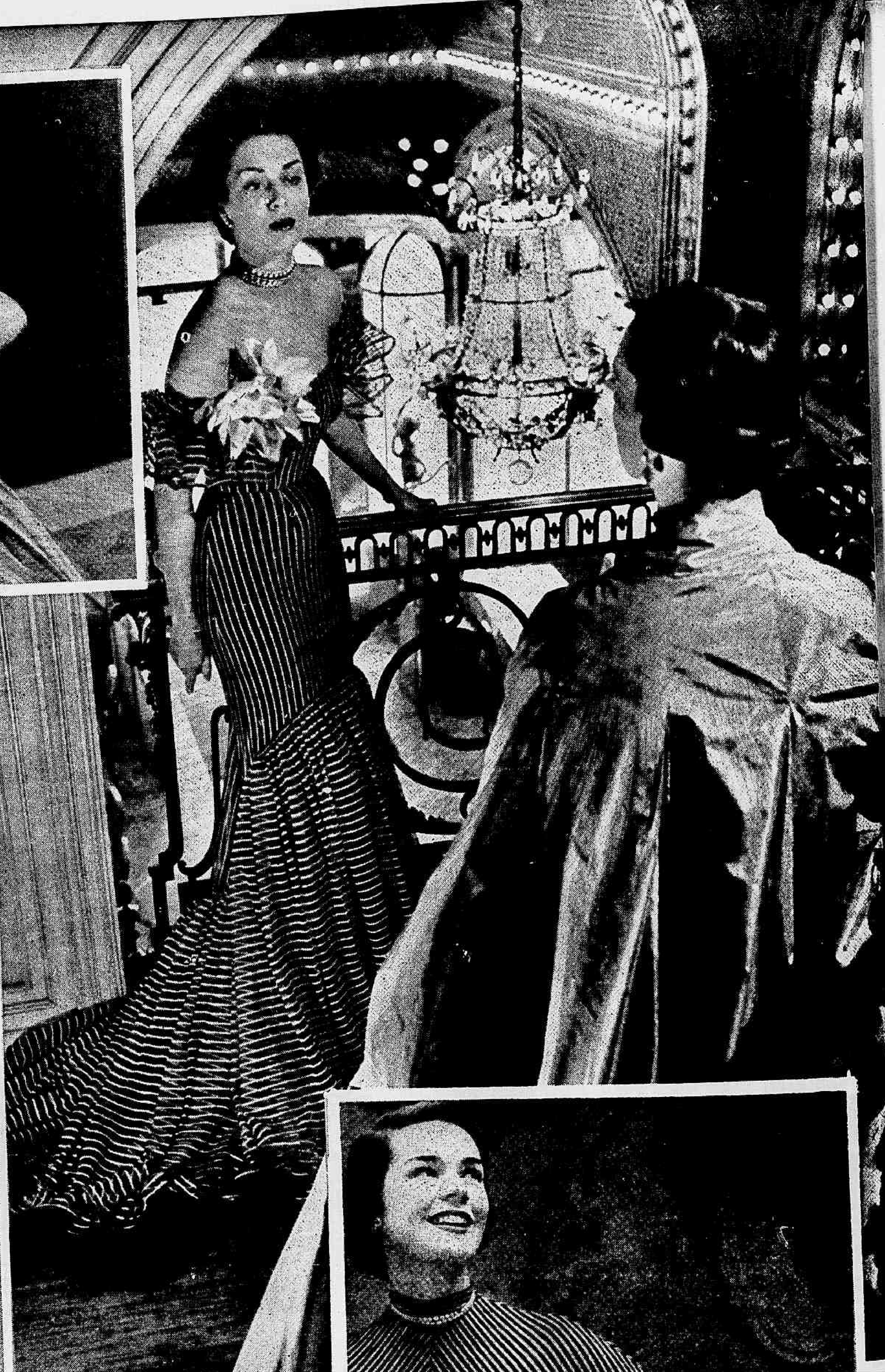




MODELOS JUVENÍS



LISTRAS





AS fazendas listradas adaptam-se para diversos feitios, prestando-se para lindos enfeites em vestidos costumes ou blusas, como vemos nestes modelos. Vestido em seda com o corpo enviezado e a saia godé com bastante roda. Blusa de mangas japonêsas, e gola alta; as listras casam-se na frente dando grande efeito. Êste vestido de saia justa e corpo subido com mangas três quartos japonêsas pode ser confeccionado em qualquer espécie de tecido de listras, seda ou algodão. Linda vestido para noite em organza. O corpo tem o decote caido para os ombros e a saia até aos joelhos é justa, cortada no sentido vertical e daí para baixo é formada por um grande babado franzido, com o tecido em sentido horizontal.









PARA mocinhas dos quinze aos dezoito anos, apresentamos nesta página algumas sugestivas criações que París, a capital da elegância, indica para as várias horas do dia. Para o cinema, o chá, para um passeio pela manhã, ou para a noite aqui estão os modelos mais apropriados.

MOCINHAS





UM VULCÃO DE AMOR

VAI INGRID BERGMAN DEIXAR O CINEMA? - QUAL TERIA SIDO O RESULTADO DE "STROMBOLI"? - HÁ QUEM MURMURE NÃO ESTAR A FAMOSA ESTRELA SUECA, MUITO SATISFEITA COM A SITUAÇÃO

EM VENEZA, o casal **Rosselini**, como que ainda em plena lua de mél goza as delícias de umas férias e olha as gôndolas que tanta vida e graça sabem emprestar à cidade das águas.



já não quer mais trabalhar para as telas. Mas, seja como fôr, o diretor italiano está com um novo filme em mente e, desta vez, de carater religioso, sob o titulo provisório de «S. Francisco».

Confirmando-se os boatos de que a estrêla suéca não quer tomar parte em nenhuma pelicula, tendo encerrado sua atuação diante das câmaras com o «Strômboli», é que sabemos não fazer parte dêste próximo filme de seu esposo.

Mas está disposta a lutar pelo maior sucesso da nova produção do esposo a quem muito ama e admira. Irá, se preciso fôr à praça pública falar ao povo e mostrar que o filme merece a coadjuvação e o prestígio do povo.

Quanto à critica do Brasil, não foi ela muito favorável a «Strômboli», e fazemos votos por que «S. Francisco» consiga maior sucesso, não sòmente porque deve sair uma obra bem dirigida e interpretada, como porque a Sra. Rosselini também nos diz que o filme merece o apoio de todos.

RISONHA e feliz, Ingrid Bergman como que está jurando a si mesma: Este será meu último trabalho». Mas... terá sido mesmo?





O CASAMENTO de Ingrid Bergman com o diretor cinematográfico Rosselini, constituiu o mais comentado matrimônio dêste ano.

Toda a imprensa se referiu ao assunto, traduzindo-o em detalhes por vêzes impertinentes. E tudo sucedeu ao calor de um filme que era o simbolo da eclosão das tempestades naturais: o vulcão Strômboli.

Assim como a matéria em ignição no ventre da terra vem à tona e se espraia em lavas incandescentes, queimando tudo em sua passagem de devastação, também o coração da estrêla se incendiou junto ao de Rosselini.

Vulcão de amor inspirando vulcões de lava. Logo que ficou pronto, Ingrid Bergman foi, em companhia do esposo italiano a Veneza, apreciar a exibição do seu grande filme. E se mostraram bastante cordiais, deixando-se fotografar alegremente, coisa que não gostam muito estas celebridades.

Qual será a nova produção de Rosselini? Será com a mulher no papel principal? Murmuram por aí que Ingrid

ROSSELINI e sua esposa, a famosa Ingrid Bergman, dão umas voltas pelos mesmos sítios que serviram de «set» ao «Strômboli»



ROUPAS DE INTERIOR

APRESENTAMOS uma nova coleção de modelos em camisolas e «peignors» confeccionados em seda, que por certo servirão para a reforma do seu guarda roupa de interior. São modelos simples, de fácil execução, tendo como ornamento finas rendas e bordados.



WEEK-EN[D] NA

MACARRÃO COM NATA

Corta-se o macarrão em tiras grossas que se cozinham em água e sal. Depois de ter deixado escorrer a água, arruma-se o macarrão em fôrma untada com manteiga, pulverizando-se com açúcar e cobrindo-se com nata bem grossa. Leva-se ao forno durante 20 a 30 minutos.

MAKROENM DE AMÊNDOAS

250 gr de amêndoas raladas, 250 gramas de açúcar, 4 ovos e caldo de 1 limão. Batem-se as claras como neve, junta-se o açúcar, as amêndoas raladas e o caldo do limão, e com o auxílio de uma coquenos bolinhos em papel pergaminho, untado. Assam-se levemente e tiram-se do papel enquanto quentes.

ARCOS DE AMÊNDOAS

250 gr de açúcar, 250 gr de amêndoas descascadas e picadas, 5 claras, 125 gr de cidra e laranja cristalizadas picadas, 1 colher das de café de canela e 2 colheres de farinha.

Batem-se as claras como neve, misturam-se os outros ingredientes, espalha-se a massa na grossura de ½ cm sôbre tiras de oblata e assa-se durante 10 minutos em forno brando. Ao sair do forno, tira-se depressa da assadeira, uma de cada vez e verga-se sôbre um rôlo de madeira.

BOLINHOS DE QUEIJO

1 a 5 gr de farinha, 100 gr de queijo ralado, sal e pimenta Cayenna. Faz-se uma massa leve com a manteiga, o queijo, os temperos, a farinha e deixa-se descansar por ½ hora. Estende-se esta massa na grossura de ½ cm, corta-se em tiras de 1 cm de largura e enrola-se em feitio de rôscas; põe-se em assadeira untada e assam-se em forno quente.

CEVADINHA COM LEITE

Cozinha-se a cevadinha no leite e, quando estiver mole, juntam-se-lhe sal e açúcar à vontade. Deita-se esta massa em fôrma untada com manteiga, cobre-se com pedaços de manteiga e leva-se ao forno para corar. Ou, coloca-se a cevadinha cozida no leite em um prato, pulveriza-se com açúcar e canela e rega-se com manteiga derretida.

OVOS COM QUEIJO
(para uma pessoa)

1 colher de queijo ralado, 1 ôvo, 1 colher de quadradinhos de pão, manteiga. Deita-se a manteiga em uma caçarola e quando ela estiver quente, juntam-se-lhe os ovos batidos e, logo em seguida, o queijo e os quadradinhos de pão. Mistura-se tudo muito bem e serve-se imediatamente.

PUDIM DE QUEIJO

3/4 de litro de leite, 80 gr de manteiga, 125 gr de farinha, 100 gr de queijo parmezão, 100 gr de queijo suiço, 5 ovos, sal e pimenta. Misturam-se bem a farinha e leite, que se levam ao fogo juntamente com a manteiga, deixando-se cozinhar até despregar da panela. Quando a massa estiver fria, juntam-se-lhe as gemas, os queijos ralados, sal e pimenta, e as claras batidas. Deita-se esta massa em uma fôrma untada com manteiga e assa-se em forno regular por 25 a 30 minutos.

BOLINHOS DE AVEIA

200 gr de aveia, 1 litro de leite, um prato fundo de pão ralado, sal e um ôvo. Deita-se a aveia no leite fervendo e, mexendo-se sempre, cozinha-se em fogo brando. Quando estiver cozida, juntam-se-lhe sal, e pão passado em manteiga quente, e ôvo batido. Tira-se a caçarola do fogo para esfriar. Juntam-se-lhe então restos de carne cortados em pedacinhos. Com esta massa formam-se bolinhos, que se frigem em gordura quente.

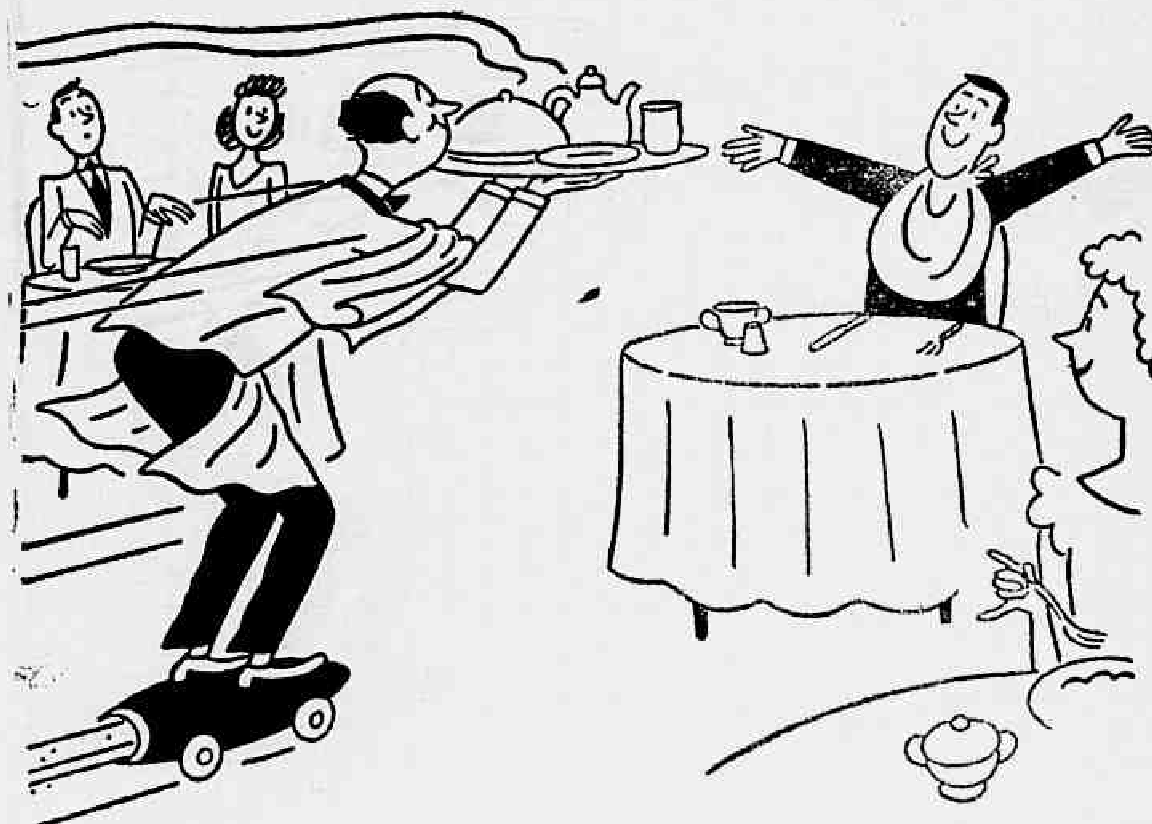
NHOQUES DE SEMOLINA

½ k de semolina, 2 litros de leite, açúcar, 1 colher de manteiga, farinha de rôsca e sal. Despeja-se a semolina no leite fervendo, juntando-se a manteiga, açúcar e sal. Cozinha-se tudo até formar um mingau grosso, mexendo-se continuamente. Com uma colher que se vai mergulhando em manteiga quente, tiram-se colheradas que se vão arrumando sôbre um prato quente. Cobre-se tudo com manteiga quente e farinha de rôsca.

BISCOITOS PARA CHÁ

Faz-se uma massa mole, com 175 gramas de farinha de trigo, 4 colheres de chá de fermento em pó, 1 pitada de sal, essência de baunilha, 125 gr de açúcar cristal e 2 ovos batidos com 4 colheres de nata.

Estende-se a massa na grossura de um dedinho, enfeita-se com o batedor de carne, ou com um ralo, e cortam-se os biscoitos com o auxílio de um cálice. Põe-se em assadeira untada com manteiga e levam-se ao forno até ficarem amarelos. Pode-se cortar a massa com carretilha.



NA COZINHA

SONHOS DE UVAS

150 gr de farinha, ½ xícara de leite, 2 ovos, 1 pitada de sal, uvas. Mistura-se a farinha com o leite, com o sal e as gemas e bate-se até obter uma massa consistente. Juntam-se as claras bem batidas e as uvas. Com o auxílio de uma colher tiram-se pedaços de massa e fritam-se em banha quente. Polvilham-se com açúcar.

PÃO TIROLÊS

250 gr de farinha de trigo, 250 gramas de manteiga, 200 gr de amêndoas picadas, 125 gr de açúcar, 4 gemas, casca ralada de limão, 5 a 8 colheres de vinho branco e um pouco de erva-doce.

Bate-se bem esta massa, estende-se e cortam-se diversas figuras, passa-se por cima clara batida, polvilha-se com açúcar e canela e leva-se ao forno.

BÔLO DE PÊRAS

500 gr de fermento fresco, 500 gr de pêras sêcas, 250 gr de ameixas sêcas, 150 gr de nozes moídas, 100 gramas de sultanas, 100 gr de figos, 50 gr de cidras cristalizadas bem cortadinhas, 1 ponta-de-faca de canela, um pouco de cravo em pó e ½ cálice de qualquer vinho branco.

As pêras e as ameixas devem ficar durante uma noite em pouca água a fim de amolecerem.

Tiram-se então do caldo, picam-se bem e misturam-se com nozes, sultanas, figos, cidra, canela e cravo; junta-se o vinho e mexe-se muito bem.

Estende-se a massa em retângulo, e molham-se as extremidades (uns 2 cm) com água ou clara de ôvo. Espalha-se o recheio na massa, enrola-se esta e apertam-se as pontas com cuidado.

Pincelam-se com gema, fura-se aqui e ali com garfo, coloca-se em assadeira com a parte fechada para baixo e leva-se a assar por 50 a 60 minutos.

SALADA DE PEIXE

Tiram-se as espinhas dos peixes ou salmão, podendo-se aproveitar para esta salada restos de peixe. Arrumam-se os pedaços sôbre um prato, dando-lhes a forma de pirâmide que se cobre com môlho maionese. Enfeita-se com fôlhas de alface, salsa picada, rodelas de limão, ovos e tomates.

TOMATES COM RESTO DE CARNE

Cortam-se restos de carne em quadradinhos que se misturam com môlho "vinaigrette" e que se introduzem na cavidade dos tomates dos quais se retiram as sementes. Sôbre cada tomate coloca-se uma rodela de ôvo e outra de pepino em conserva. Querendo, guarnece-se ainda com um pouco de trufas, geléia de carne, salsa picada e rodelas de limão. Guarnece-se com geléia de carne. E' preciso preparar com meia-hora de antecedência, a fim de que a geléia possa endurecer.

TORRADINHAS INGLÊSAS

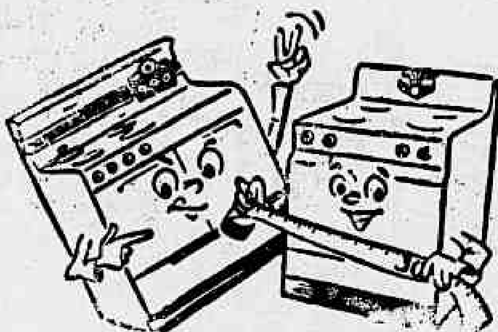
Tomam-se 3 a 4 gemas de ovos cozidos que se misturam com alcaparras, 1 pitada de sal, 1 pitada de pimenta "Curry" e nata azêda de modo a formar um mingau que possa ser passado sôbre as torradinhas. Guarnecem-se as torradinhas com tomates e pepinos em conserva.

FRIOS

Tomam-se fatias de presunto (250 gramas), que se arrumam em um prato oval. Em volta, colocam-se rodelas de salame (150 gr) em forma de cartuchos. Guarnece-se o prato com pepinos em conserva, geléia de carne, salsa, tomates e ovos.

CREME SIMPLES
(5 a 6 pessoas)

Um litro de leite, 6 colheres de chá de semolina, 6 colheres de açúcar, 4 ovos, baunilha. Levam-se o leite, o açúcar e a baunilha ao fogo e deixa-se levantar fervura. Dissolve-se a semolina em um pouco de leite frio e junta-se ao leite fervendo, deixando-se ferver por 15 minutos, sem parar de mexer. Em seguida, retira-se a panela do fogo, juntando-se ao creme os ovos batidos, continuando a mexer bem. Leva-se novamente ao fogo até levantar fervura. Deixa-se esfriar, acrescentando-se então claras batidas em neve.



PANQUECAS COM COMPOTA

Para a massa: 3 a 4 ovos, 4 colheres de farinha, ½ litro de leite, sal, 1 colher de azeite. Prepara-se a massa e frigem-se as panquecas dos dois lados em manteiga quente. Em seguida, recheiam-se as panquecas com qualquer compota, ou com corintos e sultanas misturadas com qualquer marmelada, enrolam-se e cobrem-se com açúcar.

OVOS NAPOLEÃO

Cortam-se tomates ao meio e tiram-se-lhes as sementes. Tempera-se com sal e pimenta e refogam-se ligeiramente. Pica-se toucinho defumado ou presunto, que se frige. Com êsse toucinho ou presunto recheam-se tomates. Sôbre cada meio tomate se coloca um ôvo pochê, regando-se com môlho branco bem condimentado. Servem-se como "hors-d'oeuvre" ou com pão e salada.

BÔLO DE MACARRÃO

200 gr de macarrão quebrado, 1 litro de leite, 1 pitada de sal, baunilha, 1 colher de açúcar, manteiga, ½ xícara de nata, 2 ovos. Cozinha-se o macarrão no leite, juntando-se-lhe o sal, o açúcar e a baunilha. Em seguida, deita-se o macarrão em uma fôrma untada com manteiga. Batem-se os ovos com a nata e despeja-se esta massa sôbre o macarrão, que se leva ao forno para corar.

BOLINHOS DE KARTHAUSER

Seis pãesinhos de leite amanhecidos, 6 xícaras de leite, 4 ovos, 2 colheres de açúcar, canela em pó, casca de um limão ralado, rala-se a casca dos pãesinhos, cortando-se em seguida os pãesinhos pelo meio e cortando-os com o leite misturado de antemão com os ovos batidos, açúcar, canela em pó e a casca ralada de limão. Tiram-se então os pãesinhos, que se passam na casca de pão ralado e que se frigem em bastante manteiga ou gordura. Servem-se com frutas sêcas cozidas ou açúcar, compota ou môlho de vinho.



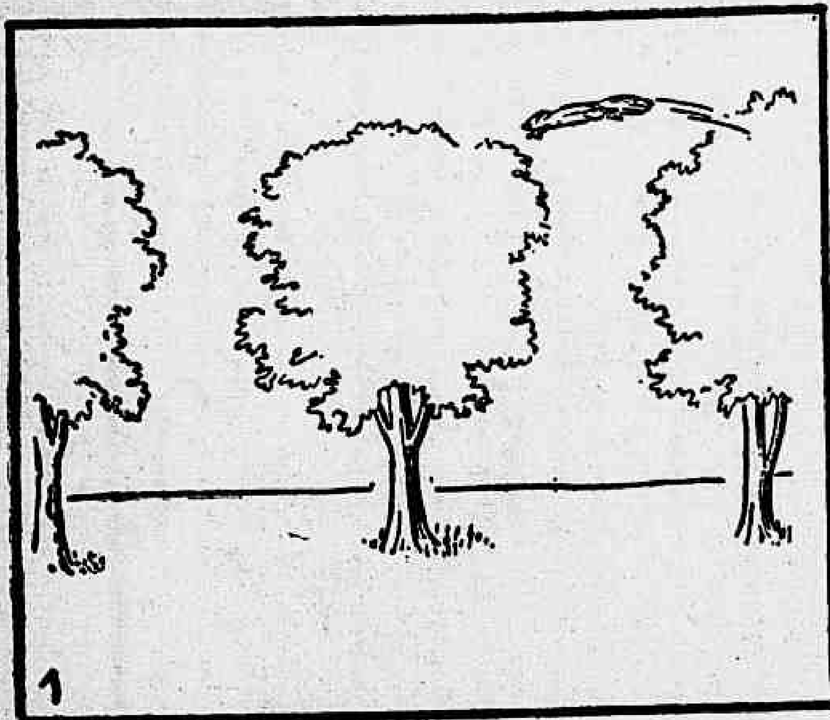
EM TAFETÁ

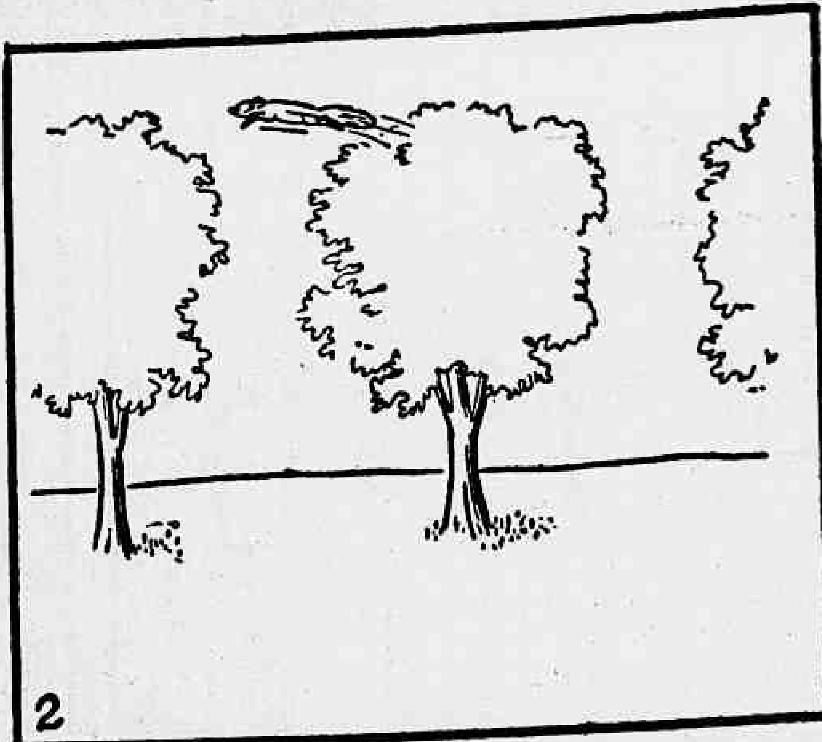


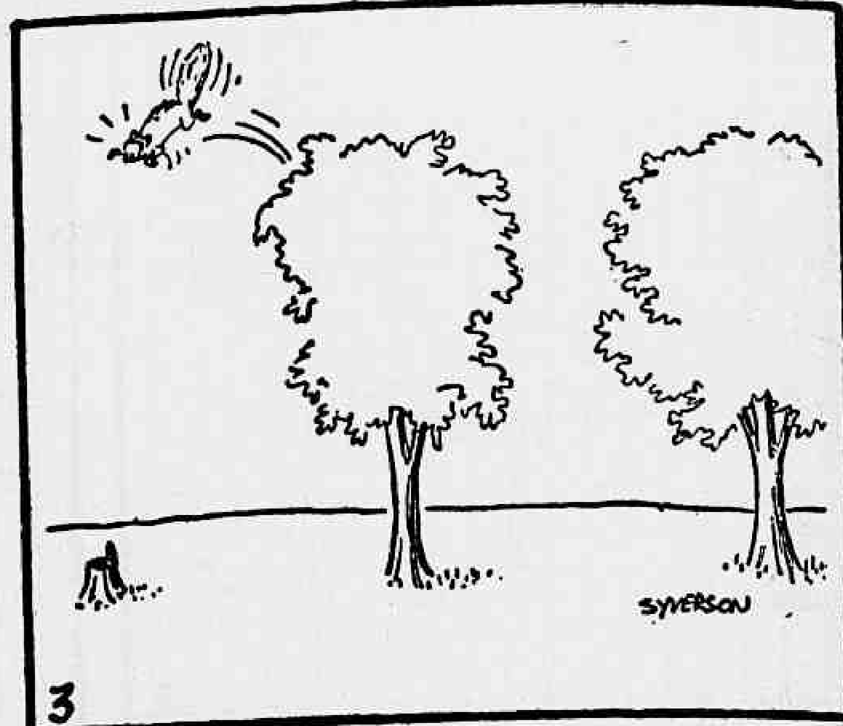
O tafetá, tecido que se adapta para todas as estações, aparece nesta coleção de modelos empregado nos mais diferentes feitios. Vestido para tarde com mangas três quartos e saia transpassada, abotoando do lado, com dois bolsos. Lindo vestido com o corpo transpassado, abotoando do lado. Mangas compridas com o punho também abotoando. Saia com dois babados terminando em ponta. Costume com saia godê e casaco franzido de gola subida e mangas japonêsas. Elegante modêlo de duas peças com saia justa e casaco cintado bem comprido, com a gola e os punhos em veludo





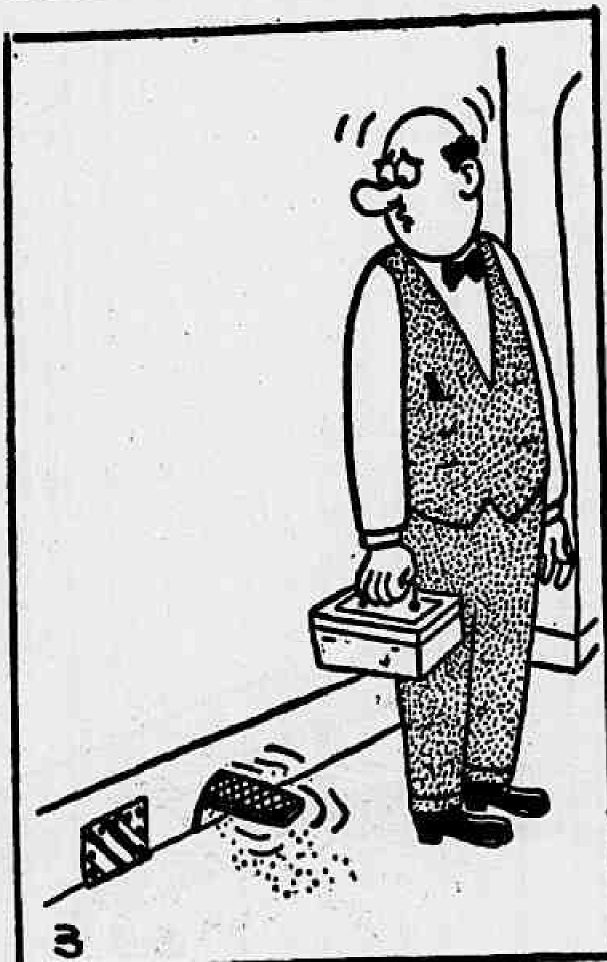

1


2

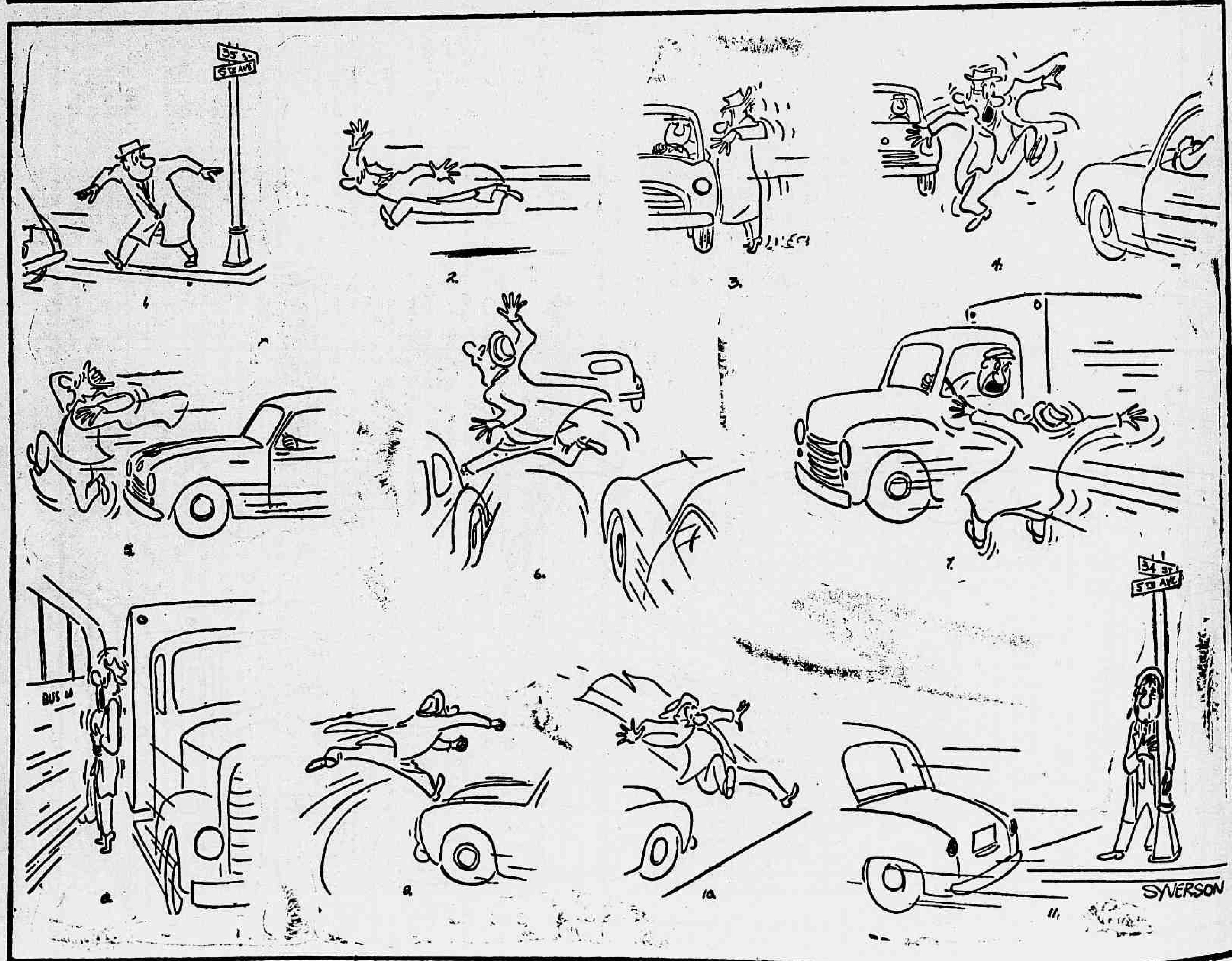

SYVERSON
3


1


2


3


BOM
HUMOR


SYVERSON

ESCULTURA AO VIVO



DEPOIS DE UM quarto de hora, o modêlo vivo parece exausto.

COMO se poderá obter mascaras em gesso, sôbre rostos de gente viva? Aparentemente isso não teria nada de mais difícil pois bastaria que o escultor espalhasse na cara do modêlo-matriz, as camadas do material plástico.

Mas, leitor, já pensou um pouco no tormento que seria um processo dêsses para a pessoa que fôsse permitir tamanho sacrifício- Uma camada de gesso destinado a modelar rostos, ao endurecer só poderia provocar horrível mal estar. Além disso, vedando completamente os ouvidos e as narinas, tôda a respiração teria que ser realizada pela boca. E se a mascara tivesse que ser tomada com os lábios cerrados? Outro problema...

Mas o artista possui técnica que lhe dá possibilidades para sair das aperturas e resolver os problemas que, aos leigos, parecem impossíveis de contornar.

E, nesta página oferecemos dois exemplos desses processos quase inacreditáveis. Em Paris, o conhecido baixo do teatro da Ópera, Roger permitiu que lhe tirassem a mascara por meio do gesso, destinando-se essa obra à Quiroteca Francesa. Para obter êsse trabalho com o mais absoluto êxito, entregaram ao escultor Bertaud todo o serviço de modelação. Antes de aplicar-lhe a camada de gesso, Bertaud estuda a expressão fisionomica do artista, de modo a dar à mascara a maior eficiência.

Vejam agora os leitores, como procedeu o escultor para evitar que o modêlo sofresse qualquer perturbação na respiração pelo nariz e, continuasse a ouvir. Colocou-lhe às narinas dois canudinhos, cujos orifícios ficaram livres da obstrução da massa, o mesmo sucedendo com os ouvidos.

Por êsse meio, o modêlo vivo continuou a ouvir, não sofrendo a angústia de vêr-se, durante mais de um quarto de hora, que é a duração operatória, como que fora do mundo e de seus ruidos. Uma curiosidade: o paciente deve sujeitar-se ao trabalho, em jejum e sem ter bebido qualquer bebida alcoólica, afim de evitar congestão. Além disso, deve conservar a mais absoluta imobilidade. As poses se referem a cenas que Roger Rico interpreta em "Boris Godunov".



O BAIXO da Opera de Paris, Roger Rico, serve de modêlo vivo ao escultor Dertaudt, posando pacientemente para que dali saia a máscara do personagem «Boris Godunov interpretado por Rico.



ANTES DE ESPALHAR a massa de gêsso para a modelagem do rosto, o escultor estuda com maior atenção os efeitos fisionômicos de Roger Rico, a fim de que saia obra perfeita.



O CANTOR da Ópera de Paris, Roger Rico, para não ficar sem fôlego e poder ouvir suficientemente, não ficando isolado do mundo, respira e ouve através de canudinhos especiais.

COMO APRENDER A DANÇAR

4.ª EDIÇAO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45.00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

À venda, também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

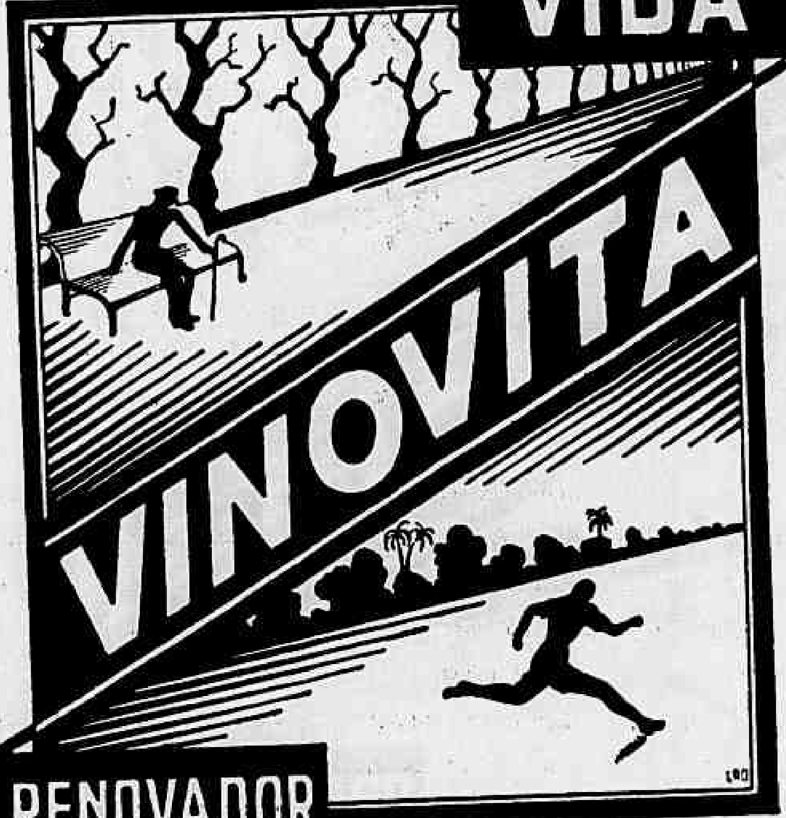
PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA



RENOVADOR DAS FÔRÇAS

Tônico poderoso

O LOCUTOR DA AVE MARIA...

(Cont. da pág. 33)

"Na solidão claustral das tôrres sempre pôstos,
O sino é um monge eril, um monge solitário,
Que reza de mansinho a oração do desgôsto,
E desafia de sons lentamente um rosário.

O sino é a alma do templo, ao meu ver, ao meu gôsto,
E' vário o seu pesar, o seu prazer é vário,
Pois, se êle geme triste, às horas do Sol-Pôsto,
Canta, às vêzes, alegre, um canto extraordinário.

Quando o templo é festivo êle a saltar, bimbalha,
E voa dos seus sons pelo espaço a falange,
Como de aves estranho e barulhento bando!

Mas, quando veste o sol do poente a áurea mortalha,
O sino plange e oscila, o sino oscila e plange
— Turíbulo de bronze o ar de sons impregnando."

★

"Plangei, sinos! A terra ao nosso amor não basta...
Cansados de ânsias vis e de ambições ferozes,
Ardemos numa louca aspiração mais casta,
Para transmigrações, para metempsicoses!

Cantai, sinos! Daqui, por onde o horror se arrasta,
Campas de rebeliões, bronzes de apoteoses,
Badalai, bimbalhai, tocai à esfera vasta!
Levai os nossos ais rolando em vossas vozes!

Em repiques de febre, em dores a finados,
Em rebates de angústia, ó carrilhões, dos cimos
Tangei! Tôrres da fé vibrai os nossos brados!

Dizei, sinos da terra, em clamores supremos,
Tôda a nossa tortura aos astros de onde vimos,
Tôda a nossa esperança aos astros aonde iremos!"

★

Júlio Louzada é profundamente sentimental, místico e amante do belo. Como não poderia deixar de ser adora a poesia e verseja nas horas de lazer. Na sua biblioteca pudemos divisar, no lapso de tempo em que lá estivemos, mais de 12 obras sôbre sinos. Além dos dois sonetos que transcrevemos, que são respectivamente de Gilka Machado e Olavo Bilac, recitou-nos muitos outros, inclusive o famoso poema de Edgar Allan Pöe — "Os Sinos" — traduzido por Mário de Alencar. Referiu-se ainda ao romance de Oscar Wild — "Os Sinos de Corneville" e ao "Infância e Juventude", de Ernest Renan, obra singular, cujo enrêdo é a história de uma cidade que fôra tragada por um maremoto, sendo que as tôrres dos templos ficaram submersas. À tardinha, quando os pastôres voltavam do trabalho, dando expansão ao seu temperamento místico e impressionável, ajoelhavam-se e voltavam-se contritos os olhos para o poente iluminado de púrpura, e ouviam o bimbalhar dos sinos soterrados...

AMOR ROMANESCO

Júlio Louzada casou-se no mês de setembro próximo passado e ainda hoje continua recebendo cartas e telegramas de felicitações. A nota pitoresca e atraente do romance do jovem casal é a correspondência. das fãs e admiradores de Júlio Louzada, que é abundante, mas sim, à correspondência particular, à amorosa.

Há dois anos atrás se conheceram por intermédio de uma amiga. Trocaram o primeiro olhar... as primeiras palavras... simpatia mútua. Tiveram os primeiros encontros. Mas, como ambos eram ocupadíssimos, recorreram à correspondência.

— Foi com as cartas que eu passei a admirar mais o Júlio — esclarece-nos D. Silvia. — Aliás, o que êle me escrevia, não era pròpriamente cartas, mas, sim, verdadeiras páginas literárias, com citações filosóficas, pensamentos e poesias...

Ficamos um tanto curiosos por ver estas preciosidades literárias. D. Silvia trocou um olhar de inteligência com o espôso... mas como permaneceram indecisos... nós bradamos:

— Ué!... vocês disseram que suas vidas são dois livros abertos... pois é... queremos ler tudo... Todos sorriram... e as cartas chegaram às nossas mãos Perguntamos a D. Silvia qual a que ela gostou mais.

— Desta — disse-nos entregando 28 fôlhas de papel escritas a mão.

— Puxa!!!... a senhora chama a isto carta?!

— O sr. está admirado! Pois saiba que esta ainda não é a maior. E' apenas a que eu gosto mais. E' nela que o Júlio me faz a sua declaração de amor. Há uma outra com 44 páginas... O sr. quer ler?...

— Eu... ler 44 páginas de uma carta de amor?!...

— Ora, Silvia, você quer correr com o repórter?... — interveio o Louzada.

— Sim, sei; cartas de amor só têm valor para as pessoas às quais foram destinadas... — e unindo o pensamento à ação D. Sivia começou a ler a sua carta predileta:

"Querida Silvia:

Invade-me a alma um delicioso torpor, uma sensação de beatitude inexprimível, como a de quem fatigado de longa jornada, coberto de pó e cheio de suor, tivesse ido, enfim, refrigerar-se nas nevadas e cristalinas águas de um regato. E' que a alma, querida, também, por vêzes, sente, como o corpo, a necessidade de lavar-se. Eu trago a alma suja das impurezas do mundo, dos sórdidos contactos com a gente mercenária e torpe, que arrasta a sua vileza à clara luz do sol, e experimento violentamente a necessidade de purificá-la, no banho lustral dêsse amor, de elevá-la às regiões quiméricas da beleza e da bondade, mercê da meditação absorvente do bem, do justo e do perfeito; mercê do contacto ideal da imaginação com tôdas as coisas belas, puras, suaves e pacíficas dêste mundo: — as flores e as crianças, as pombas e as estrêlas, os astros e as mulheres.

E êste amor é a expressão exata de tôda a minha vida física, como você é para mim o centro de todo o universo. Andei pelo mundo em fora como um guerreiro medieval combatendo nas encarniçadas pugnas da razão. Sonhei glórias, paz, felicidade. Levei a todo lar em luto a sincera compunção de minha alma sofredora; senti a dor dos tristes, dos nus, dos desamparados; chorei com todos os que choravam, e, tive a todos os momentos para uma palavra de ódio, um gesto de perdão; para um arremêsso de cólera, um sorriso de clemência. E tudo me falhou na vida. Vi erguerem-se contra mim os próprios por quem, ardentemente, eu havia combatido.

Agora, sòzinho, em frio silêncio noturnal, eis-me pensando em você, querida. Afastei de mim, como amigos importunos, tôdas as dolorosas preocupações do meu espírito ansioso de verdade e sedento de justiça, para me refugiar egoisticamente na tôrre ebúrnea dos meus sonhos de amor.

....

"Você resume tudo o que sonhei na vida;
Glória, beleza, amor, domínio, perfeição;
Tudo o que persegui numa doida corrida;
Tudo o que me fugiu ao alcance da mão

Quando vejo você fico de alma florida,
Porque você é luz, perfume, ilusão.
Você é para mim a idéia mais querida,
A quimera mais linda a mais doce emoção.

Você tem uma voz de canário cativo;
Você tem um sorriso encantador, e, que...
De vaidade no olhar eloquente, expressivo...

E você apesar de tudo isso não vê?!
Inda não compreende ante o enlêvo em que vivo...
Que o mundo para mim se resume em você."

....

Dizer que a amo, meu amor, é pouco, é nada mesmo, quando por tôda parte eu ouço mil bôcas frias e indife-

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

SETE DE SETEMBRO, 97 e ASSEMBLÉIA, 90.

A 10 metros da Avenida

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio



Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

rentes repetindo, como um eco, a mesma frase, e a palavra do amor, puida pelo uso como um tapête velho, se banalizou e perdeu em absoluto o prestigio e o encanto de outras eras.

Dizer que a amo é nada. A alma humana, sempre ansiosa e inquieta, sempre insaciável de luz e de verdade, não se satisfaz nunca a afirmação, embora retilínea como um axioma, quando desacompanhada de argumentos e demonstrações, e em tudo busca investigar sempre, ávida de novos mundos, de novos horizontes morais, o como e o por quê das coisas.

Assim, cabe a minha lealdade e ao meu gôsto o dizer-lhe sem atavios de frases buriladas, o modo e a forma porque amo a você. Certamente que a graça aérea e sutilissima, o encanto sem-fim e sem-par de todo o seu ser fisico, é, mui naturalmente, a origem primária de onde emana, como de uma nascente, a água cristalina, o forte, o grande, o insuspeito amor que lhe consagro.

Amo-a porque é bela; porque satisfaz, em tôda triunfante graciosidade do seu porte, a minha estética sensual; porque realiza plenamente o meu ideal plástico de beleza feminina. Mas não é apenas a formosura do seu corpo grácil de púbere o que me atrai e me seduz; outra mais alta e mais rara formosura é a que eu busco e que adoro em você: — a formosura da alma.

Que valeriam seus formosos olhos se acaso êles não fôssem o espelho onde se retrata a pureza irreal do seu ser animico?

Que valeria seu rosto perfumado e suave como pétalas de rosas, acetinado, e, como o luar, translúcido, se nêle se não espelhasse a tôda hora a expressão tipica da bondade e da candura que irradia de seu bondoso coração virginal?

Que valeria seu corpo flexivel como o vime e airoso como a palmeira do deserto todo se agitando, ao pisar seu pequenino pé, em requebros amorosos, se êle não fôsse por ventura o ergástulo onde prêsa vive, em constantes vibrações, uma alma imaculada de amor, de perdão, de piedade e de doçura?

A beleza do corpo é fátua; um nada — o tempo, a doença, a dor moral — a destrói e corrompe irremediàvelmente; a beleza moral, não: — essa é duradoura, inalterável, eterna.

. . . .

Ai dos idealistas! Ai dos sonhadores! Ai de mim que, incompreendido e triste, tenho corrido pelo mundo, aos solavancos do destino, às vicissitudes da sorte, sem peito amigo que viesse aliciar-se com o meu na mesma sacrosanta aspiração de beleza moral, na mesma comunhão de afetos puros a trescalarem fragrâncias de coração em flor. Minha alma é qual barquinha de pescador ignoto no dorso encapelado do oceano da vida, sem farol que a ilumine e a guie ao sereno pôrto há tanto ambicionado.

Sejam seus olhos, meu amor, o farol de minha alma. Seja o seu seio moreno a enseada propícia onde vá aportar a dourada galera dos meus sonhos. Pescador do mar da vida, dá-me a vida com o sorriso dos seus lábios — revôlto mar de amor, onde os beijos são as ondas brancas de neve que se quebram na praia de uma em uma...

Amar e ser amado... compreender a balbuciante linguagem dos ósculos, decifrar as expressivas frases sem ruidos dos olhares...

"As palavras nunca dizem...
Nunca conseguem dizer:
Metade que os olhos dizem;
Que os olhos dizem sem querer."

"...Sentir os doces efeitos de um suspiro embalsamado, ter um seio amigo onde reclinar a fronte carregada com os negros pensamentos que agrupam o infortúnio; ter enfim um ninho de amor onde possa esquecer a perfidia dos homens, o bulicio do mundo, que maior ventura, para que mais felicidade sôbre a terra enquanto não chega a hora da recompensa?..."

. . . .

"O amor é a nota mais harmoniosa da alma, o eco mais patético da existência."

Sem o amor a terra seria uma charneca infecunda e a vida um gemido prolongado que começaria no berço e terminaria na sepultura. As plantas, as aves, os peixes, as feras, por tôda a parte apregoam o amor.

"Olhe repare bem: — as árvores, o vento,
Essa arcada de pálio azul que é o firmamento.
Cada fôlha que cai, cada flor, cada rama,
Ama e não sabe enfim por que ama.
O repuxo na tarde encantada de mágoa
Apunhalando o céu com seu penacho d'água,
Tudo ama! A flor que se abre, as estrêlas da noite..."

..."O desenho de Raphael, o colorido de Rubens, a doçura de Murillo, a verdade pasmosa de Velasques, têm um não sei quê dessa faisca divina que Deus enviou para consolação da humanidade, envolvida num suspiro. Se fôsse possivel resumir tudo quanto os homens têm escrito sôbre o amor de certo que se formaria uma biblioteca de milhares de volumes. A vida do homem não seria suficiente para ler tudo quanto se tem escrito sôbre o amor, ainda tendo o privilégio de alcançar uma longevidade como a de Mathusalem."

E, no entanto, entre os sêres criados pelo sôpro divino, nenhum tem dado mais desgôsto ao homem que o amor. Porque o amor que é a vida, a fé e a esperança; o amor que tudo embeleza, infelizmente, não tem uma explicação lógica.

Que é o amor? Por que se ama com uma veemência que conduz a criatura desde o heroismo até ao crime? Que explicação tem? Quem pode afirmar com precisão matemática a razão por que se ama u'a mulher?

. . . .

"O amor da primavera da vida, o que tudo embeleza, o canto bucólico da natureza, o que proporciona sonhos côr-de-rosa... horizontes cheios de luz."

. . . .

"O amor é a janela da alma; quando essa janela se abre entra a luz, e, essa luz — diz Issedenborg — é o próprio Deus."

. . . .

"O amor na sua acepção verdadeira é uma emanação do céu... um sorriso de Deus."

. . . .

"O amor é o orvalho celeste que cai sôbre o coração dos que sofrem; o sorriso dos anjos que vem afugentar os cansados sonhos da vida. Fecundo em beleza como o Eterno, rico em tesouros como a terra, formoso como a nacarada luz da manhã, êle é o maná santo que séculos e séculos chove sôbre os desgraçados, como uma recompensa que a invisível mão do Eterno derrama sôbre suas dores."

. . . .

"Amar e ser amado...
A tarefa melhor da nossa espécie
Tão cheia de outras que não valem nada."

. . . .

"Esta vida é um punhal com dois gumes fatais:
Não amar é sofrer; amar é sofrer mais."

. . . .

"Dizem que só se ama uma vez na vida...
O amor no entanto para mim parece
Taça espumante que uma vez bebida,
Se outra vez beber mais apetece."

. . . .

"Amar é ver o sol por entre noite escura;
E' sofrer na alegria e gozar na tortura...
E' sofrer num verso o infinito desejo;
— Viver por um sorriso e morrer por um beijo."

. . . .

"O amor é uma luz que não deixa escurecer a vida". Você, meu amor, é essa luz, êsse archote, enfim, a estrêla da bonança que me há de guiar por esta vida em fora.

No entanto — ó doloroso estado de espirito dos cépticos, daqueles, que, como eu, cujo coração foi sempre iludido nos seus afetos, calcados nas suas crenças; muita vez hesito receioso, e sinto que o punhal agudo da dúvida

(Cont. na pág. 53)

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 83 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ..

CIDADE .... ESTADO ......

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Secção Especializada para Guarda de Títulos e Valores
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmin — Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs — Super	15,00	25,00	35,00
F. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitziko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narciso N — Super ..	25,00	35,00	40,00
Pretx. Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55,00
Escândalo — Super ...	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super.	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	90,00
Souppless LF	50,00	70,00	90,00
Biarritz LF	50,00	70,00	90,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	90,00
Arabesque LF	60,00	80,00	100,00
Heno del Campo LF ...	60,00	80,00	100,00
Casino LF	60,00	80,00	100,00
Violette Feuilles LF ...	85,00	105,00	125,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	125,00
Champagne LF	60,00	80,00	100,00
Despesas Reembolso ..	9,00	9,00	9,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A Feira das Essências
Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.
RIO DE JANEIRO

A VIDA DE ISADORA...

(Cont. do número anterior)

— Basta de Isadora Duncan, dessa moderna Circe com sua cama de porco, basta dessa côr de hena que não consegue esconder-lhe as manchas grisalhas do cabelo!

Qual era o sentido dessa disposição inquieta do seu corpo, dádiva dos deuses? "No meio de tôda esta imundície e desta pureza, dêste corpo carnal dominado pelo fogo do inferno, e dêste corpo carnal iluminado pelo heroísmo e pela beleza, onde está a verdade? Deus sabe, ou o Diabo sabe... mas eu suspeito que ambos estão confusos".

Fugiu para o interior da Rússia, a fim de evitar o marido. Sergei cortou o pulso, escreveu um último grande poema — com seu sangue — e se enforcou.

★

Em 1927 Isadora foi para Nice e instalou um estúdio à beira-mar. Ela nascera perto das águas. Certa vez afirmara que todos os grandes acontecimentos da sua vida tinham ocorrido à beira d'água. Estava se aproximando o fim de um ciclo.

Tinha quase cinquenta anos agora. Às vêzes, de noite, parava-se na sacada, e o invisível vaivém das ondas na praia tocava uma suave música, dando-lhe a ilusão de que era de novo Isadora, a sacerdotisa que emancipara tôdas as mulheres do mundo, o gênio a cujos pés se prostraram os poetas, músicos e escultores da sua geração. Ainda assim, em alguns momentos o preço do seu triunfo era pesado demais para ela suportar. Sim, ainda era uma linda mulher quando o espírito a impelia a ser linda.

Assim se achava uma noite, patèticamente, dolorosamente bela, sentada à mesa com uma amiga que trouxera seu filhinho de três anos. O menino, apontando para Isadora, disse de repente:

— O que é que tem essa senhora tão bonita?

Ela se levantou bruscamente da cadeira e se escapou para o jardim, a fim de dissimular sua emoção. Na manhã seguinte chamou à parte uma amiga íntima. Quando falou, seus lábios estavam lívidos.

— Se me tens um pouco de afeição, Maria, *encontra uma saída para mim*. Não posso viver, não posso fingir mais tempo num mundo cheio de crianças de cabelos dourados!

E na noite dêsse dia, uma noite não muito diferente de qualquer outra noite, ela se preparou para sair a passeio numa barata nova que estava planejando comprar.

— Sairemos neste auto, Maria; e depois de um belo giro pelos vinhedos... Sim, tenho que atravessar os vinhedos mais uma vez...

Enrolou no pescoço sua echarpe de sêda vermelha, aquela mesma echarpe com a qual dançara tantas vêzes acompanhando o cântico da libertação da humanidade.

— Adeus! — bradou para Maria, enquanto se instalava no carro. — Adeus, marcho rumo à glória.

Quando o automóvel partiu, Maria avistou as pontas da echarpe de Isadora que se arrastavam pelo chão. Sùbitamente o auto parou. As pontas da echarpe tinham se enroscado no eixo da roda traseira. A cabeça de Isadora foi puxada violentamente para fora do auto. Quando cortaram a echarpe para lhe desafogar o pescoço, a cabeça pendeu para a frente. Um simples giro da roda a estrangulara. A mão de Deus fôra clemente e rápida.

Levaram o corpo ainda quente para o estúdio dela e o envolveram na sua túnica de dança. Permaneceram de pé, em silêncio, como que esperando que ela se erguesse e realizasse outra vez diante dêles o milagre da sua arte. Pois que êsses partidários pagãos dela eram criancinhas crédulas. Quando viram as chamas da pira funeral consumir-lhe o corpo, sussurraram:

— Adeus, Isadora, e *bon voyage* para o Olimpo... Como hão de vibrar emocionados os grandes poetas mortos, à tua chegada!

DATAS IMPORTANTES NA VIDA DE ISADORA DUNCAN

1878 — Nasceu em San Francisco.
1895 — Iniciou sua carreira de bailarina em Nova York.
1904 — Fundou sua primeira escola de dança em Berlim.
1913 — Perdeu seus dois filhos num acidente no rio Sena.
1921 — Foi convidada pelo govêrno soviético a estabelecer uma escola de dança em Moscou.
1922 — Casou com Sergei Esseníne.
1927 — Morreu num acidente automobilístico em Nice, França.

O CRIME DE FAMOSA...

(Cont. da pág. 12)

jou-a efusivamente, exclamando: — És a mesma, querida! Exatamente a bonequinha que conheci na França! Bravo!

E ambas já então no automóvel que as levaria ao Copacabana Palace iam falando animadamente. Jacqueline contava à companheira sua vida, suas atividades como repórter do importantíssimo jornal portenho — não sem exagerar a lide e cotação de jornalista cem por cento eficiente "em que era tida" — quando, por fim, lembrando-se de que não havia dado tréguas à amiga, perguntou-lhe:

— E você, "mon ange"? Que tem feito? Casou-se?

— "Mais oui, ma chère", casei-me em Paris, com Jean Latour, fabricante de vinhos. Um ricaço, menina! Imagine! Um casamento por amor, eu que para o mesmo nem dote levei! Tenho uma filhinha, Jacqui; dei-lhe o nome de Solange. Sabes-O da filha de George Sand. Sempre tive mania pela literatura, minha cara, e essa admiração pela maior de nossas escritoras do século XIX, guardei-a para uma homenagem de coração ao ente querido.

— És feliz, Georgette?

— Georgette? Ah! minha amiga! Sou aqui, simplesmente Anne. Anne Lenteuil, meu nome e prenome de passaporte, entendes?

E olhando nos olhos azuis da jornalista, que providenciava acomodações para uma noite no Copacabana, visto como o "Constellation" voaria na manhã seguinte, vi-os refletirem o espanto invulgar às pessoas do seu "metier".

Jacqueline, procurando dissimular seu mal-estar, puxou nervosamente a manga do casaco da amiga e ali mesmo, no hall do hotel, após a formalidade do registro no livro de hóspedes, insistiu para que Georgette prosseguisse em sua história. Ela aquiesceu, dramatizando-a em seus lances sentimentais, tanto mais quanto era atentamente ouvida e via transparecer na fisionomia da repórter, receio, misto de admiração incomum.

— Explico-te, Jacqui; casei-me e consegui viver tranquilamente durante dois anos. Daí para cá, passados os primeiros arroubos da paixão, Jean começou a me maltratar com ciúmes atrozes. Pensei em separar-me; não o fizera, entretanto, por esperar o nascimento de minha filhinha. Supunha que com a vinda do bebê, Jean se tornasse compreensivo, atencioso, modificasse, enfim, seu procedimento para comigo. Nada disso, entretanto, me aconteceu.

— E havia razão para suspeitar da parte de teu marido, Georgette?

— Que pergunta! Absolutamente nenhuma! Jean, muito mais velho do que eu, era um neurótico que não compreendia minha natural alegria pela vida. Com o dinheiro que tínhamos, agradáva-me usar boas toilettes, perfumes caros, lindas jóias com que Jean me presenteava e, quando de boa maré, o que lhe era raro, aceitar-lhe os convites para teatros, jantares nas boites ou achavés onde dançávamos. Eu, naturalmente com seus amigos; êle, com minhas amigas. Jean, porém, como já te disse, não podia me ver animada, a divertir-me inocentemente. Sempre que estava no grupo de conhecidos em palestra que me prendia atenção, em especial quando conversávamos sôbre política, teatro, literatura e música, assuntos de minha preferência, notava na fisionomia de meu marido, o ar de aborrecimento, as rugas de contrariedade que se formavam em sua testa, denunciadoras de tempestade próxima. Êle próprio já não era o mesmo homem calmo que para ali havia entrado; estando, agora, sob a influência do álcool, o comportamento se lhe alterava a tal ponto que, se providências não surgissem, sua atitude deselegante redundaria em tremendo fracasso social. Está claro, minha amiga, que me tornava triste, humilhada, perdia todo o interêsse pela festa, pedia-lhe insistentemente que regressássemos ao apartamento no boulevard Bineaud. Voltávamos e sem nos falar, deitáva-me, enquanto ouvia Jean dar voltas à chave e galgar novamente a rua.

Não me preocupava saber a hora em que



No Rádio de CURITIBA, 75,7% dos ouvintes de Rádio são da

RÁDIO GUAIRACÁ

Sim senhor, isto é o que se chama estar com a faca e o queijo na mão!

Recente pesquiza de audiência levada a efeito em Curitiba, demonstrou que a ZYM 5, Rádio Sociedade Guairacá, possue 75,7% dos ouvintes da importante capital do Paraná.

Não para aí a influência e a preferência da ZYM 5, pois seus 10 Kw. de potência levam seus excelentes programas a todo êsse Estado sulino. E tal é a soma de seus serviços radiofônicos e o conceito de suas opiniões, que em S. Paulo e outros Estados, embora em menor intensidade, conta também a ZYM 5 numerosos e assíduos ouvintes.

Curitiba é hoje uma das mais importantes capitais brasileiras, cujo desenvolvimento em ritmo acelerado, tem suas bases na sólida prosperidade da produção e exuberância das terras de todo Estado.

Por essas razões, a Rádio Guairacá põe ao seu alcance milhões d consumidores numa das mais ricas regiões do país.

Representantes no Rio de Janeiro «SEURADICO» — Rua do México, 41
Fones: 32-1086 e 32-0356

ESTÁ SE ESGOTANDO O ÁLBUM DE "A CENA" DE 1950!

Fotografias em côres e em prêto e branco

TEATRO ★ MÚSICA
CINEMA ★ RÁDIO

PREÇO: Cr$ 25,00

Pedidos pelo Reembôlso Postal, mediante vale do Correio à CIA. EDITORA AMERICANA
R. VISC. MARANGUAPE, 15
RIO DE JANEIRO

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos

MÚSICA

CÂMARA, REFRIGERAÇÃO E "LOBBY"

De ROBERTO LIRA FILHO

O problema da refrigeração do Teatro Municipal tem provocado veementes debates entre os vereadores. O vulto do crédito necessário para o equipamento de ar condicionado despertou, em alguns, objeções, ditadas pelo espírito de economia, às quais os partidários do projeto opuzeram contestação, demonstrando, assim que, para refrescar o edifício vizinho, é preciso «esquentar» o ambiente na Câmara do Distrito Federal...

Nós, frequentadores do Teatro, jornalistas e público, vamos acompanhando o desenvolvimento da batalha entre amigos do clima ameno, a qualquer preço para os cofres municipais, e inimigos das ditas condições de confôrto devido ao elevado custo da instalação (Porque, na verdade, advogados do calor, não pode haver, tais os sacrifícios impostos pela elevada temperatura do teatro, certos dias...)

Diz-nos respeito o resultado da peleja, pois, conforme o caso, suportaremos, nas temporadas musicais, as consequências da parcimônia nos gastos ou poderemos, enfim, usufruir os agradáveis resultados da despesa pleiteada.

Aliás, em torno da importante decisão dos vereadores surgiu um verdadeiro «lobby» dirigido pelo sr. Barreto Pinto.

Uma função pouco divulgada, entre nós, é a dos agentes do «lobby — muito comum nas assembléias legislativas americanas. Em alguns Estados da grande república do norte, os cavalheiros do «lobby» têm, até, qualidade, por assim dizer, «semi-oficial», pois são inscritos, mediante formalidades especiais, e exercem, sob a proteção da lei, sua atividade.

A ocupação tira o seu nome do substantivo «vestíbulo», se bem que, a rigor, o campo de ação dos senhores do «lobby» ultrapasse os rígidos limites topográficos da ante-câmara, sendo, não raro, autorizada a sua presença no próprio recinto reservado aos representantes do povo.

A influência do «lobby» é considerável. Êsse contingente é formado, muito frequentemente, por deputados que não logram reeleição e, aproveitando a sua familiaridade com o mecanismo legislativo e as boas relações travadas no desempenho do mandato extinto, empregam-se no «lobby».

Perguntarão, afinal, os leitores, qual a tarefa desses homens. Eles representam determinados grupos, que desejam o andamento de qualquer projeto de lei, ou apenas procuram resguardar, de maneira geral, os interêsses de seus empregadores.

Assim, por exemplo, as grandes emprêsas imobiliárias precisam defender — a diminuição de impostos, a livre convenção de aluguéis, a criação de facilidades especiais para aplicação do capital em construções, etc. O seu «lobby» se encarrega de transmitir aos representantes do povo os argumentos a favor das teses sustentadas pelas companhias em questão, mostrando que elas coincidem com os interêsses nacionais...

Teòricamente pelo menos, a intervenção do «lobby» é só informativa, as suas vitórias são vitórias de palavra, da dialética cerrada dos advogados que o compem.

A prática nem sempre corresponde, é claro, a essa noção e, vez por outra, estoura um escândalo: fulano recebeu tanto para dar voto favorável à lei tal; beltrano garantiu um acréscimo à sua conta, no Banco, em troca de umas palavras, à tribuna, em pról de certa emenda...

Mas o crime existirá, com ou sem o «lobby» e o «lobby», aberto, franco, tem, pelo menos, a virtude de expor, clara e inequivocamente, a cabala e deixar à vista de todos o contacto entre tal deputado e tal agente do «lobby». Fazendo com que se registre o limite o número de representantes do «lobby» o Poder Legislativo não cria, apenas reconhece, a existência de um grupo de pessoas que procuram persuadir os deputados. Se o sistema é bom ou mau, não cabe, aqui, indagar: apenas, afirmamos, êle existe e se, entre americanos, sua atividade é regulamentada, em tôda a parte, em qualquer país do mundo, ela se desenvolve, se alguém procura um deputado para convencê-lo de que deve votar de tal ou qual maneira — está exercendo funções de um típico representante do «lobby», ainda que não seja pago para fazê-lo.

A imoralidade, quando existe, não advém do «lobby» e sim do oferecimento de «vantagens» em troca de «favores», mas isso é severamente punido, como crime e, com ou sem «lobby» existirão, sempre, criminosos...

O Sr. Barreto Pinto, empresário, não está a serviço de ninguém, nem está oferecendo as tais «vantagens», defende a si próprio, como concessionário do Teatro Municipal, procurando garantir temperatura agradável no teatro — o que representará acréscimo à receita, na bilheteria, sobretudo no verão. Mas, apezar de não estar a soldo de outrém, no momento, intervindo até no próprio plenário da Câmara Municipal, êle está inaugurando o «lobby» entre nós, transportado das conversas particulares dos corredores para a ação franca e aberta da cabala no recinto.

---

regressaria; entretanto, quando o fazia, vinha sempre em estado deplorável, completamente ébrio, rancoroso, praguejando e insultando-me, quando então, me batia.

Não te espantes, Jacqui, era assim exatamente como meu algoz, mais fera que ser humano, procedia. A situação, por demais penosa e vexatória, era-me difícil sustentá-la, minha amiga! Sabia que, apesar do vício a que se dava, Jean era de temperamento dinâmico, inteligência aclarada, homem de ação produtiva e assim, seus negócios prosperavam, ao ponto de nos garantir independência econômica dentro de mais uns dois anos. Minhas amigas invejavam-me a situação e até êsse "ar" de felicidade que procurava aparentar. Quando saíamos, pelas avenidas Pierre Prèmier e Montagne des Champs Elisées em visita aos ateliers de Fath e Dior, se por ventura, me espantava ante os preços exorbitantes de seus modelos, vi-as cochichar, o suficiente, porém, para que fôssem ouvidas por mim:

— Oh! a usurária! Que representam alguns francos a mais na conta de uma milionária? Aposto que não sabe o quanto o marido despende com as "outras".

Fingia não as ouvir e prosseguia minhas tardes, calmamente, com o mesmo ar de triunfo previsto por cálculo nas batalhas que se sabem estratègicamente vitoriosas.

Jean me havia proposto viagem à América. Aceitei-a, como providencial oásis no meu deserto, abençoado refúgio e, por dois longos anos, permaneci em Washington. Nossa filhinha, a que chamava simplesmente — Ange — estava realmente um encanto! Entretinha-me; era a minha doce companheirinha de tôdas as horas! Procurei ambientar-me na próspera capital norte-americana e com afinco, estudei o inglês; fiz-me algum tempo depois, tradutora de alguns artigos científicos para Revista da Clínica Infantil, Dr. Robert Bruce, frequentada por minha filha. Tentei ainda escrever artigos para outros setores; mas, infelizmente, não logrei êxito; rejeitavam-me os trabalhos, deixando-me em grande abatimento moral. Como sabes, Jacqueline, o mais caro sonho de minha vida era tornar-me escritora, e, dêste modo, via fugirem-se-me as possibilidades de êxito intelectual, entre os anglo-saxões, desinteressados de meus comentários políticos.

Jacqueline puxou a cigarreira da bôlsa e ofereceu um Pall-Mall a Georgette que o aceitou. Ambas a fumarem, e já no apartamento 304, que fôra reservado à elegante repórter de La Razòn, continuaram a palestra, interrompida pela presença de estranhos no elevador.

Enquanto Jacqueline trocava o "tailleur" por sóbrio vestido de jantar, Georgette, a pedido desta, continuava sua triste odisséia.

— Pois bem, minha amiga, para lhe resumir o dramático romance de minha vida, veio-me o trágico epílogo. Voltamos a Paris, eu e minha filhinha, e um belo dia, em que Jean me acusou de tê-lo abandonado — pois não fôra êle que me propusera êsse passeio à América, dando-me exatamente o prazo estipulado? — mostrando-se irascível, insultando-me diante de estranhos, já completamente dominado pelo álcool, deixou-me em situação humilhante, pois estávamos com amigos, no "La Reine Pedocque". Para evitar escândalo social de consequências mais graves, procurei fugir-lhe; Jean perseguiu-me até a casa, quando, retirando Solange de sua caminha, se pusera a bater-lhe, apertar-lhe o pescocinho entre as mãos criminosas, como se, realmente fôsse estrangulá-la, enquanto qual um possesso e completamente desorientado, gritava, assustando-nos:

— Matarei tua filha, miserável, "tua" filha, entendeu-me?

Perdi a cabeça, minha amiga, aflitíssima, desorientada, sem contar tempo, retirei seu revólver da mesinha de cabeceira e ia desfechar-lhe um tiro, quando, ao grito de minha filha: Mamãe! — vi-o, providencialmente, arremessar-se sôbre mim, para me tomar a arma.

— Larga-me, bandido! — repeli-o enèrgicamente.

Mais ágil nessa ocasião, visto como Jean quando embriagado se tornava covarde, vacilante nos gestos, trôpego nos passos, deu-me tempo para que a jogasse para longe, sob a cama, numa rasteira providencial.

Jean cansado e semi-inconsciente, dá-se por vencido, atirando-se sôbre a cama, resmungando coisas sem nexo, babando, chorando copiosamente, para, minutos após, cair num sono profundo.

Consegui por fim acalmar Solange, pôr-lhe umas compressas em seu pescocinho avermelhado e dolorido, onde havia as marcas da brutalidade do homem que, realmente, era seu pai.

Estava desatinada, minha amiga, e para que a cena jamais se repetisse, veio-me a idéia de me livrar para sempre do monstro que era meu marido; corri ao armário da cozinha e de lá retirei tóxico violentíssimo contra insetos, misturando-o a uma boa dose de uisque, num copo que deixei à cabeceira da cama, não sem antes me livrar do revólver que, sob a mesma, permanecia. Entreguei minha filhinha aos cuidados da governante que, por felicidade, chegara. Disse-lhe do acontecido a Solange. Recomendei a Mlle. Marion, que sempre me demonstrara solidariedade de mulher amiga e servidora leal, que levasse minha filhinha ao boulevard Victor Hugo, para junto de Mrs. Benoit, seus dedicados padrinhos, já avisados por telefone. Mlle. Marion, embora estranhando minha decisão à hora tardia, nada objetou; recebeu o dinheiro que lhe destinava para êsse fim, pois dentro de alguns dias partiriam todos para Nice. Estava assim tranquila em relação ao futuro de minha filha.

— E Jean? — perguntou-lhe Jacqueline.

— Eu o matei.

— Como te atreveste? — indagou-lhe a outra, espantadíssima, segurando-a fortemente no pulso, como se fôsse o próprio agente de investigações, a pilhar a acusada em flagrante.

— Sim, Jacqui, matei meu marido! Sem que sentisse, ingeriu a dose do copo. Vi-o contrair-se numa careta pavorosa, cuspir um resto do trago misturado à saliva, virar-se para a parede, revirar-se em seguida, abrindo desmesuradamente os olhos, para num grito de dor, entrar definitivamente nos estertôres da morte. Fôra sublime momento de "renúncia", minha amiga, de que jamais me esquecerei.

— E as consequências? As complicações com a Polícia e a Justiça?

— De nada suspeitaram; o médico, chamado a meu pedido, atestou como "causa mortis" colapso cardíaco. Contei-lhe, emocionada o dramático acontecimento, isentando-me de mínima suspeita. Dias depois, entretanto, me entendia com um advogado que, a pêso de ouro, me providenciou um passaporte.

— Foi por isso que vieste para o Brasil?

— Claro! Não podia permanecer na França. E aqui estou, sã e salva, integrada à benquista terra brasileira, vivendo minha humilíssima vida de professôra junto a duas graciosas crianças.

A amiga, aturdida pela inesperada história, não pôde dissimular a preocupação por aquela mulher de feições angelicais, que se lhe apresentava, agora, transformada na encarnação dramática de Mefistófeles.

Georgette falou-lhe ainda sôbre seus protetores manifestando-se afetuosamente em relação às gentis filhinhas de D. Engênia.

— Heleninha é um amor, Jacqui! Faz-me lembrar minha doce Solange!

— Pretendes permanecer para sempre longe de tua filha?

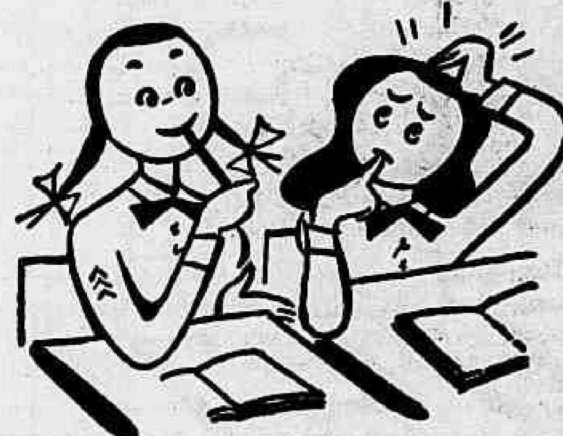
— Não aguentaria, minha amiga; voltarei algum dia a Paris; trabalho, economizo exclusivamente para êsse fim.

— Uma história bem triste é a tua. Dá-me o endereço dos padrinhos de Solange, a quem procurarei em Paris.

— Por Deus, minha amiga, imploro-te não o faças. Poderão algum dia suspeitar de mim. Ademais, Ange ignora minha atual

"As crianças são as vítimas!.."

... porque apanham piolhos de seus próprios companheiros.



Nêste caso, friccione logo NEOCID em pó e os piolhos morrerão em pouco tempo... Aplique o pó, que não irrita a pele e é absolutamente inofensivo.

Contra qualquer espécie de piolhos – use a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE!...

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6

São Paulo

Remessas pelo Reembolso

A venda nas boas Farmácias

A SAÚDE DO BEBÊ

DEVE A MULHER TUBERCULOSA TER FILHOS?

DR. SABOIA RIBEIRO

A pergunta, que parece ociosa, não o é todavia.

De fato, todos sabem que a pessoa contagiante dessa moléstia, passa-a, sem sombra de dúvida, à criancinha, pelas secreções, o catarro, o perdigoto da tosse, as partículas espalhadas pelo ambiente, e que vão incorporar-se ou constituir as poeiras. Através de tudo isso chega então a doença a criança, marcando seriamente sua vitima.

Mas, para nós médicos, a tuberculose oferece um quadro, que vai desde formas clinicamente atípicas, ou que se confundem com outras moléstias, até a clássica tísica, com expectoração abundante, caquexia, febre alta e suores noturnos, hemoptises, o micróbio presente nas secreções bronco-pulmonares.

Nas formas incipientes, tudo se resume, muitas vezes, em informes vagos sôbre o apetite e certa perda das fôrças, porém já revelando o exame ao raio X a presença do processo tuberculoso nas suas formas iniciais.

Aqui, a gravidez, muitas e muitas vezes, determina uma evolução brusca da doença para as suas manifestações graves, com os sintomas acima descritos.

De fato, sob múltiplas influências que se exercem durante a gravidez, uma tuberculose silenciosa, ou que ainda não deu sinal de si, assume uma feição ativa, e a lesão, não contagiante a começo, alcança a árvore respiratória, e daí, pelas secreções, onde é encontrado o germe, torna-se um foco de contágio que vai atingir fatalmente a criancinha mantida em contacto com a genitora.

Daí o perigo que se constitui para os filhos a mulher portadora de um processo tuberculoso, mesmo no período não contagiante, que é o das infiltrações mais ou menos passadas despercebidas.

Nas formas iniciais o organismo se acha geralmente em condições de limitar a lesão, quando convenientemente assistido. Os exames do escarro muito esclarecem sôbre a verdadeira situação da infecção com referência ao contágio, não sendo encontrado o micróbio quando a lesão não se pôs ainda em comunicação com a árvore respiratória.

Acontece, entretanto, que pesa sempre o perigo de uma evolução da lesão, quando ocorre a gravidez, nesses casos, em que o exame resulta negativo para o germe da tuberculose.

No mínimo, então, a gravidez deve ser acompanhada com um contrôle permanente da gestante, de referência à lesão anteriormente constatada de natureza tuberculosa.

Semelhante se procederá com esses cuidados, tratando-se de mulher com passado suspeito de tuberculose, e que engravidam. A gestação deverá ser, então, acompanhada com os maiores cuidados afim de constatar se se mantém a cura porventura antes obtida.

A persistência da cura do processo tuberculose, aos ráios X, é confirmada em face da reabsorção dos infiltrados, o encapsulamento dos fócos, a calcificação das lesões; procedendo-se ao exame dos escarros, êste não apresenta o germe da tuberculose, e daí não mais o contágio para a criança.

Acontece, entretanto, que o perigo em relação ao processo tuberculoso em estado de latência, ou paralizado ou enquistado no tecido pulmonar da gestante, não está só na sua transmissibilidade grandemente facilitada ao infante, porém, como já salientamos, em relação à própria mulher.

Na previsão de ser mãe cumpre, portanto, a tôda mulher não esquecer que já foi experimentalmente verificado que, em 15 pessoas para 100, durante a gravidez e o parto há um enfraquecimento da resistência do organismo em relação ao micróbio da tuberculose, ao passo que, justamente, a verdadeira profilaxia da tuberculose é a defesa do organismo contra a invasão do bacilo.

Já está cientificamente constatada a ação nefasta que a prenhês exerce sôbre a lesão tuberculosa predispondo à forma hemoptóica na segunda metade do período de gestação.

A capacidade respiratória, então diminuida pelo embaraço mecânico, cria um arejamento defeituoso do tecido pulmonar favorecendo o progresso da moléstia; por outro lado, modificações da crase sanguínea, que se passam ao mesmo tempo durante a gravidez (leucemia e hidremia gravidicas) importam numa deficiência orgânica que explica o reaparecimento de sintomas em uma tuberculose então silenciosa, e a agudez dos fenômenos na fimatose intercurrente.

Muitas vezes sucede que a gestação chega a seu termo sem que se apresente nenhum sinal denunciador de uma tuberculose. E' sòmente na fase da amamentação que isso aparece nitidamente.

Atribui-se, então, à perda dos sais de cálcio pelo leite (cerca de 4 gramas diàriamente), o despertar do processo, existindo, portanto, maiores riscos, nas predispostas, durante o alactamento ao seio, do que durante todo o período anterior da gravidez.

Dessas considerações pode-se concluir, pois, que, a rigor, as tuberculosas e simples suspeitas não deveriam conceber nem amamentar, tanto em seu benefício como no da criança.

E, por motivos óbvios, anunciada uma gravidez, nesses casos, esta deveria ser assistida com extremos de cuidados e sob contrôle radiológico até seu termo, com vistas a proteção da criança desde o primeiro momento do nascimento.

CORRESPONDÊNCIA DAS MAES

M.F. Deodoro — A saliência que nota, no seu filhinho, na face anterior do torax, ao que parece, configura o chamado **peito de pomba** dos pediatras, encontrado no Raquitismo. Experimente, portanto, e quanto antes, os preparados de vitamina D e regimen rico de frutas e variado. Um pouco de sól, sempre. Areje a casa quanto possa, permitindo, naturalmente, o tempo.

★

L. S. — Nesta. — O espessamento hilar encontrado no seu filho, ao exame do raios X, é frequente em muitas crianças de sua idade e como consequência de certas infecções do aparelho respiratório, mesmo na coqueluche. Só acompanhado de outros sinais será uma manifestação de tuberculose infantil, nessa idade. Se apareceram manifestações asmatiformes, tosse coqueluchoide, convém prevenir-se. Por ora, e já, injeções de cálcio, vitaminas, óleo de fígado.

★

R.T. Meyer — Muito cuidado com o leite. Não tenha dúvida que muitas diarréias têm sua origem no leite contaminado. Entre nós, com o clima que temos, o leite é quase tudo nessa idade. Experimente a mudança para o leite em pó: 4 colheres de chá bem cheias em 100 gramas de água fervida. Junte-lhe I mingau com uma colherinha de creme de arroz para 60 gramas de água, depois de cozer 10 minutos a fogo brando. No fim adoce com uma colher de chá de um açucar com o neve.

★

NOTA — Qualquer correspondência sôbre a saúde de seu bebê, dirigir à REVISTA DA SEMANA, com menção desta secção, ou seja, SAÚDE DO BEBÊ, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio.

existência. Comunico-me indiretamente com
Mr. Benoit — o único que ainda vive —
e Mlle. Marion; dão-me, ambos conforta-
doras notícias de minha linda "poupée".
Pretendo reavê-la algum dia; porém, con-
quistando-lhe gradativamente o coraçãozi-
nho com as palavras que brotarão do âmago
de meu sofrimento de mãe. Será trabalho
exclusivamente meu, Jacqui. Desvaneceu-me,
profundamente, teu gesto altruístico, que
muito agradeço — concluiu a moça.

As azuladas espirais do cigarro de Geor-
gette pareceram amoldar-se, delineando no
espaço, traços da imagem de olhos louros
que sua mente saudosa evocava. Levan-
tou-se e depositando a ponta colorida de
baton no cinzeiro de prata sôbre a mesinha
do telefone, esmagou-a lentamente.

— Adeus, Jacqui. Peço-te que não reveles meu segrêdo; prometes-me?

— Espera, muchacha, espera um momentinho. Tens fotografia de Solange? — perguntou-lhe a amiga sem lhe responder.

— Não a trouxe na bôlsa Por quê? Algum plano?

— Mama mia! Nenhum! Desejava apenas, conhecer tua linda filhinha. Em compensação, levarei uma lembrança tua, Georgette.

E, enquanto preparava a máquina para o "flash", Jacqueline lhe pedia: — Senta-te ai na poltrona, vamos! Isso, elegância menina e, agora, um sorriso à la Bergmann.

Acedendo ao capricho da amiga, Georgette troçou: — Para que pensem que sou alguma celebridade!

Mais animadas, agora que os reflexos da triste evocação se lhes alou do pensamento, quais sombras importunas que se distanciaram para sempre, prometendo correspondência assídua, despediram-se com um alegre "a bientôt", seguindo cada uma o caminho que já é do conhecimento dos leitores.

★

Alguns dias depois, a imprensa parisiense fôra tomada de surprêsa pelas sensacionais reportagens de Mlle. Jacqueline Deschamps, distribuídas por via-aérea pelas principais agências de publicidade, atravessavam continentes e nêles explodiram quais autênticas bombas-voadoras. Naquele dia, vários matutinos, com suas tiragens aumentadas, transcreveram em "manchettes" as notícias que deixaram de ser exclusivamente de "La Razòn".

Le Martin escrevia, detalhadamente:

"O CRIME DA FAMOSA ESCRITORA GEORGETTE LENTUIL

A escritora Georgette, ou Anne, ou ainda, Georgette Anne Lenteuil, como realmente se chama, sobrinha do General George Lentuil, já falecido, assassinou bàrbaramente há seis anos passados, seu jovem marido, Mr. Jean Latour, rico fabricante de vinhos, nesta capital. A filhinha do casal, Solange Lenteuil, privada tão cedo do carinho do pai extremoso, continua desaparecida até o momento em que escrevemos estas linhas. Entregue, naquela ocasião por sua governante, Mlle. Marion ao padrinho, um tal Mr. P. Benoit, deduz-se que a encantadora criança, que se presumia em Nice, tenha desaparecido misteriosamente.

Nenhum dos dois personagens citados foi, igualmente encontrado até o presente momento.

Focalizamos no clichê um dos melhores sorrisos da escritora que, despreocupadamente, vive na América do Sul, a editar seus famosos livros.

A novelista Georgette Anne, que até então permanece incógnita, continua impune. Atenção, leitores amigos, cooperem conosco para descobrir o paradeiro da infeliz criança, vítima inocente da sanha sanguinária da jornalista, a quem negamos o título de — MAE — enviando-nos fotografias e demais informações à nossa Redação, ou, pessoalmente a Mlle. Jacqueline Deschamps, no Hotel Crillon, Place de La Concordie. De acôrdo com o oferecimento de Mlle. Deschamps estará à disposição dos leitores um prêmio de cem mil francos para quem descobrir o paradeiro da encantadora Solange L. Lenteuil."

Règiamente paga, a abelhuda repórter de "La Razòn" não teve mais tréguas na faina informativa. Concedia entrevista aos colegas da Imprensa, descrevendo "l'assassinat horrible" que seria punido pelo Código Francês com a guilhotina; atendia, continuamente ao telefone, recebia por dia, centenas de fotografias da suposta "Solange", avistava-se com cidadãos dos quatro pontos cardeais que, em disputa ao prêmio, lhe davam as mais desencontradas informações e assim a "pobre" menina ora era descrita como "un ange aux cheveux blonds", ora "une petite brunette aussi douce que "la naranja".

Nesse interim, o embaixador Mr. Maurice Jeannot, recebendo contra sua hóspede grave denúncia procedente da França, não pôde impedir que a polícia brasileira, por solicitação de sua colega de além-mar, comparecesse em pessoa ao seu suntuoso palacete para averiguar a procedência da mesma.

Exatamente no dia em que uma turma de policiais do 5º Distrito, com a devida permissão, foi à sua residência para investigar o caso, ouviu vozes angelicais que, vindas do gabinete próximo, em côro, cantavam patriòticamente: "Allons enfants... le jour de gloire est arrivée"...

— Para a hábil mestra, ei-lo que chega — interrompeu-lhe, irònicamente, um alto gestor da Polícia.

A um sinal da progenitora, Maria Helena e Carmen Beatriz se retiraram, deixando, entretanto, bem patenteado seu voto de solidariedade à querida mestra, enviando-lhe um beijo nas pontas dos dedos e fulminando os impostores com olhar de desaprovação.

— Foi a senhora, então, D. Georgette quem matou seu marido em Paris? — perguntou-lhe o Delegado, cruzando os braços no peito à maneira de Pôncio Pilatos ao interrogar Jesus.

A jovem preceptora empalideceu e titubeou.

Madame Jeannot que, tôda trêmula, assistia ao interrogatório, resolveu interceder em favor de sua amiga:

— Senhores — disse-lhes, solenemente — ela não se chama Georgette, porém, Anne. Mlle. é incapaz de matar uma mósca, quanto mais cometer a hedionda ação de que é acusada; peço-lhes que se retirem.

— Vamos, moça; seja boazinha, desembuche logo para facilitar-nos o trabalho. Matou ou não matou o gajo? — perguntou-lhe um dos "tiras", sem dar importância ao "convite" da dona da casa.

— Pois bem — respondeu-lhe, calmamente a professôra — já que os senhores insistem, confessarei: — "Eu Georgette Anne Lentuil assassinei meu marido em Paris".

— Muito bem, madame; acompanhe-nos à Delegacia.

★

Extraditada, a chegada de Georgette Anne em Paris constituiu autêntico sucesso! Repórteres, operadores cinematográficos, fotógrafos de importantes *magazines*, pretensos e numerosos fãs esperando-a no aeródromo d'Orly, disputavam-lhe a primasia das entrevistas, flashes, autógrafos ou, simplesmente, um apêrto de mão. Dir-se-ia celebridade da tela em desfile pelos boulevards parisienses ao "Hotel" onde, finalmente, a trancafiaram por uns quinze dias para os primeiros interrogatórios.

Através dos furos sensacionais, a Imprensa parisiense continuava a informar fielmente aos leitores, todos os passos da escritora "criminosa".

Mlle. Jacqueline Deschamps, em gôzo de férias remuneradas, passeando em Biarritz sua plástica bronzeada ao lado de jovem pintor italiano, comentava-os:

— Mira, bambini mio! — e como "êle" a olhasse sem compreender, concluiu: — Pauvre Anne!

Comparecendo diante do Juiz de Instrução para o interrogatório em audiência final, resolveu Anne confessar a "trama":

— Não sou criminosa, senhor Juiz. Jamais conheci alguém com o nome de Jean Latour, fabricante de vinhos nesta cidade. Êsse senhor nunca foi meu marido. Sou solteira, solteirinha da silva, como dizem "lá-bas".

— E a sua filha? — indagou-lhe o velho magistrado.

— Solange existe apenas na minha imaginação; é minha boneca e personagem de minha novela policial. Sou escritora, senhor Juiz, e Mlle. Jacqueline Deschamps, repórter de "La Razòn", a quem narrei a novela, antecipou-se à apresentação de meu trabalho ao público, numa engenhosa publicidade. Sou além disso, simples professôra que, tangida dos horrores da guerra, encontrou no Brasil, sua segunda pátria, clima e sossêgo e seu trabalho intelectual. Peço-lhe permissão para oferecer a V. Excia. o livro que tanta celeuma provocou entre vós.

E, ali mesmo, no Tribunal, sentada no "banco dos réus" a famosa escritora policial

autografou sua obra, oferecendo-a ao austero Juiz.

Verificada a improcedência da denúncia, pois realmente jamais constara nos cartórios da França registro de casamento de Mlle. Georgette Anne Lenteuil com um tal Mr. Jean Latour, fabricante de vinhos em Paris e cidadão inexistente, bem como, registro de nascimento de criança do sexo feminin de nome Solange, filha de Georgette Anne Lenteuil, reconhecida sua inocência, a escritora policial foi mandada em paz de volta ao Brasil.

A "Art France Film" contratou os direitos autorais da novela de Georgette Anne Lenteuil e assim, " O crime da famosa escritora", que lhe deu fama e fortuna, vertido em vários idiomas, inclusive o nosso, será brevemente distribuido no Brasil. Eu aconselho aos leitores que esperem pelo filme.

IMPRESSÕES DE CHICO...

(Cont. da pág. 3)

naturalmente. Êle pediu que repetisse a dóse. Novamente o atendi. Mais uma dóse, mais outra, ainda outra — e comecei a me constranger. Afinal, eu estava dando conta do meu serviço, é verdade — mas não éra nada agradável sentir que naquele momento contribuía para a desgraça de um ser humano. Como o patrão se afastasse dalí, procurei convencer o pobre homem da conveniência de não beber mais. Êle repeliu-me com uma frase decisiva: — "Não adianta, rapaz. Se não beber aqui, vou beber em outra parte qualquer..." E continuou a repetir as dóses de cachaça, tantas que acabou por sair, cambaleando. Sem olhar ao que fazia, deixei o meu pôsto e o acompanhei até fóra, amparando-o, fazendo que voltasse a casa e dando-lhe mais alguns conselhos, certamente inúteis... Depois voltei para o balcão. Mal sabia que o outro, que a tudo assistira de parte, éra um repórter. No dia seguinte, um jornal da cidade publicava uma notícia mais ou menos assim: — "O bar Tal, está na iminência de falir, porque o seu empregado de balcão é o primeiro a demover a freguezia de fazer despeza..."

Chico faz uma pausa, sorri desageitado e conclúi:

— O resto é facil o senhor imaginar. O patrão teve a falência do negócio apressada... E eu me vi no ôlho da rua, sem emprêgo, sem níquel, alvo de muitas ironias...

Lembramo-nos do filme de Danny Kay, "O Inspetor Geral", recentemente exibido. Nêle há um episódio semelhante, onde o cômico também aconselha uma pobre mulher a não utilizar o remédio que o farçante do seu patrão lhe vendeu, porque a envenenará. E acaba entrando numa valente sóva remate que, providencialmente, Chico Xavier não chegou a conhecer...

NA ILHA DE LILLIPUT

(Cont. da pág. 17)

lecionadores de "burattini". Não sabemos se o divertimento passou das ruas para os palácios ou se dêstes desceu para as praças e os cortiços. Logo, porém, foi dividido em passatempo popular e aristocrático; o das massas chamava-se "marionette" e o dos ricos "fantocci". Os primeiros divertiam os meninos sujos das ruas em teatrinhos diminutos e desmontáveis, ainda muito comuns nas feiras das pequenas cidades italianas, e de que tivemos um exemplar montado no recente espetáculo do "Carosello Napolitano". Os segundos, eram elegantes bonecos que tomavam parte em verdadeiras peças teatrais escritas de propósito para os teatros fixos montados nos "palazzi". Um dos mais antigos marionetistas, segundo o testemunho do poeta Bernardino Baldi, foi no século XVI, Federico Commandino de Urbino, um dos potentados e grande matemático daquela cidade, a mesma onde nasceu Rafael. Êsses espetáculos, assim como tôdas as outras manifestações artisticas da peninsula, tomaram logo escolas diferentes, sègundo as influências e os sentimentos peculiares a cada região. Entre as mais famosas, lembraremos a siciliana, caracterizada pelo tipo heróico e cavalheiresco; a napolitana, grotesca e licenciosa, e a veneziana, romântica, lirica e satirica. Foi nesse período que os melhores artistas, apresentando-se em quase todos os espetáculos com os mesmos caracteristicos, terminaram por dar vida a tipos, as famosas "máscaras" da Commedia dell'Arte Italiana. Pois bem, os "burattini" as adotaram e nomes como Arlecchino e Pulcinella tornaram-se mundiais. Espirituosos, espertos, constituiam a delicia do povo do sul da Itália, assim como haviam feito, no tempo dos romanos, as representações Atellane, cheias de malicia, a primitiva fonte de tais espetáculos. A escola veneziana era mais fina, mais delicada, mas não menos satirica. Contava com teatrólogos do estôfo de Carlo Goldoni, até hoje representado e conhecido, inclusive no Brasil. A "Commedia dell'Arte" foi morrendo, o teatro de bonecos teve seu ápice na metade do século passado e depois viveu de tradição, conservando tudo o que adquirira em tantos séculos de existência, mas não adaptando-se à evolução dos tempos. Podrecca, entusiasta de teatro, quis reviver as grandes glórias dos "burattini", formando um conjunto e estreando em 1913 em Roma. Reanimou, renovou uma arte prestes a desaparecer, tornou-se famoso na Itália, viajou pelo mundo todo, visitando selecentas cidades de trinta e seis piases diferentes. Seu repertório está se enriquecendo sempre mais de assuntos folclóricos das gentes que conhece, tornando-se um conjunto nada regionalista e sim cosmopolita, onde não existe tabu racial nem complexos de lingua ou de côr.

Para quem consegue entrar na caixa do teatro e admirar os bonecos de perto, muitas surprêsas estão reservadas. O palco não é todo êle aproveitado, pois os bonecos de tamanhos reduzidos ficariam perdidos no mesmo lugar em que trabalham pessoas normais. Com mais ou menos um metro de altura, alguns têm apenas quatro ou seis fios para animá-los; outros, entretanto, têm mais de vinte. Um marionetista consegue movimentar dois bonecos dos mais simples, mas são necessários duas ou mais pessoas para segurar e anmar os mais complicados em que tudo se mexe, cabeça, braços, mãos, pernas, pés, joelhos, bôca, e até dedos. Uma coisa que talvez poucos saibam é que o marionetista que puxa os fios dos bonecos não é o mesmo que lhes empresta a voz. Enquanto os marionetistas trabalham numa espécie de ponte armada por cima do pequeno palco invisivel da platéia, os cantores e músicos trabalham na orquestra, localizada quase sempre em nivel mais baixo que o palco. Os dois grupos não se vêem durante a representação, de modo que pode-se imaginar daí qual o treino necessário para que haja um sincronismo quase perfeito entre os sons produzidos pelos instrumentos, as canções e os giros emitidos pelos cantores e os movimentos executados pelos bonecos em cena. A habilidade é uma das qualidades dos marionetistas. A velocidade com que puxam os fios sem errar, o conhecimento prévio dos minimos detalhes a serem observados, a graça que devem emprestar aos movimentos dos bonecos para que melhor imitem os homens ou os satirizem com movimentos exagerados e inesperados, fazem daquele grupo de homens e senhoras especialistas insuperáveis em sua arte. Coadjuvados por cenários interessante e por efeito de luz bem orientados, oferecem tal realismo em determinadas cenas que só a visão dos fios retos atenua um pouco. Dissemos acima que êsses bonecos é que são os verdadeiros existencialistas da vida, pois fazem o que querem. Os homens na vida quotidiana regem-se por normas de etiqueta, regras de bom comportamento fingido que limitam ao máximo a falada liberdade. Os bonecos não. Um dêles vem andando calmamente, num passo de urubu malandro. De repente, sem razão visível, dá um pulo e um grito. Se alguém agisse assim na rua seria tido por louco, mas quantas vêzes somos tentados a fazer isso e mais ainda! Na ação dos "piccoli" há sempre uma dose bem grande de paródia, de caricatura e de sátira. Paródia dos personagens famosos, das personalidades mais conhecidas e sátira bem fina de suas maneiras de comportamento diante do público, como no caso do aplaudidíssimo pianista, ou do pequeno bailarino que cai do palco no final de seu número e que, encerrado o pano de bôca, tenta subir novamente ao tablado, imitando um menino estouvado, ou ainda, no caso da holandesinha que deposita seu trabalho de costura no banquinho para ir dançar com seu par. Cansada e esquecida volta ao banquinho, senta e leva uma alfinetada que a obriga á dar um pulo. Detalhes êsses que denotam o cuidado de preparação, o espirito, a graça latina, o bom-gôsto de quem superintende os grandes "piccoli".

A VIDA DE ERNESTINE...

(Cont. da pág. 34)

belo. Ernestine ficou que era uma obra de fancaria: coberta de roupas ou muito folgadas ou muito compridas. Os sapatos lhe apertavam os pés; ao caminhar, se encolhia tôda. Nenhum entrecho de ópera que já se escrevera era mais fantástico do que essa realidade. Mas quando ela começou a cantar, tôdas as esquisitices do seu traje e da sua pessoa foram esquecidas. A platéia atentou para uma única coisa: ali estava afinal uma voz perfeita aliada a um perfeito desempenho.

Ernestine fêz um contrato por dez anos e pôs-se a aprender as particularidades da sua arte. Atirou ao cisco tôdas as regras da representação e da técnica teatral e agiu a seu modo.

— Ah, du lieber Gott — rogava sempre que seus empresários tentavam apontar-lhe a "maneira certa" de representar. — Não me digam mais nada; deixem-me, por favor. Tenho que atuar à minha maneira, do contrário não valho nada.

Seus empresários discutiam com ela, e eram vencidos.

— A senhora não vale nada, mas apesar disso é um gênio.

Ela tornou a casar, desta vez com um ator, Carl Schumann. Tinham se conhecido numa festa de Ano-Novo. Êle deu a ela como seu presente de núpcias um par de luvas brancas.

— Estas luvas são imaculadas, Tini, e assim te guardarei e manterei no coração até meu último momento.

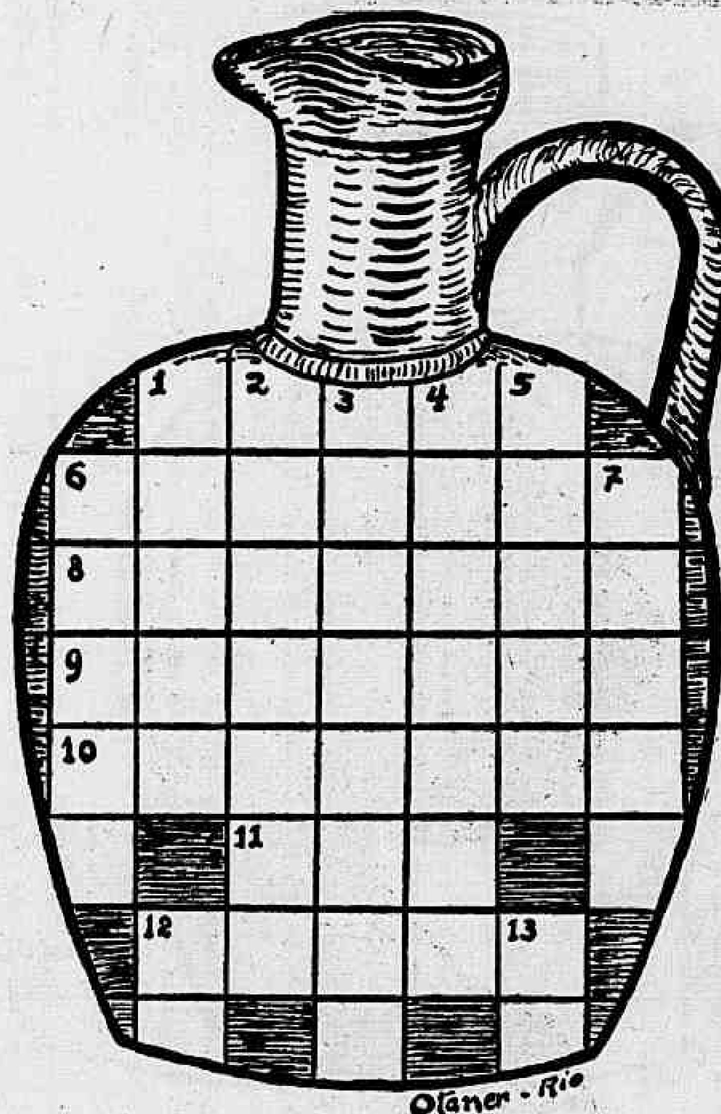
Ela foi para Bayreuth, o santuário musical de Richard Wagner, e cantou em "Tristan", "Das Rheingold" e "Lohengrin" como ninguém ainda cantara. Pois o compositor alemão criara uma música triunfal impelido pelo osfrimento, que era a verdadeira música da alma daquela pequena e robusta austriaca. Mais aclamações choveram sôbre ela... e mais filhos vieram.

(Cont. no próximo número)

PALAVRAS CRUSADAS

Problema n. 27

PARA NOVATOS

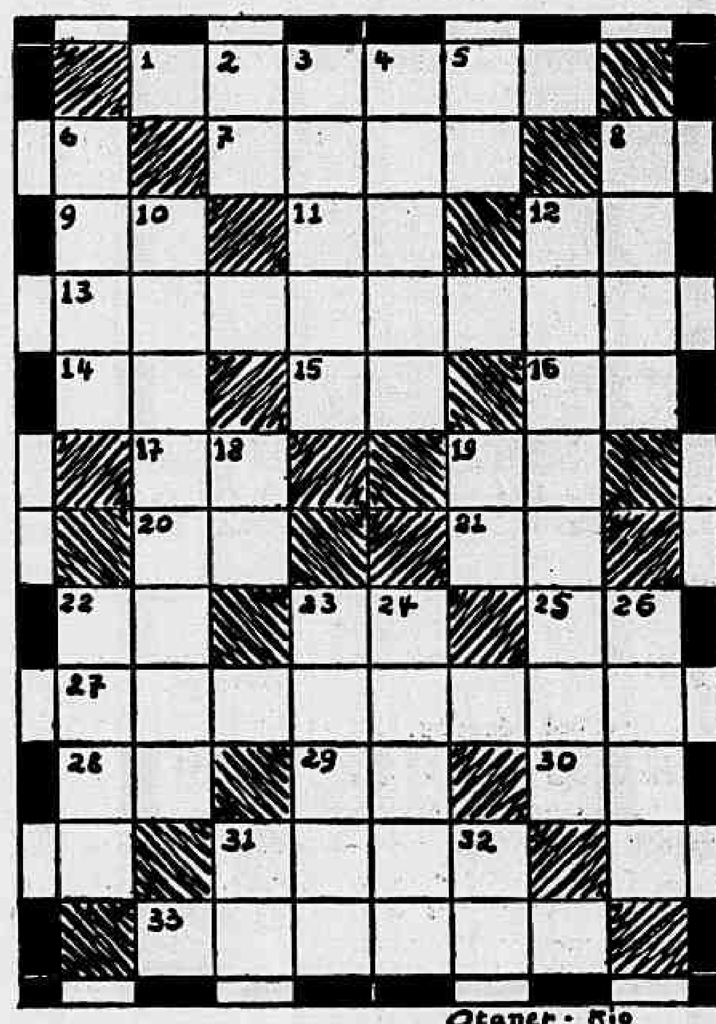


HORIZONTAIS: 1. Amargo — 6. O mesmo que jerimum — 8. Ser cábula — 9. Adelgaçara — 10. Deram balidos — 11. Cólera — 12. Espécie de antílope, o mesmo que veado-do-cabo.

VERTICAIS: — 1. Sufoca — 2. Móveis de uma casa — 3. Selaram com bula — 4. Fizeram girar — 5. — Rezara — 6. Finda — 7. Espécie de abelha silvéstre — 12. Nêste lugar — 13. Aragem.

Problema n. 27 --- PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Narrativa popular, em verso — 7. Sereia de rios e lagoas — 9. Simbolos do nitônio — 11. Outra forma da 13ª letra do alfabeto grego — 12. Símbolo do estrôncio — 13. Parva — 14. Antiga nota musical — 15. Triunfo — 16. Insulado — 17. Entrada — 19. Flecha usada pelos antigos turcos — 20. Contração — 21. Manga — 22. Distinguí — 23. 17ª letra do alfabeto celta — 25. Distrito governado por um alcaide — 27. Encobrir — 28. Em nossa terra — 29. Esquadrão — 30. Rela — 31. Preguiça — 33. Opiniões sistematizadas.



VERTICAIS: — 2. Mamífero desdentado da família dos Bradipodídeos — 3. Caldo de galinha — 4. Constelação e signo do Zodíaco — 5. 10ª letra do alfabeto árabe — 6. Fruto do Cytisus cajanus — 8. Manojo de lã, estopa ou linho que se põe de uma vez na roca — 10. Arte de construir edifícios — 12. Fazer nascer — 18. Pura — 19. Sufixo que designa serventia — 22. Origem constante de interesses — 23. Envaidecido — 24. Mencionar — 26. Jarro — 31. Interjeição de espanto — 32. Interjeição de dor.

Soluções dos Problemas do número anterior:

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Côco — Amas — Aló — Ama — Rapo — Atol — Ápice — Ara — Clara — Área — Acre — Dor — Ias — Orar — Tesa.
VERTICAIS: — Clara — Ola — Copa — Mate — Amo — Sala — Opala — Acará — Ira — Fado — Cera — Acie — Mesa — Ror — Ras.

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: Zorô — Rata — Cãs — Erê — Aí — Ai — Mó — Si — Ras — Rala — Pia — Piau — Mi — Liar — Oa — Triaga — Rã — Ar — Postar — As — Vira AA — Etna — Amo — Pium — Aca — Ra — Ló — Or — Ar — Ano — Imo — Alas — Ramo.
VERTICAIS: Oc — Rana — Os — Ré — Arco — Te — Zarpo — Piara — Iaiá — Ir — Ma — Siar — Sã — Amí — Lia — Pi — Ut — Lã — Rico — Gema—Avarí—Rima — Pá — Saí — Tau — Ré — Anca — Saara — Ro — Ta — Pó — Mó — Lupa — Rima — Al — Os — Ir — Om.

Mães carinhosas... e previdentes

confirmam com orgulho:

para as crianças do Brasil só o TÔNICO INFANTIL





Tudo que o delicado organismo infantil exige no período de crescimento... cálcio, fósforo, sais minerais e vitaminas — está incluído na fórmula especial do TÔNICO INFANTIL! Para que seus filhos cresçam sempre fortes, alegres e sadios, dê-lhes o fortificante certo e eficaz: TÔNICO INFANTIL!

O único de fórmula especial para crianças

A terrivel vingança...

(Cont. da pág. 23)

Herzog e Lachenal foram os mais gravemente atingidos pela escalada temível. Voltaram em padiolas até aos acampamentos da base da montanha e dali seguiram para o mais próximo aeroporto, levando nisso um mês. Era preciso repousar os caravaneiros e, especialmente, os feridos. Na aldeia de Leté, ficaram três dias, seguindo depois para alcançar a estrada de ferro em Mautanwa, ponta dos trilhos da estrada de ferro da India. Até aí, os feridos haviam sido transportador a braço de "herpas" e "sahibs". As extremidades dos feridos começam a apodrecer de tal forma, que o piloto do avião que os tomou em Golakapur, esteve a pique de os deixar novamente no local de partida, tão irrespirável éra o ar no avião pelos membros em decomposição dos martires e heróis do Annapurna. Logo que chegaram à França, os feridos, já com mãos e pés amputados, foram internados na Clinica de Vaugirard, onde, mais uma vez, sofreram operação. Logo que convalesçam, irão para Chamonix, onde os restantes expedicionários os aguardam, à exceção de Noyelle, que continuou nas Indias.

Depois de alguns meses, Herzog e Lacjhenal, irão para os Estados Unidos, para um curso de re-educação. Venceram o pic
Annapurna, mas ficaram invalidos para alpinismo. Annapurna,
lada em seus mistérios, vinogou-se dos dois heróis, tornanc
incapacitados para continuar a escalar montanhas.

Para qualquer ponto
do Brasil
e a Buenos Aires



SERVIÇOS AÉREOS
CRUZEIRO DO SUL
LTDA.
Av. Rio Branco, 128
Informações - Tel.
42-6060

PORCELANA

(Cont. da pág.

A insinuante espôsa do gerente levantou-se como
resignada, e, ajustando delicadamente, com os dedos
vestido à cinturinha, acompanhou o marido, saindo
loja. Em seus olhos umedecidos refletia a decepção
conflito intimo. Ainda uma vez, e não seria a última
passividade imposta pelo apêgo ao marido abafava
legitimos sentimentos de revolta, algemando-a, submis
sem limitações, à doblez do trapaceiro, com absoluto d
prendimento.

Julião ficou imóvel. Aquela criaturinha ideal, deli
sa, amava aqule bruto, tipo sombrio, crápula adocica
de carater azinhavrado e corrompido! O prosáico mari
porém, não apreciava os predicados da espôsa apaixona
pura, devotada. Perdia em noitadas, com indesejáveis,
orgias e libações, às mesas de jôgo, as grandes somas
cadas da emprêsa! Explorava amores baratos! Ali m
mo, nas gavetas, havia baralhos, dados de jogos e sô
a mesa estava, rabiscado, um programa de corridas
cavalos! Abusava, além disso, do fumo e do álcool...
no entanto, o libertino era amado e tinha um filho!
quisitice feminina, contraste absurdo, extravagância
mulher, que ninguém compreende nem explica, torna
se aquela paixão uma adoração criminosa.

Há flores perfumadas em guas estagnadas...

Julião ouvia ainda farfalhar o tafetá do vestido de
bia... Ela, sòmente, cumprimentara-o à saida. Na xica
em que mal provara o chá, ficara a mancha de seus
bios carminados... No estofado em que estivera senta
ao lado do marido caricato, esquecera uma luva. O ve
apanhou-a num lance irrefreável. Como era delicada,
mo cheirava bem! Perfume de pecado!... Fechou a p
ta da saida, reduziu a luz do salão, ficando só. Sentia
tão bem na penumbra. Sempre assim vivera. O confô
e os prazeres nunca os tivera, vedados a êle haviam si
todos... Vivia como espectador da linda comédia da vi
Agora estava só, podia pensar, sonhar. O aroma da lu
parecia encher tôda a loja a qual se apresentava m
suntuosa que nunca: as rendas finas afiguravam-se
mais finas; as cores mais vivas; os bustos e modelos
teiros de porcelana pareciam-lhe animados. Imensa fa
tasia cercou o ancião que, maravilhado, relanceou
olhar em tôrno, segurando a luva. Tudo era uma mi
gem. Seus olhos estavam cheios de sonhos bons, aleg
e felizes.

Ao sentar-se, porém, para recompor o raciocínio, toc
num gesto mal dirigido, numa boneca-modêlo de porce
na. O manequim inclinou-se para o velho que, evitan
lhe a queda, o enlaçou pela cintura. Recrudesce a ve
gem; não queria nem podia combater as visões: com aq
lo sempre sonhara em sua mocidade; a velha crença,
esperança antiga, sempre frustrada, de enlaçar, ass
possuir uma mulher branca, meiga, formosa, doce, ide
Ah! Os desejos, os anseios naturais do homem! «E
abandonava-se, entregava-se a êle, vestida de cambra
e organzas, numa súplica-convite ao amor. Viera rec
pensar uma existência de espera. Como cheirava aqu
corpo sensual! Era um perfume de saudades... o per
me suave de Núbia. Sim... era ela, agora notava, era
mesma. Tivera dó da solidão. Encheria de poesias
seus últimos dias; seria o anjo revelador das belezas d
vida. O cabelo igual, o perfume, as mãos, a cinturi
de vespa, os ombros magros, os olhos prometedores d
delicias naturais da matéria, da vida, do mundo! Sab
era um velho. Que importava? Guardava, sabia-o ta
bém, no âmago do seu ser, um coração igualmente fe
para amar, relicário — só a morte o destruiria — de se
sações recalcadas, desejos irrealizados...

Bradou socorro, num apêlo angustiante, à mocidade di
tante; ouviu apenas o éco.

Sôfregamente cobriu de beijos a mão de porcelana d
boneca. Sentiu-a suspirar, lábios secos, e ouviu bater s
«coração», de encontro ao dêle. Aquela «mulher» bran
de carne quente, vibrava sob o contacto acariciante de su
mãos. Estava ali para êle, meiga sequiosa de beijos
carinhos. Finalmente chegara a dádiva do céu! Tar
talvez... Aquela era a mulher perfeita — nisto o decr
pito tinha razão.

Era, evidentemente, a «mulher» perfeita: não fala
nem ria ou chorava, no seu peito não havia um coraç
por isso não fingia nem pensava, não mentia, jàmais
rira com a traição; não era hipócrita nem cínica; era
simbolo, a única mulher perfeita!

O velho delirante, carapinha branca, face lívida, trem
banzo, abraçado à porcelana fria e inanimada. Ouvic
balbuciar carinhosa e debilmente frases de amante ditos
satisfeita.

Reunindo do esfôrço supremo o máximo vigor, emper
tigou-se o pobre demente e, como um jovem, másculo, v
ril, num gesto ousado de galã, coprimiu a beiçarra e
nariz achatado de encontro aos lábios rubros da bonec
deixando-os, então, úmidos, descorados... Depois, com
o velho palhaço que despertasse dum delírio, no centro d
picadeiro de um circo deserto, compreendeu que a ama
te era de porcelana, mulher apenas na forma, e teve ver
gonha do seu «eu». Zumbiram-lhe os ouvidos; vozes, ap
pos injuriosos, longínquos, corriam-no, como a um a
do ambiente sagrado. Confundido, tonto, aturdido, tr
peçando o infortunado deixou o edifício abandonando lu
zes acesas e portas abertas...

Julião não voltou à loja. O coração cansado não resistiu à emoção que sofrera, emoção que para o moço é vida, morte para o velho.

Pouco tempo além, quando o negro morreu, deu-se um fato curioso. Encontraram sob o colchão surrado do catre paupérrimo, uma luva nova, transparente, leve como uma pluma, fina, alva, acetinada, cheirando a vida, a mulher de 23 anos... O destino a transferira dos salões requintados para aquêle tugúrio sombrio. Foi um insulto mudo aos utensílios grosseiros do morto e, também, o atestado ridículo da sua emotividade intempestiva. A luva fôra usada por mão feminina, rósea, fresca, delicada, que o decrépito jàmais beijara, nem mesmo em sonho.

E' certo, porém, que, certa vez, pensando nela, como no minuto derradeiro, beijou delirantemente uma igual... de porcelana.

LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nossa exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:

GALERIA SÃO PEDRO

AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NOVO

O LOCUTOR DA AVE MARIA...

(Cont. da pág. 47)

e da descrença se me crava homicida e frio em pleno peito estuante de amor.

Não vai nisso o mais ligeiro menosprêzo às qualidades do seu caráter adamantino, às virtudes que brilham em sua alma pura como uma gema de fina água brilhando no colo de uma rainha. Eu não duvido de você, da sua sinceridade, desde que me tomou para confidente; duvido, sim, da minha funesta estrêla, duvido do destino implacável que me tem sempre perseguido, com uma insistência de espectro.

De mais a mais quem sou eu, humilde e triste, para destarte atrair o amor de u'a mulher que, moça, bela, inteligente, há de por certo arrastar à sua volta tôda uma legião de admiradores — satélites girando em tôrno de um sol de áureos fulgores.

Tocar no coração de u'a mulher é, afinal, emprêsa mais difícil do que a descoberta e conquista de um novo mundo para um navegador ousado. A mulher é o ignoto, o indecifrável, o mistério. A sua alma é como um abismo sem fundo; um eterno labirinto. Esfinge indecifrável, nunca alguém poderá blazonar-se de ter recebido de suas mãos a chave secreta, o código, dos seus pensamentos íntimos, dos seus sentimentos reservados e ocultos no recôndito do coração. Inútil tarefa a de quem procura de há muito escrever o tratado da psicologia feminina. A psicologia da mulher é coisa que não existe, uma vez que tôdas as mulheres têm uma psicologia própria e definida. Cada mulher é, por si só, um tratado de psicologia. O que a esta agrada e seduz àquela repugna e enfada. As aspirações ideais de uma são diametralmente opostas às ideais aspirações de outra.

Sonha uma com príncipes louros de romance dando a sua mão de espôso a alguma gentil pastorinha encantada; sonha outra com qualquer brioso general, conquistador ousado, que espanta o mundo com suas façanhas heróicas e o enche com o sangue das suas hecatombes hediondas; sonha esta com os benefícios da fortuna, os desvarios do luxo, do esnobismo; pouquíssimas pensam na glória literária, e, menos ainda na modéstia de um viver calmo e sossegado, sem abastanças nem ostentações, ao lado de um espôso sincero, franco, leal e bondoso que verdadeiramente as ame.

Quantas vêzes resultam inúteis as nossas palavras de sincera adoração! Quantas vêzes caímos no desagrado e na indiferença de u'a mulher precisamente no momento em que mais julgávamos ter feito jus à consideração e ao amor dessa mulher!

E foi assim, querida, que eu passei a duvidar do amor das mulheres, a escarnecer de afetos tantíssimas vêzes jurados e outras tantas fementidos.

Se os homens e as mulheres de nossa época tivessem por timbre a honra, a sinceridade e a lealdade; se fôsse considerado, como o deveria ser, um crime iludir com promessas utópicas a boa-fé de um rapaz ou a ingenuidade de u'a moça; se a palavra do amor não fôsse, como desgraçadamente o é, uma coisa banal, abastardada e enxovalhada por fúteis e por donzelas sem alma — raros cairiam, como eu, no cepticismo confrangente, na dúvida que desola e atormenta.

"Eu considero um grave e verdadeiro crime
Iludir uma incauta e pudica donzela;
— Culpa de que ninguém um dia se redime,
— Torpeza que não tem nenhuma igual a ela.

Ir em segrêdo assim como um ladrão de estrada,
Roubar a paz e a calma a um peito virginal,
Para cravar-lhe após, numa infernal risada,
Da traição, do perjúrio, o frígido punhal;

Jurar amor eterno a uma frágil criança,
Pô-la sôbre um altar, cantá-la ao som da lira,
E desfolhar após a flor da sua esperança
Com as mãos cheias só da lama da mentira;

Eu não concebo, não, como haja quem se afoite
A praticar assim um contra-senso, junto
A um crime semelhante ao de quem vai de noite
Roubar num cemitério as jóias de um defunto.

. . . .

E' por isso, querida, ó flor que minha alma adora,
Que ao falar-lhe de amor eu não lhe minto não.
Vãs palavras não são — da bôca para fora...
Quem fala é a própria alma e o próprio coração.

Eu não lhe sei mentir — a mentira envilece.
E ser franco e leal é timbre de nobreza.
Por isso o meu amor é uma fervente prece,
Que sobe aos pés de Deus e abraça a natureza."

POR QUE PRECISAM AS MULHERES DE DOIS REGULADORES ?

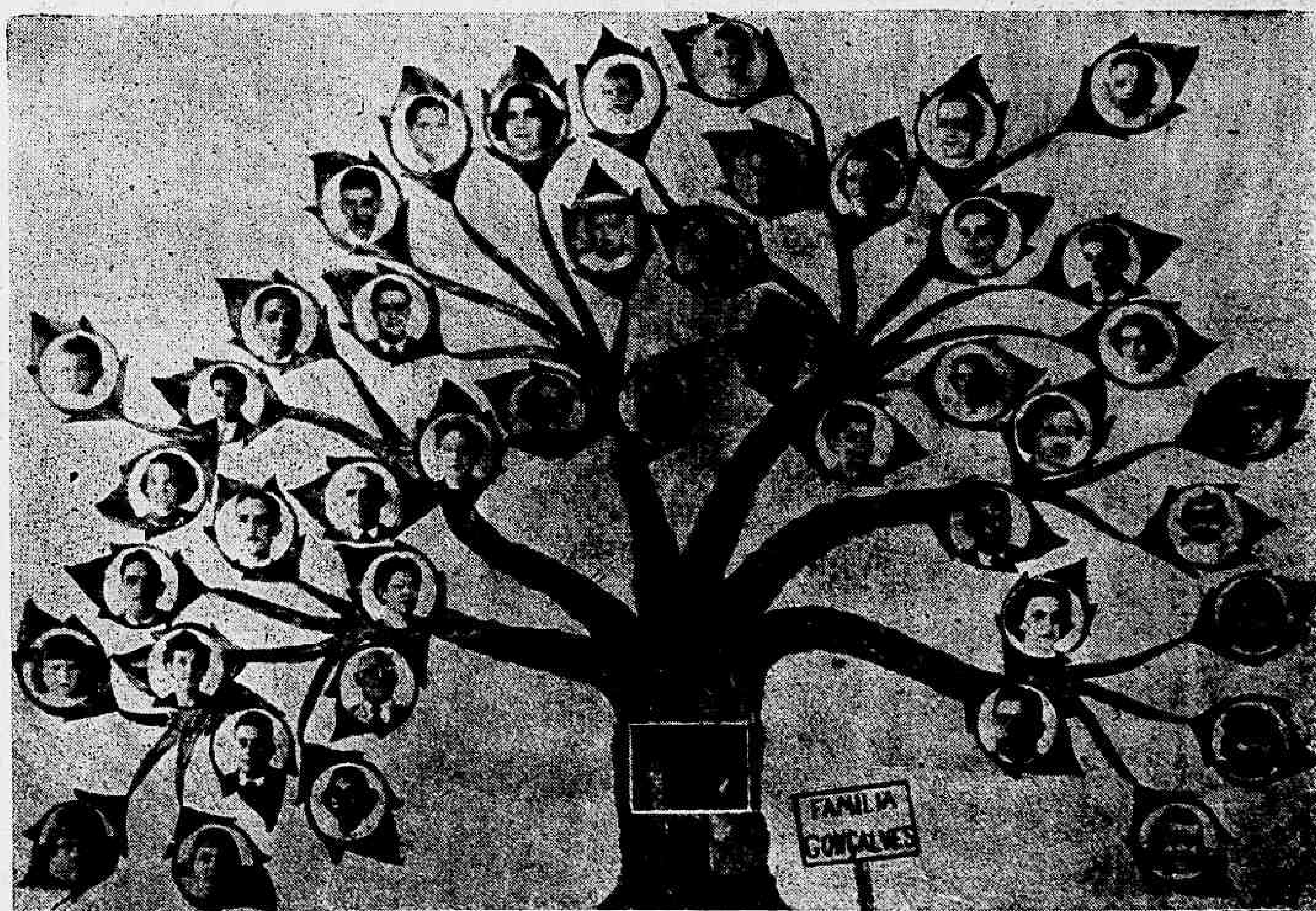
A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, êles exigem remédios diferentes. Êste é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1 — para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc.

O Regulador Xavier N.º 2 — para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com tôda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a êle. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acôrdo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem estar das mulheres.

BODAS DE PRATA



Em Penedo, Alagoas, rodeado de toda sua distinta prole — filhos, filhas, genros, netos e bisnetos — teve a grata felicidade de comemorar as suas Bodas de Ouro, o casal Manuel Gonçalves—Maria Puresa Gonçalves. Na gravura acima, reproduzimos o trabalho de dois netos do casal, a árvore genealógica da família Gonçalves, cujo tronco, oriundo de Fafe, Portugal, consitui hoje importante família brasileira.

SURPRESAS DE UM CASAMENTO

Ted parecia um tanto mal humorado, por momentos. Mas nada disse sôbre empregos. Eu estava certa. Meu desejo era que Ted completasse seu curso de química; mas amava meu emprêgo. Eu precisava trabalhar. Assim, numa manhã...

Oh! Querido! Veja a hora! Vou chegar tarde ao escritório!

Vê, Cláudia? Eu devia preparar o café para você, que precisa estar no emprêgo mais cedo do que eu na minha aula.

Por várias vêzes Ted levantou-se cedo e fêz o café para mim. Êle estava encantado com isso. Mas êle não era cozinheiro. Eu não podia suportar o café que fazia. Finalmente...

Cláudia, que está fazendo tão cedo? Eu quero fazer o café. Ainda é minha obrigação.

Não, Ted. Eu... Bem... Honestamente, Ted, eu preciso fazer o café, pôr o seu... Bem... preciso fazer a refeição. Eis tudo!

Você não quer deixar que eu faça nada, não é? Só você quer fazer as coisas, organizar planos! Eu de nada sirvo! Vivo em seu apartamento a gastar seu dinheiro! Por que não deixa que eu arranje um emprego?

Ted! Por que está a dizer tais coisas? Isso é porque eu o amo!

Não devo continuar a discutir com você, Cláudia! Você não compreenderá como se sentiria um homem numa vida assim. Está bem! Já que gosta disso, continui a proceder assim!

TED!

Naquela manhã não pude concentrar minha atenção no trabalho. Ted havia procedido comigo com muita rudeza. No começo senti até raiva dele. Mas o amor superou o aborrecimento e eu pensei nalguma coisa de que êle gostava. Poderia estourar nosso orçamento; mas estava certa de que eu faria algo por sua felicidade!

Naquela tarde eu deixei meu trabalho mais cedo e fui encontrá-lo na Universidade. E não pensamos mais em nada que nos contrariasse naquele dia...

Ted, eu estive pensando. Que tal se você convidasse alguns de seus amigos para um jantar sábado próximo? Ainda não tivemos um jantar festivo.

Boa idéia. Salvo se isso não lhe vai trazer embaraços em seu trabalho.

HAVERÁ, EM VERDADE, ALGO COMPROMETEDOR ENTRE TED E NANCY?

Eu não pensei que o caso me atrapalhasse; mas, já no último instante fui obrigada a permanecer no escritório depois do meio dia. Quando me desocupei, estava exausta e corri para casa a fim de preparar o jantar. Ted me ajudou no que pôde, mas meus nervos estavam excitados com a idéia de que os convidados chegassem e não estivesse pronto o jantar. Eu conhecia todos êles, menos uma jovem...

Cláudia, esta é Nancy Davis. E' do primeiro ano da Universidade. Nancy esta é minha mulher, Cláudia.

Muito prazer em conhecê-la, Cláudia. Ted me fala muito em você.

Tive muita satisfação por ter vindo.

Não gostei de Nancy, desde o primeiro instante. Não gostei do modo como sorriu para Ted, bem como da maneira por que se referia a êle. E, quando terminava o jantar, eu a odiava!

Olha, Cláudia! Se eu fôsse você, abria o ôlho com Ted... A Nancy é uma criatura que sabe atrair os homens.

E eu sou uma mulher que sabe segurar seu marido!

Mais tarde eu estava indignada; mas tudo fazia para não dar demonstração.

Que acha da dança, Cláudia?

Já gostei muito, George.

Finalmente os convidados se foram. Eu estava muito cansada e amolada...

Graças! Até que enfim se foram! Você está realmente linda esta noite, Cláudia! Mas... que há? Dê-me um beijo!

Oh! Ted! Deixe-me só! Você não me deu nenhuma atenção durante a noite. Mas é que então, Nancy estava aqui!

Cláudia! Você não está com ciumes de Nancy, não é? E' um velho conhecimento meu!

Ted, não quero falar a êsse respeito. Estou muito cansada! Vá dormir. Eu preciso, primeiro, lavar tôda esta louca.

TUDO ISTO ACONTECEU

CAIU A TRADIÇÃO



Quem desejar saber o que é fôrça de tradição, vá à Inglaterra ou lhe estude a história em qualquer sentido. A Inglaterra é o refúgio dos costumes e conceitos do passado. Parece que aquêle povo vive em duas épocas diferentes e simultâneamente: os séculos que já se foram e os tempos atuais. Uma das mais famosas universidades do mundo é a de Harvard. Há na mesma, uma faculdade de Belas-Artes, na qual os alunos educam seu espírito de observação e saem pintores e desenhistas dos mais ilustres. Mas, um dos pontos que mais desagradavam aos estudantes era a proibição de pintar nus artísticos. Essa restrição tinha trezentos e quatorze anos e a Congregação da Faculdade vinha observando os regulamentos com tôda a retidão. Os estudantes de Belas-Artes podiam pintar tudo; menos figuras de mulheres nuas, coisa incompatível com a decência e tradições morais da Escola. Mas tudo cansa nesta vida, inclusive a paciência dos alunos da Havard. Os rapazes e moças já estavam enfadados de pintar natureza morta, paisagens e outras coisas menos sensacionais. Essa história de maçãs sem Eva no paraíso, é trabalho para conventos. O que êles queriam era liberdade. Liberdade de pintar mulheres nuas, em poses artísticas, como fazem os pintores do mundo inteiro. Ora, se na própria Capela Sixtina, lá no respeitabilíssimo Vaticano, há figuras de nus artísticos, por que motivo não podiam pintar também na Faculdade de Harvard? E os estudantes venceram as resistência da Congregação. De agora em diante, podem pintar nus artísticos; mas, no salão dos modelos, só entrarão uns tantos professôres.

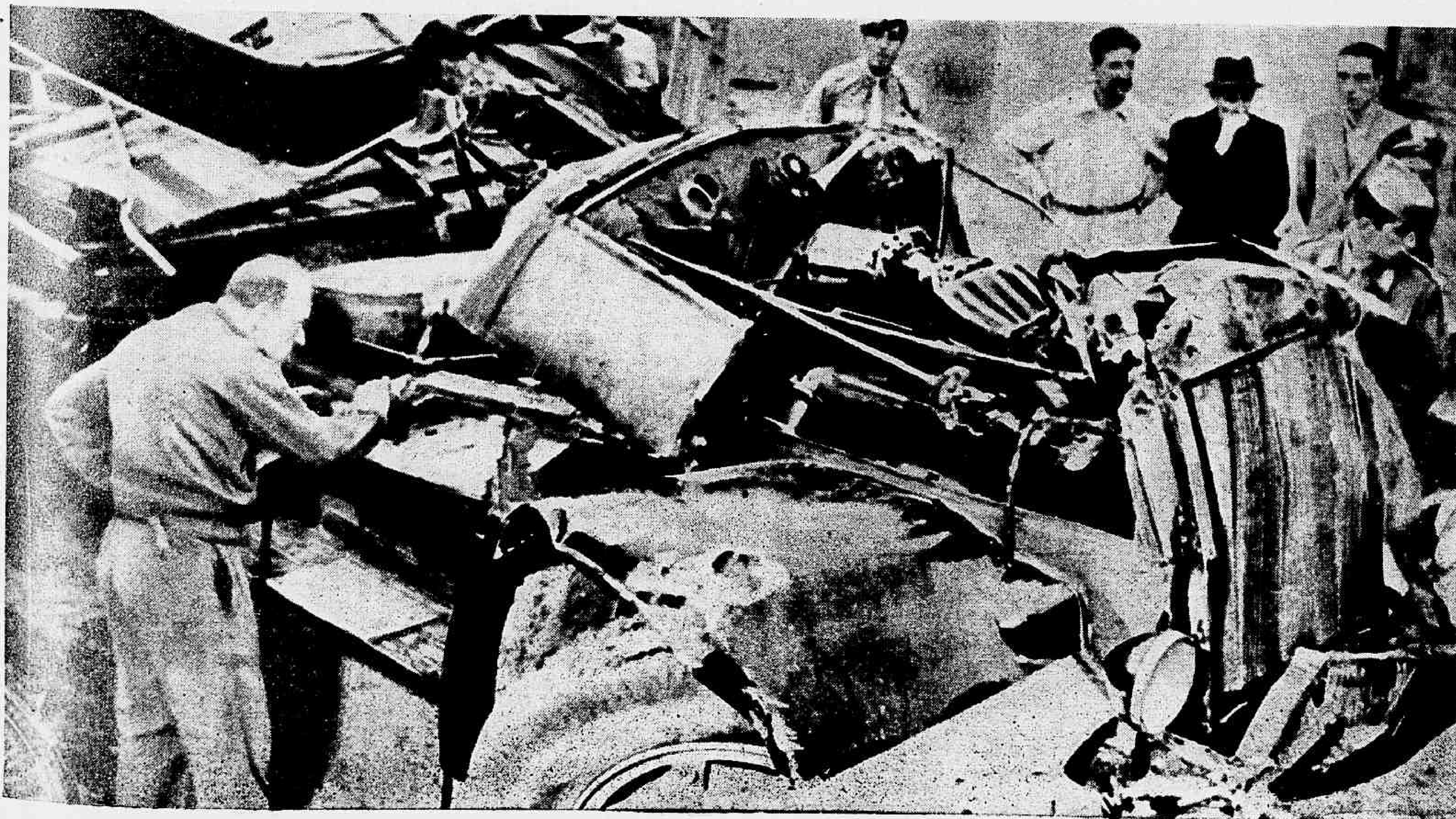
ALGEMA DE PÉS



Por mais segurança que os fabricantes de automóveis dêem aos carros de suas fábricas, continuam os ladrões de automóveis a progredir em sua missão ilícita de gozar das delícias de "Cadillacs" *rabos-de-peixe*, sem a menor responsabilidade de importação e pagamento. Todos os dias, nas grandes cidades, lemos nos jornais as notícias angustiadas de cidadãos que ficaram sem seus carros. Os gatunos de automóveis aumentam de volume e de sagacidade. No Rio, por vêzes, chegamos a estas modalidades: o gatuno de tais veículos metem o pé no arranco, não para ficar com o carro; mas para ter o prazer de dar umas voltinhas com amigos e suas amadas. Perseguidos pela polícia, deixam os veículos abandonados aí pelas estradas, quando não, na fuga precipitada, os arrebentam de encontro a árvores e paredões. Até agora nada surgiu que detivesse a marcha dos gatunos de automóveis. Entretanto, coube à Cidade de Viena resolver o problema. Um cidadão, depois de matutar durante dias, inventiu um processo que vai dar certo. Colocou no pedal do carro, bem disfarçada, uma espécie de algema-ratoeira que se fecha violentamente sôbre o pé do ladrão, logo que êste põe em funcionamento o motor e o carro. E não é só isso. Simultâneamente, com o golpe da ratoeira, começa a funcionar a buzina do auto que vai ser furtado, chamando a atenção de quem passa. Não é engenhosa a invenção? Entretanto, ao saberem disto, os senhores gatunos de automóveis de Viena se reuniram e combinaram meios de neutralizar o invento. Por outro lado, no caso de distração, seriam os próprios donos dos carros que ficariam presos à sua armadilha...



TODOS OS JORNAIS DO MUNDO divulgaram a dolorosa notícia que veio de Fusine, Itlia, acêrca de trágico acidente com grande ônibus onde viajavam 102 pessoas, dentre estas, 83 crianças. O pesado veículo, correndo vertiginosamente pela estrada militar de Poscolle, ao chegar a um local estreito, perdeu os freios e o motorista, com a intenção de evitar maior desastre, encostou o carro à ribanceira rochosa da estrada. O chóque foi tão violentíssimo, resultando do acidente onze mortos e dezenas de feridos. Aqui vemos dois aspectos da tragédia: o estado em que ficou o carro e uma criança, salva incólume do acidente, abraçada por sua mamãe, que a beija emocionada.





PRIMA DE CHURCHILL

ESTA senhora se chama Clara Sheridan, e é prima de Winston Churchill. Da família do famoso Premier Britânico é a única a seguir o catolicismo. Mas, como se deu a conversão de Mrs. Sheridan à Igreja de Roma? Dizem que foi por ocasião da última grande guerra. Estando ela a residir numa casa muito exposta à devastação das bombas-voadoras alemãs, fêz uma promessa: se escapasse com vida, logo que acabasse a luta, ela iria abraçar o catolicismo. E assim cumpriu. Em 1946 foi a Assis, na Itália, e, em cinco dias, foi recebida como católica na igreja dessa religião. Antes, em 1911, já Clara havia recebido outro favor de Roma: o nascimento de uma filha. Ela pediu ao Papa esta graça, pois estava casada havia já três anos e não tinha filho. Clara, que é escultora, foi a Roma a fim de fazer um busto do Papa.



A VITÓRIA DO CÃOZINHO



E' comum vermos, à entrada de edifícios de apartamentos, uma fôlha de papel dentro de caixilhos envidraçados, contendo em tipo miúdo, circunstanciado "Regulamento" para disciplinar a vida e os hábitos dos senhores inquilinos. Dentre tais exigências uma há que é fatal e obrigatória: "E' proibido manter cães ou animais que perturbem o sossêgo dos demais aposentos". Por êsse motivo acaba de dar-se mais um caso judiciário no Fôro desta capital profundamente caninificada. Uma emprêsa proprietária de edifício de apartamentos em Copacabana, intentou ação de rescisão de contrato de locação pelo fato de um seu inquilino ter infringindo o "Regulamento" e adotado um cãozinho dêsses de enfeitar o colinho das meninas. O proprietário não gostou da história e foi em cima do cão e do dono. Mas o dono do cão, que também é poderoso e homem de recursos, contrapôs à vitória do proprietário, por sentença da 8ª Vara, uma ação de nulidade, alegando que, pela Constituição, ninguém pode ser obrigado a fazer alguma coisa senão em virtude de lei. E como não há lei nenhuma que proíba possuir cachorros em apartamento, estava claro que o réu tinha direito de possuir o cãozinho inofensivo em seu apartamento. Foi o caso para a última instância e as Câmaras Cíveis Reunidas do Tribunal de Justiça receberam os embargos e reformaram o acórdão embargado, restabelecendo a sentença de primeira instância, decretando a improcedência da ação. Não há dúvida. Se o animalzinho é inofensivo, comporta-se convenientemente, com muito mais discreto procedimento do que muitos marmanjos de blusão, para que tanto barulho?

DE SACRISTÃO A PREFEITO

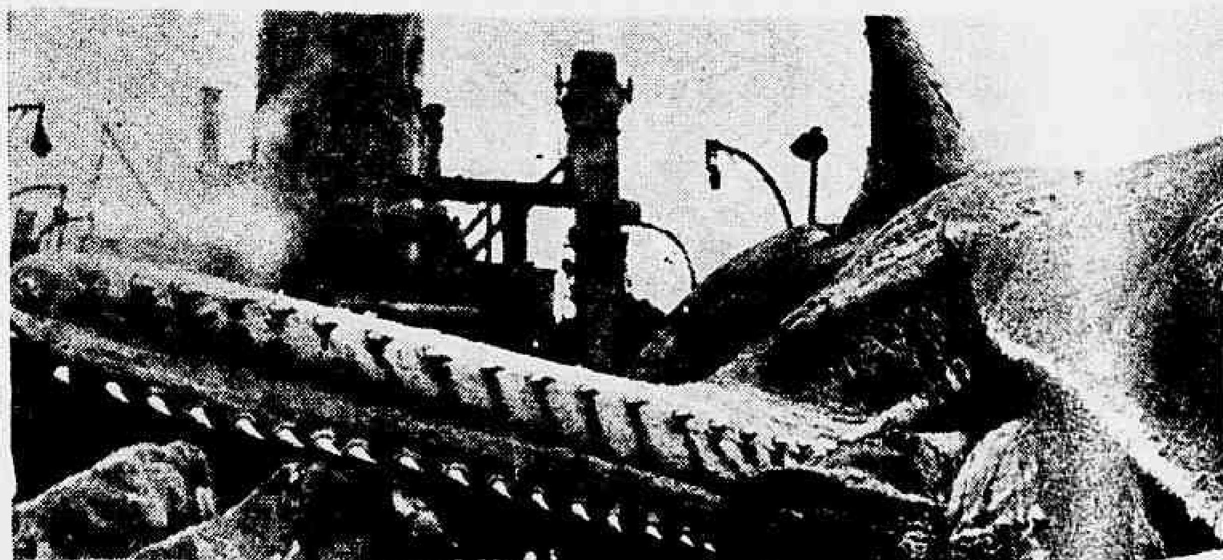


Todos nos lembramos do que foi o periodo de milagres do bonissimo Pe. Antônio, de Urucânia, em Minas Gerais. Modesto aglomerado humano do municipio de Rio Casca, na zona da Mata, servida pela Leopoldina Railway, Urucânia estêve na berlinda durante meses seguidos. Muita gente aproveitou os poderes taumatúrgicos do humilde sacerdote, espécie de Pe. Cicero lá do Joazeiro, no Ceará; mas quem soube aproveitar muito mais foi o sacristão Raimundo. Não que se aproveitasse ilicitamente, puxando para si as brasas de tôdas as sardinhas; mas, politicamente. Por mais estranho que pareça, a politica influi também em tais coisas, e serão hábeis aquêles que souberem tirar partido de episódios que, aparentemente, nada têm que ver com a arte de guiar as massas e vencer nas urnas. Que fêz, porém, o sagaz sacristão do Pe. Antônio? Esperou uma oportunidade e surgiu como politico. Nas eleições do dia 3 de outubro, inscreveu-se como candidato à Prefeitura de Rio Casca. Seu nome chegou a ser tão popular como o do próprio Pe. Antônio, e, com as ajudas do mesmo sacerdote que o estima, seria vencedor, na certa. E foi mesmo. As urnas de Rio Casca lhe deram a vitória, embora se apresentasse como seu competidor um sacerdote, o Pe. Napoleão, vigário local. Mas, nem tudo que reluz é ouro, já diziam nossos tetravós entre pitadinhas de rapé de Londres. E o concorrente derrotado, contando com simpatias do povo, está achando graça na situação do sacristão: o comércio de Rio Casca ameaça fechar as portas se êle tomar posse. Pelo que parece, os protestos contra Raimundo em Rio Casca o ameaçam de ver tudo de águas abaixo, sem que possa tirar sua casquinha...

LIÇÃO DO SELVAGEM



Essa história de discos voadores recebeu agora uma de mestre. Como todos sabemos, a imprensa do mundo inteiro tem andado a espalhar noticias alarmantes acêrca dos fenômenos voadores que andam pelos céus a meter mêdo a todos. Em primeiro lugar, dizia-se que eram "pires" voadores. Depois, passaram a ver "pratos", e, últimamente, os animais que voam misteriosamente são "discos" de procedência ainda não desvendada. Reunem-se os sábios, os físicos, os astrônomos, os aviadores e até cartomantes e adivinhos; todos discutem o assunto e não se chega a qualquer conclusão. Haverá mesmo discos-voadores? Serão estranhos engenhos de gente de outros planêtas? Um dos sábios convidados a falar disse que, na sua opinião, trata-se de marcianos que procuram conhecer com detalhes a atmosfera da Terra, para pousar com os seus aparelhos muito mais adiantados do que os nossos aviões de propulsão a jato. Mas, felizmente, agora em Salisbury, na Rodésia, o mistério foi desvendado. E por quem? Por algum técnico? Algum sábio? Algum matemático e astrônomo? Nada! Quem desvendou a coisa foi um índio! Estava o selvagem calmamente a pitar o seu cachimbo filosófico, quando viu passar vertiginosamente o corpo sideral de uma estranha beleza. Estava iluminado e deixava uma esteira de fumo. No dia seguinte os jornais diziam que aquilo era o disco-voador; mas o chefe indígena rodesiano levou aos sábios diversos fragmentos do "disco-voador": eram pedaços do aerólito que metera tanto mêdo aos crédulos. E assim ficou resolvido o estranho fenômeno...



O FUNDO DOS MARES escondem especimes de que não temos, sequer, notícia. Há animais da fauna marinha que vivem a profundidades inconcebiveis, em meio à mais absoluta escuridão e onde os raios do sól não penetram de forma alguma. O monstro marinho que apresentamos neste cliché não é nenhuma espécie das profundezas atlânticas ou do Pacífico misterioso; mas não deixa de ser espantosa a sua conformação física. Trata-se de uma espécie de baleia, vive nos mares do Chile e se caracteriza pela estranha conformação de sua mandibula inferior, que tem seis metros de comprimento, em forma de serra com dupla fila de presas com as quais apresa polvos e outros animais menores no fundo do oceano, para nutrir-se e viver.

QUE ESPÊTO



Há três figuras neste mundo que se tornaram pontos culminantes de divergência entre os povos: Stalin, Mussolini e Hitler. Todos três, chefes de ideologias que provocam lutas, discussões e guerras sangrentas, se tornaram conhecidíssimos por tôdas as esquinas dêste planêta sofredor e aloucado. Hitler, que, não possuindo nenhuma característica excepcional para fazer-se reconhecer lançou mão de artifícios, como a pastinha e o bigode caricato, tornou-se popularíssimo no mundo. Mussolini, rosto gordo e vulgar, ensaiou poses oratorianas e se impôs às massas fanatizadas pela imponência do porte de conquistador medieval. Stalin, como bom russo georgiano, resistiu à moda das caras raspadas e manteve o seu bigodão à lusitana, tornando-se uma fisionomia popular no mundo inteiro, competindo com o charuto de Mr. Churchill. Os dois primeiros, Hitler e Mussolini, desaparecidos com o esmagamento do nazi-fascismo, sempre que se descobrem certas pessoas com semelhanças fisionômicas com os mesmos, passam os sósias a sofrer maus quartos de hora. E isso tem sucedido várias vêzes. Ùltimamente foi em Frankfort. Apareceu um cidadão muito parecido com Hitler e causou reboliços até na polícia internacional. Convidado para raspar o bigode e desfazer a pastinha, o "Hitler vivo" respondeu que estava muito satisfeito com isso. Agora, porém, na Itália, quando funcionava o Tribunal de Justiça em Roma, surge um cidadão que era a cópia exata de Stalin. Foi um horror. Todo mundo afluiu para ver o chefe soviético. A polícia interveio e isolou o sósia, modesto caixeiro-viajante. Pediram que cortasse os bigodes; mas o cidadão romano respondeu que estava muito satisfeito com isso...

CARTA COM O CHEQUE



Não se pode imaginar o que é o serviço de recepção, seleção, distribuição e entrega de correspondência numa repartição postal da importância da de Londres, Paris, Nova York, Rio, etc. O que se acumula aí pelas seções é de espantar. O que os Correios das grandes cidades executa, entontece o mais frio dos observadores. Cartas, livros, jornais, circulares, registrados com valor, registrados simples, correspondência aérea, expressa, registrada ou não; encomendas de todos os tipos, tamanhos e espécies, um aluvião de coisas que atordoa e espanta pela multiformidade. São milhões de coisas que chegam e saem diàriamente. Ora, não é de espantar que, uma vez por outra, se extravie uma carta, uma encomenda em meio a tantos milhões cotidianamente compulsados. Dentre os recordes de demora que já se registraram no mundo, em matéria de entrega de carta, surge um agora no Correio de Londres. Em 1895, foi uma carta com um cheque de 38 libras expedida da cidade de Slough para Harrow, carta esta que jamais chegou ao seu destino; mas, indo abaixo agora a casa de Harrow, que continha a caixa coletora de correspondência, ao demolirem o edifício, abriram a caixa do correio e... surprêsa! Lá estava, colada a uma das paredes do receptáculo, a carta de 1895 com o chequezinho dentro. Explicam o fenômeno pelo seguinte modo: quando a carta foi jogada dentro da caixa, esta, que estava pintada de novo, atraiu o envelope e o grudou. O mais curioso é que o cheque foi apresentado ao Banco e êste o pagou. E os juros de 55 anos?

UM MONTE QUE ESTÁ CRESCENDO



Segundo os geólogos, as serras, as colinas, os montes tendem a diminuir de tamanho. As causas são muitas e ao alcance de todos que fizerem observações. Dentre as principais, temos a erosão pelo vento e pelas chuvas. Uma montanha que, pouco a pouco vai sendo devastada pelas enxurradas e ventos fortes, perde vegetação, terra, e, se não possuir um lastro de granito, um dia desaparecerá. Mas, mesmo as que têm a consolidação das rochas, desaparecem pela desagregação. E' questão de tempo, pois "água mole em pedra dura tanto bate até que fura"... Entretanto, há um monte neste mundo esquisito que, ao invés de rebaixar-se, está crescendo! E' o Monte Everest, considerado o mais alto pico do mundo, lá no teto do Planêta, no Himalaia. Os geólogos indianos reconhecem que o Everest está aumentando de altura e, desde que foi descoberto e medido pelo seu descobridor, um tal Shri Radhanath Sinkhdar, já cresceu duzentos pés! Isso é espantoso e vem revolucionar tôdas as teorias sôbre a influência das intempéries, dos ventos, das desagregações geológicas, da neve, de tudo o que açoita o cume de montanhas do porte daquela. Ora, se o Everest está crescendo tão vertiginosamente, ou seja, uns sessenta metros em cada cem anos, que não será êsse monstro de neve e mistério daqui a mil anos? E como está crescendo? Pelo acúmulo de gêlo? Pela superposição de rochas, terra? Os cientistas indianos nada adiantam. Só dizem que o fenômeno se deu: o Everest, que, em 1852 estava com vinte-e-nove mil pés de altura, está agora com vinte-e-nove mil duzentos-e-dois! Será que lhe estão dando vitamina?



OS TURISTAS E PESSOAS QUE procuram a ilha de Capri, Itália, para descansar e divertir durante alguns dias, costumam inventar certas coisas que se ligam a esporte e a passa-tempo. Dentre as excentridades, mais em evidência, uma há agora criada pelos hóspedes da famosa ilha, que tem servido de boa diversão e prova de que os ilhéus de emergência possuem bom coração. Como vemos pela foto, o ator Memo Benassi, cumpriu uma tarefa incluída do novo esporte: salvou da pobreza e da miséria esta cadelinha rajada, que recebeu o nome de Zazá. Zazá fêz seu «debut» na sociedade de Capri, passou a ser tratada com desvelo, boa alimentação, boa cama e até «maquillage» e unhas cor de rosa...





ÊSTE É UM DOS DOLOROSOS dramas dos casais que se desentendem e arrastam na desarmonia pobres crianças que nada entendem e só fazem sofrer antes de compreender as desgraças do mundo. O Sr. Gerald Daynes e sua esposa Eunica Daynes, se desentenderam. Ela dizia e sustenta que não era possível suportar o marido, um neurastênico no mais alto grau. Mas, entre ambos havia uma criança de 3 anos, linda e mimosa, a pequenina Laurel. E todo o drama passou a girar em tôrno da posse da criança. Mrs. Daynes, perseguiu o marido que raptara a filha, e andou de trem, navio e avião, até que o descobriu. Êle, vendo que o Tribunal dava razão à esposa para ficar com a menina, tentou suicídio ingerindo soporíferos em grande dose. E agora, o divórcio.



NO HIMALAIA UMA AMEAÇA

JACY REGO BARROS

NóS outros, os do Ocidente, desde os mais eruditos aos mais simplórios em cultura, estamos familiarizados com a história européia e com os acontecimentos político-sociais dela decorrente. Por aí vamos a Grécia, a Roma, ao Egito e ali assim pela Pérsia esbarra o nosso asiatismo. Não há nisso nada de mais porquanto é realmente daí que se originam as formações culturais em que vivemos. O próprio Cristianismo, que nos leva às fímbrias da Ásia, destas lindes continentais não passa. Sendo assim, não é possível que de uma hora para outra nos habilitemos a discutir descriminadamente tudo que se passa na grande Ásia e muito especialmente em regiões como a do Tibet, não muito conhecidas pelos próprios asiáticos.

E não há nada de mais nesse desconhecimento, mesmo por parte de um asiático, porque afinal aquêle continente é bem maior que a ilha de Paquetá. Na zona do Himalaia, a cordilheira mais alta do globo, encrava-se o Tibet. Seu passado e suas histórias entrelaçam-se bastante com a do Império do Meio — a China — e, por várias vêzes, a China foi lá sem contudo triturar-lhe as situações domésticas no tocante a administração e a crença.

Kang-hi é um dos responsáveis por penetrações que tais ali assim por 1720. Localiza-se o Tibet na região hamalaiana. Dizendo-se dos que confinam com o Tibet já teremos feito uma pálida locação: Turkestão Oriental ou chinês, província de Koukou-Nor, província de Se-Tchouen e as possessões britânicas da Alta-Birmânia, Assam, Bhoutan, Sikkim, Nepal e Chachemir. A dependência da China é a decorrente de uma nação menor em face de um grande império, tendo com êste e para maior prejuízo, estreitas relações étnicas. Neste caso temos como exemplo europeu a Tchecoslováquia e outros países cujas porções étnicas os deixam sempre às ordens influenciais da nação mais forte do momento: 2.000.000 de km² e dois ou três milhões de habitantes, são o quadro geográfico e populacional do Tibet. Clima sêco, não próprio para a agricultura; reservas minerais e muito especialmente de ouro, sendo essa fatalmente a situação de prêsa dos impérios de tôdas as épocas. Como?! Outro, além do chinês, exerceu influência no Tibet? Claro que sim. As potências européias sem dominação militar muito trouxeram de lá. O ouro da região de Kouen-Lun como também de Sarthol e desta muito especialmente vem para a India, onde a Europa exerceu influência. Para o lado oposto, agora na direção da Pérsia, o ouro se encaminha também. Sabemos que a Pérsia teve grande fôrça, e podemos avaliar a sua pressão até lá.





Certos incidentes que bem não conhecemos fizeram com que aborígenes Miaotzé e Lo-lo do Tibet Oriental interditassem a região às mulheres chinesas. A poliandria é a prática conjugal aceita.

Bon-pa é o culto clássico dessa gente. O budismo, revestindo-se de características próprias às variantes, logra chegar ao Tibet sem deslocar de todo Bon-pa. Daí resultou a forma teocrática daquela gente, mescla das duas crenças, tendo como chefes Talé-lama ou Dalai-lama (Lhassa) e Pang-tchen-rin-po-teché (Chigatze).

Dizem os cultores da Teosofia que nesta região existem ordens conventuais de grande altura sapiencial, estando entretanto desligadas da influência política do estado local.

Não tendo manufatura importante, ou talvez mais acertamente em grande escala, produzem lã, bijouteria, perfumes e diversas outras coisas que no século XVI chamaram especiarias.

Êste é o povo, aquela a região e os seus recursos. A situação estratégica é existente porquanto na luta entre os dois mundos: o soviético e o outro, o Tibet representa uma situação quase que de equidistância para incursões aéreas dirigidas para a Birmânia, para a India, para o Irã e mesmo para o Egito.

As notícias afirmam que a China continental, sob a influência soviética, pretende voltar as vistas para o Tibet. Será justificado êste ato pelas razões étnicos-históricas que levaram Kang-hi até lá.

Pouco afins com a Europa, desde a interdição posterior à penetração jesuítico-capuchinha, a gente do Tibet verá sempre como de menor hostilidade uma influência vinda da China, sem consultar a fonte geradora marxista da penetração.

Ao poder central do comunismo internacional interessa mais o Tibet como ponto estratégico do que mesmo pelo ouro que êle possa fornecer.

E' fora de dúvida que, deslocando uma parte da questão asiática para a região do Himalaia, sem diminuir a pressão sôbre as fímbrias continentais, Coréia, Formosa, etc., os dirigentes soviético-chineses tornarão, pelo menos de momento, bem mais séria a situação para as democracias euro-americanas.

Daí, entretanto, não devemos ir à conclusão apressada de que a sovietização geral da Ásia iniciou sua fase final, porque, de veras, para tanto, muito há por fazer.

Quando o General Von Romel chegou às lindes egipcianas, completando o grande lance da tomada de Creta, pensávamos todos ser impossível um estancamento germânico e, entretanto, isso ocorreu.

Assim, êste simplório comentário, não faz prognósticos e apenas anuncia uma coisa real, a de que há um agravamento de situação para as democracias na expansão soviético-chinesa para o Tibet.

E revelando as relações históricas sino-tibetanas, sendo nesse caso a China a nação favorecida, o lance de agora pode ter justificativas históricas, da classe PENINHA PARA ATRAPALHAR, variante diplomática muito conhecida e que teve cópias várias na Europa, há bem pouco, em casos como os dos Sudetos, de Trieste, etc.

E mais: vai ser dito também que as democracias nada têm que ver com as questões do Himalaia.

E' por isso que afirmamos: no Himalaia uma ameaça. Como foi dito em relação à Coréia, antes da derrocada militar soviética.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Impressões de Chico Xavier (Celestino Silveira) 3
Na ilha de Liliput (Sabino Canalini) 14/17
O lugar da mulher é no lar (Mônica Pearson) 18
O locutor da Ave-Maria (Abdias Rodrigues) 26/27

LITERATURA

Semana Literária (Edmundo do Ly). 10/11
Porcelana (Vicente C. de Carvalho). 24
O crime da famosa escritora (Yolanda C. R. Lorenzato) 12
A Vida de Ernestine Schumann Heink. (Henry-Dana Lee Thomas) 12
No Himalaia uma ameaça (Jacy Rego Barros) 58

ATUALIDADES

A terrível vingança do Anapurna. 20/21
Escultura ao vivo 45

TEATRO

Catarina da Rússia 8/9

HUMORISMO

O Baile da Vitória (Theo) 13
...Delas (Nicodemus) 25
Bom Humor 44

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 6
Personagem da Semana 6
Puxe pelo cérebro 7
Correio da Revista 48
A Saúde do Bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 50
Palavras Cruzadas 51
Música (Roberto Lyra Fo.) 52
Tudo isto aconteceu 55/57

FEMININAS

Vestidos bordados 35
Sugestões variadas 36
Modelos juvenis 37
Listras. 38
Mocinhas 39
Roupas de interior 43
Modelos em tafetá 43
Week-End na Cozinha 41/43

CINEMA

Um vulcão de amor 40/41

FOLHETIM

Surpresas de um casamento 54

ILUSTRAÇÃO

Orval

BONECOS

Rafael

FOTOS

Celestino Silveira — Carlos — Sabino Canalini — Jay — Walter Morgado — Avulsas.

*

NA CAPA

Linda Grey
(Foto Keystone)

Respostas ao teste

1 — Caxias
2 — No Rio (Colégio dos Jesuítas)
3 — Felipe II
4 — No Atlântico
5 — Dança espanhola
6 — Chile e Argentina
7 — O mais ilustre dos 7 sábios da Grécia
8 — Humboldt
9 — Nevoeiro de Londres
10 — Malcho
11 — Assassínio de Pinheiro Machado
12 — H.P. (horse power — cavalos-vapor)
13 — Flagelo de Deus
14 — Desdemona
15 — Gambiarras
16 — Joan Crawford
17 — Frederic March
18 — Marte (aproximadamente 72 milhões de quilômetros)
19 — Notícias e Documentários
20 — Hong-Kong.

MOVEIS E DECORAÇÕES



★

GRUPOS ESTOFADOS

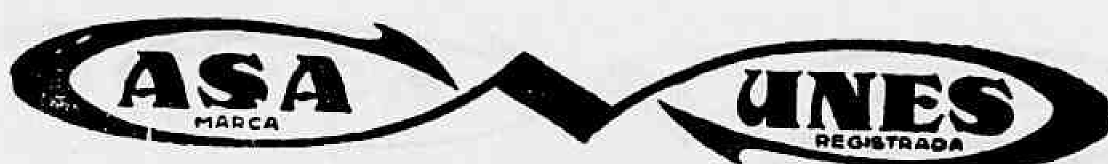
especialidade de nossas oficinas

prontos para entrega imediata.

TAPETES e PASSADEIRAS

de forração, lisos e com flores

ORÇAMENTOS E SUGESTÕES
EXECUTADOS POR
TÉCNICOS-DECORADORES



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO



A coerência é um atributo das pessoas de bom gosto. Quem sabe apreciar uma sonata de Beethoven, um prelúdio de Debussy, também dá valor a um bom cigarro... Por isso Hollywood é hoje uma tradição da sociedade brasileira. Tabacos finos, rigorosamente escolhidos, harmoniosamente combinados, deram a Hollywood esta posição ímpar. Hoje, Hollywood conta com mais fumantes que todas as outras marcas da mesma categoria combinadas — e você, como pessoa de bom gosto, também aprecia Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

H-88.066

um produto SOUZA CRUZ